3BIENALBLACK

Fluxos [in]Fluxo

Transitoriedade, Migração e Memória



Rio de Janeiro

2024

Ficha Técnica da Capa
Luis Gustavo Guimarães
Obra: Eco Ancestral
Ano: 2024
Técnica: Collage Analógica
Tam. A4

Fluxos (In)Fluxo

Transitoriedade, Migração e Memória

2024

Rio de Janeiro – RJ
Brasil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

3 Bienal Black: fluxos (in) fluxo:
transitoriedade, migração e memória / curadoria
Patrícia Brito. -- 1. ed. -- Porto Alegre, RS :
Black Brazil Art, 2024.

Vários colaboradores.
ISBN 978-65-99015-3-2

1. Artes - Exposições - Catálogos 2. Cultura negra
3. Fotografias I Brito, Patrícia.

24-219660 CDD-700.74

Índices para catálogo sistemático:

1. Artes : Catálogos de exposições 700.74

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Conteúdo

Palavra da curadora geral e idealizadora	07
Artistas	09
Sobre o tema: Fluxos (In)Fluxo: Transitoriedade, Migração e Memória	11
A proposta expográfica	13
Pré-estreia e abertura	15
Linhas Insurgentes	27
Redes de Transmissão	71
Coletivo FRENTE - Sabe aquele instante?	97
Práticas Geradoras	107
As Duas Faces de Exu - Cris Marcos	111
Exu de múltiplas fases interritoriais - Oscar D'Ambrosio	
Reflexões sobre a apropriação e transformação do conceito da fofoca ao revés de sua instrumentalidade em benefício do patriarcado – Coletivo Arla	139
Memórias (trans)locadas	143
Visible el arte y la fotografía afropuertorriqueña en Brasil – Edwin Velázquez	165
Fabular, desdobrar, abrazar – Julio Pereyra	173
Interseccionalidad y diversidad artística – Claudia Mandel Katz	179
Fluxos (In)Fluxo	187
Guadalajara con A de artista – María de Luca	197
(RE)imaginando o Cubo Preto	205
Vinicius	213
Créditos	215

Eixos Expositivos

Linhas Insurgentes
Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica
De 27 de março a 25 de maio

Redes de Transmissão
Centro de Artes Calouste Gulbenkian
De 27 de março a 25 de maio

Memórias (trans)locadas
Centro Cultural Correios
De 27 de março a 11 de maio

Práticas Geradoras
Cidade das Artes
De 28 de março a 30 de abril

Fluxos (In)Fluxo
Espaço Cultural Correios em Niterói
De 28 de abril a 08 de junho

(RE)imaginando o cubo preto
Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos
De 10 de maio a 15 de junho



Patrícia Brito

Curadora geral e idealizadora

A história da Bienal Black em suas edições não é apenas sobre arte. Também é uma história de pessoas: dos moradores locais e artistas, curadores e educadores, público e equipe de trabalho, voluntários, estudantes e participantes dos programas de residência artística virtual compartilhada que deram e dão corpo a temática de cada edição pensando passado, presente e futuro. A Bienal Black foi criada a partir de uma crítica direta aos espaços que apresentam a arte contemporânea no Brasil e quem são os artistas que ocupam e circulam nesses espaços. Ao ser um lugar criado por e para pessoas, a Bienal Black enfatiza um "recorte" de gênero e raça ao apresentar um acervo, continuamente reconstituído para garantir que resista como uma exposição coletiva — sensível às mudanças e aberta a novas ideias. A ambição do projeto 3ª Bienal Black é uma extensão deste convite contínuo e, de muitas maneiras, uma virada do avesso de uma Bienal de arte demarcada em diferentes territórios da cidade do Rio de Janeiro. Com o tema de Fluxos (In)Fluxo: Transitoriedade, Migração e Memória, continua a cumprir sua missão original de envolver as pessoas em uma conversa recíproca única, possibilitada pela arte, sobre questões e ideias que afetam nossas vidas. A Bienal é um lugar que reúne as pessoas por meio



Cidade das Artes

da arte, para compartilhar e aprender sobre nós mesmos, uns aos outros e nosso mundo. No cerne da visão dos Fluxos está a consciência de que a participação nas experiências possibilitadas pela arte oferece a oportunidade de experimentar um momento cristalizado (ou um estado contínuo) de consciência. A arte não é neutra — é um catalisador profundo para criar consciência sobre nós mesmos e como podemos participar coletivamente no mundo. Esta compreensão alimenta a urgência do trabalho da Bienal Black e motiva o volume da programação oferecida. Centenas de artistas diferentes contribuem em cada edição com obras de arte para os programas de exposições, e muitos mais participam de eventos. Em seu compromisso de proporcionar acesso à arte contemporânea, a Bienal Black ouve os artistas e visa tornar a sua arte acessível a todos. Mais de 300 artistas estiveram envolvidos entre o circuito expositivo que percorreu diferentes espaços na cidade do Rio de Janeiro e de Niterói, e nas atividades proporcionadas – presencial e virtual, pelo período de 3 meses. Além disso, a Bienal Black buscou a ajuda de quatro curadores que maravilhosamente atribuíram conteúdo ao pensamento crítico que refletiu sobre memória e senso de pertencimento em uma jornada que criou arquivos ou dispositivos de memória de um "devir" – um processo de transformação, de vir a ser ou de mudança constante.

ARTIS TAS

Linhas Insurgentes

Aldenor Prateiro, Rio Grande do Norte
Ailarrubi – Thais Nogueira, São Paulo
Bruca Manigua, Rio de Janeiro
Brenda Cruz Díaz, Porto Rico
Carola Vázquez Gil Invernizzi, Uruguay
Coletivo NósDuas, São Paulo
Cecifrance Aquino, Paraná
Cristina Rosa, Paraná
Dalva França de Assis, Santa Catarina
Daniela Vignoli, Rio de Janeiro
Elizabeth Rocha, Rio de Janeiro
Elson Junior, Bahia
Flavia Fabiana, Goiás
Guiliano Lucas, Rio Grande do Sul – Rio de Janeiro
Hannah 23, Rio de Janeiro
Isabela Saramago, Rio de Janeiro
Jorly Flores, Porto Rico
Júlia Steffen, Santa Catarina
Juliana Pereira dos Santos, Rio de Janeiro
Juvêncio Vilhena, Bahia
Karine de Souza, Rio de Janeiro
Ketsia Camacho Ramos, Porto Rico
Léa Juliana, Distrito Federal
Leila Bohn, Rio Grande do Sul
Leoni Antequera, Bolívia – São Paulo
Liege Santos, Rio de Janeiro
Lila Deva, Bahia – Rio de Janeiro
Luciana Ferreira, Paraná
Lucimélia Romão, Minas Gerais - Bahia
Luis Gustavo Guimarães, São Paulo
Margherita Isola, Espanha
Maria Amélia Fonseca, Minas Gerais
Matheus Crespo, Rio de Janeiro
Micha, São Paulo
Mayra da Silva, Uruguay
Nitzayra Leonor C. Dalmau, Porto Rico
Pablo Javier L. Montero, Uruguay
Ramitla – Altimar da Conceição, Distrito Federal
Rafael Fernando, Pará
Rhay, São Paulo
Renata Amaral, São Paulo
Rosa Ferreira, Minas Gerais
Rosi Costah, Santa Catarina
Rodrigo Sini, Rio de Janeiro
Sandra Becker, São Paulo
Thix, Rio Grande do Sul – Rio de Janeiro
Victor Marin, Venezuela - Rio de Janeiro

Redes de Transmissão

Aldenor Prateiro, Rio Grande do Norte
Afrokaliptico, São Paulo – Rio Grande do Sul
Ana Brito, Rio de Janeiro
Azula, Rio de Janeiro
Aryanna Marah, Goiás
Claudia Seber, São Paulo
Daia Moura, São Paulo
Fernando Bernardes, Bahia
Hugo Paz, São Paulo
Ilse Ana Piva Paim, Rio Grande do Sul
Jacy Bastos, Espírito Santo
Júlia Steffen, Santa Catarina
Jéssica Ximenez, Rio de Janeiro
ALUNOS DA RAJ – MUSEU DO SAMBA
Ana Luiza Alves, Rio de Janeiro
Ana Beatriz Alves, Rio de Janeiro
Anna Karolainy, Rio de Janeiro
Gardêncio, Rio de Janeiro
Adriano Feliciano, Rio de Janeiro
Bruno Roberto da Silva, Rio de Janeiro
Ketsia Camacho Ramos, Porto Rico
Lionizia Góya, Goiás – Minas Gerais
Lívia Monteiro, Rio Grande do Sul
Lívia Passos, Bahia
Maria Esmênia Ribeiro Gonçalves, Santa Catarina
Márcia Umbelino, Rio de Janeiro
Mari Gemma De La Cruz, Rio Grande do Sul - Mato Grosso
Marisa Paulo - Portugal
Maria Stalla, Rio de Janeiro
Patrícia Costa – Paraíba – Rio de Janeiro
Rodrigo Casteleira, Rondônia
Saulo Martins, Rio de Janeiro
Suyan de Mattos, Rio de Janeiro – Distrito Federal e Eduardo Mariz, Rio de Janeiro
Tati Garcia, Rio Grande do Sul
Vanessa Monteiro, São Paulo – Rio de Janeiro

COLETIVO FRENTE (RJ)

Adenirê Lopes, Rio de Janeiro
Ale Lourenzo, Rio de Janeiro
Aline Fonseca, Rio de Janeiro
Crislayne Marques, Rio de Janeiro
Fotogracria, Rio de Janeiro
Isaac Ramos, Rio de Janeiro
Ju Namastê, Rio de Janeiro
Léo Lima, Rio de Janeiro
Lucas Vidotti, Rio de Janeiro
Nana Perdomo, Rio de Janeiro
Paula Correia, Rio de Janeiro
Pedro Siqueira, Rio de Janeiro
Ulysses Giesta, Rio de Janeiro
Vicente Costa, Rio de Janeiro
Vinicius Gentil, Rio de Janeiro
Yuri Perini, Rio de Janeiro

Memórias (trans)locadas

Alexandra Idrobo, Colômbia
Aleixo e Renato Sancharro, Pernambuco
Anthè Walters, Canadá

Ana Brito, Rio de Janeiro
Brenda Torres Figueroa, Porto Rico
Claudia Prechedes, Brasil - Argentina
Claudia Doare, Canadá
Coletivo Moriviví, Porto Rico
Deyaneira Lucero M. Ramirez, Porto Rico
Elfy Castro, Canadá
Flavia Fabiana, Goiás
German Ayala Vázquez, Porto Rico
Jamilah Lambert-Jackson, Canadá
Jose Arturo Ballester Paneli, Porto Rico
Julio Amil, Porto Rico
Khauane Farias, Rondônia
Luisa Nieves, Venezuela-Costa Rica
Marcela Cavallini, Rio de Janeiro
Mari Gemma De La Cruz, Mato Grosso
Mina Bárcenas Jiménez, México
Pixel Heller, Canadá
Rafa Silva, São Paulo
Uzoma Ekpunobi, Canadá
Zaira Tarin, Minas Gerais
Walter Mauro, Bahia

Práticas Geradoras

Daniela Castillo, Chile-Argentina
Cris Marcos, São Paulo
Georgia Hannud, São Paulo
Kira, São Paulo
Chris Acyoli, Rio de Janeiro
Izane Schul, Rio Grande do Sul
Regina Garbellini, São Paulo
Beca Chang, São Paulo
Mazé Andrade, Pernambuco
Nádia Saad, São Paulo
Erica Sanches, São Paulo
Marcia Ferreira, São Paulo
Carlo Cury, São Paulo
Armando Ribeiro, Minas Gerais
Lilli Vilela, São Paulo
Paulo Fariah, Minas Gerais
Emília Gontow, Rio Grande do Sul
Gabriel Pinto, Minas Gerais
Gina Abreu, Espírito Santo
Kaia, Santa Catarina
Alice Rheingantz, Minas Gerais
Rodrigo Novack, Santa Catarina
Rosylene Pinto, Mato Grosso
Richard Calhabeu, São Paulo
Salete Lottermann, Paraná
Ana Maria Xavier, Minas Gerais
Neca Lahm, Rio Grande do Sul
Cibele Nakamura, São Paulo
Mercia Monteiro, São Paulo
Eliana Tsuru, São Paulo
Tete Wall, Rio Grande do Sul
Nazir de Farias, Santa Catarina
Silvia Yukari, São Paulo
Gonçalo Borges, São Paulo
Renato Kenji Yamashiro, São Paulo
Luiza Zambrana, São Paulo
Sandra Huang, São Paulo
Maria Oliveira, Rio de Janeiro
XL, Santa Catarina
Marina Monteiro, São Paulo
Krix – Cristina Ventura, São Paulo
Cyntia Uehara, São Paulo
Samara Marinielli Fuschini, São Paulo
Leila Domingues, Espírito Santo
Laura Martinez, São Paulo
Marcos Akasaki, São Paulo
Djenane Vera, Minas Gerais
Juliana Araújo, São Paulo
Vinícius de Paula, São Paulo
Monica Daher, São Paulo
Artesãos da Cerâmica Serra da Capivara, Piauí

Fluxos (In)Fluxo

Brenda Nicole, São Paulo – Rio de Janeiro
Fernanda Figueiroa, São Paulo
Diogo Nogue, São Paulo
Fiamma Viola, Distrito Federal
Sol de Paula, Rio de Janeiro
Hilton Ferrer, Rio de Janeiro

Coletivo de Mujeres de Guadalajara

Belén Morata Guillén, Espanha
Paula Cuesta Leal, Espanha
Lucie Geffré, Espanha
Tania Castellano, Espanha
Antonia Del Olmo, Espanha
Elsa González Zorn, Espanha
Laura Medina Solera, Espanha
Mar Hernández Riquelm, Espanha
Carmen Mansilla Martín, Espanha
Orosia López Hecho, Espanha
Maria Manuela Díaz Orjales, Espanha
Marta De La Sota Cores, Espanha
Irene Burgos, Espanha
Pilar V. de Foronda, Espanha
Cristina Moral Turiel, Espanha
Soledad Rojo Ruiz, Espanha
Luisa Roldán (La Roldana), Espanha
Marta Gil Estremiana, Espanha
María Sánchez, Espanha

(RE)imaginando o Cubo Preto

Rodrigo Sini, Rio de Janeiro
Robson Ferreira – Coletivo Ponto de Fuga, Minas Gerais
Beatriz da Silva
Clara Faria
Israel Gonsalves
Jade Beatriz
Lara Valentina
Letícia Dutra
Luiz Henrique
Mateus Batista
Maria Vitória
Micaelly Luna
Miguel Batista
Monique Emanuele
Paula Solange
Paula Vitória
Samuel Henrique
Yasmim Vitória
Sarah Paulina

Introdução

Fluxos (In)Fluxo: Transitoriedade, Migração e Memória

Quando os espaços culturais se tornam arenas de luta política, é frequentemente porque foram desafiados de fora.

Ativistas e artistas têm cada vez mais apresentado essas instituições como depósitos de capital e monumentos ao poder colonial, criticando aspectos que vão desde o saque de artefatos indígenas até a influência de interesses do que pode ser mostrado nesses espaços e para qual público. No entanto, o ressurgimento global da extrema direita nos últimos anos também proporcionou aos museus uma oportunidade de agir politicamente de maneiras inesperadas. O nacionalismo xenófobo parece opor-se em todos os sentidos à imagem cosmopolita e multicultural que os museus procuram projetar. "Fluxos (In) Fluxo: Transitoriedade, Migração e Memória" foi concebido em torno de cinco eixos expositivos: linhas insurgentes, redes de transmissão, práticas geradoras, (re)imaginando o cubo preto e memórias (trans)locadas. Os temas representados nas obras e trabalhos aqui apresentados cruzam-se como fluxos de trânsito, ideias, deslocamentos, pertencimentos migratórios, e memórias com suas narrativas. Embora todas as obras do circuito expositivo possam ser interpretadas através de cada uma dessas lentes, elas principalmente se movem através de agrupamentos relacionados a movimentos voluntários ou involuntários, sob a perspectiva dos cinco curadores e suas instituições independentes, que moldaram a visão e a narrativa desta edição.

Nesta era de migração em massa e em meio a debates contínuos sobre o tema, "Fluxos (In) Fluxo Transitoriedade, Migração e Memória" considera como os artistas contemporâneos respondem à migração e ao deslocamento de pessoas em todo o mundo e dessa forma, museus e centros culturais desempenham um papel crucial na promoção da consciência política e decolonial, aproximando a sociedade da crítica e do questionamento das narrativas dominantes. Ao abordar questões políticas e decoloniais, essas instituições podem contribuir para um maior entendimento e engajamento público com questões sociais, culturais e históricas.

O desafio dos artistas foi traduzir em plástica e poética essa narrativa sob duas lentes: a primeira, museus e centros culturais ao servir como espaços de diálogo e reflexão crítica, têm o poder de apresentar exposições, eventos e programas educacionais que desafiam as perspectivas convencionais e estimulam o pensamento crítico.

Ao criar um ambiente onde os visitantes são convidados a questionar e analisar as obras e os temas apresentados, essas instituições incentivam a sociedade a pensar além das narrativas hegemônicas e a considerar diferentes perspectivas. Além disso, ao se envolverem com questões políticas e decoloniais, museus e centros culturais têm o potencial de ampliar vozes e histórias marginalizadas. Isso inclui a apresentação de obras de artistas e comunidades sub-representadas, assim como a inclusão de diferentes perspectivas culturais e históricas nas exposições e programas. Dessa forma, o olhar dos curadores ajudou a promover uma maior compreensão e empatia entre diferentes grupos culturais, incentivando a tolerância e a inclusão.

A segunda foi a formação do acervo dessa edição que trouxe artistas negros, branco, de comunidade LGBTQIAPN+, artistas sênior, com deficiências ou necessidades especiais. Essa pluralidade traz aspectos importantes com a responsabilidade histórica. Ao abordar questões políticas e decoloniais, museus e centros culturais podem ajudar a sociedade a compreender o passado e a questionar a legitimidade das narrativas históricas. Isso inclui a investigação de como certas coleções foram adquiridas, a revisão da proveniência das obras e a repatriação de objetos culturais quando apropriado, sem contar a aquisição de acervo diversificado e contemporâneo equilibrando sobretudo, gênero e raça nos acervos. Ao abordar os deslocamentos e as

identidades assumidas, a Bienal Black lançou luz sobre as desigualdades sistêmicas de gênero, frequentemente exacerbadas pelas barreiras culturais e sociais enfrentadas por mulheres, pessoas trans e não binárias. Por meio de obras e discussões que desafiam as normas de gênero e promovem o empoderamento feminino, a exposição amplia o diálogo em torno das questões de gênero e igualdade, contribuindo para a luta contra a discriminação e a opressão. As narrativas transculturais ocupam um lugar central nesta edição da Bienal Black, destacando a riqueza das trocas culturais e a complexidade das experiências vividas por pessoas que habitam espaços liminares entre culturas. A exposição celebra a diversidade e a criatividade inerentes a essas narrativas, ao mesmo tempo em que busca questionar as hierarquias e preconceitos que ainda persistem em nossas sociedades. Ao abordar o tema "Fluxos (In) Fluxo: Transitoriedade, Migração e Memória", a terceira edição da Bienal Black evidencia o papel central que os museus podem assumir na promoção do diálogo intercultural e na luta contra a discriminação e a intolerância.

Patrícia Brito
Idealizadora da Bienal Black

A proposta expográfica

Não é o que você vê, mas o que acontece entre as pessoas (...) Rirkrit Tiravanija

"Sem pessoas não é arte, é outra coisa."

Na 3ª Bienal Black, a proposta curatorial desafiou as convenções tradicionais da exposição de arte em todos os espaços expositivos. Durante um período de 30 dias, os espaços expositivos foram despidos de legendas, desafiando artistas e espectadores a olharem para além das amarras descritivas e a explorarem a liberdade conceitual de cada ambiente.

A ausência de legendas não é um vazio, mas sim uma oportunidade para uma nova forma de interação com a arte. Em vez de se concentrar apenas nos elementos formais, a atenção é direcionada para como esses espaços servem como cenário para ideias, convidando os participantes a enxergarem através de um prisma diferente e de forma a construir uma outra narrativa, ou a sua narrativa, em relação ao todo.

Ao discutir as obras e os processos criativos, surge uma lacuna na linguagem para descrever a natureza da interação entre artistas e espectadores. Quem são eles nesse contexto? Participantes ativos? Observadores passivos? Colaboradores? A ausência de legendas desafia essas definições preestabelecidas, promovendo uma sociabilidade espontânea onde reflexão e interação acontecem em tempo real, oferecendo múltiplas perspectivas e formas de habitar e interagir no espaço expositivo.

O trabalho exposto não é apenas sobre seu uso, mas também sobre a construção de significados através desse uso. O tempo é um elemento essencial, tanto na narrativa quanto na participação. O público testemunha a evolução das obras ao longo do período da exposição, experimentando a acumulação da estrutura ao longo do tempo. É uma jornada que transcende a mera observação, convidando os visitantes a se tornarem parte integrante da experiência.

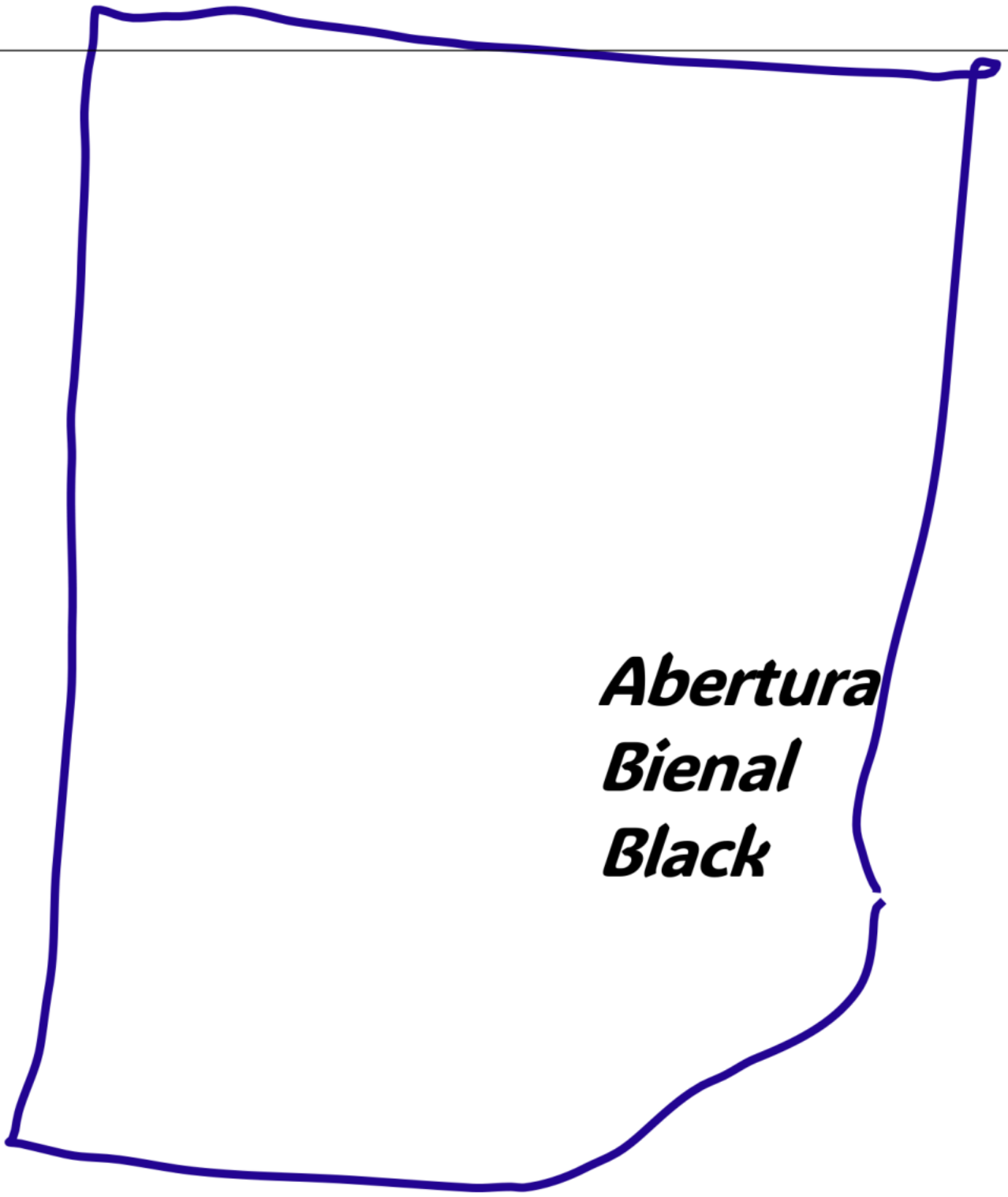
O vazio deixado pela ausência de legendas é preenchido pela memória e pela reflexão. O público é guiado por três rotas distintas - cada uma proporcionando um contexto único para compreender o espaço. A primeira é o texto geral presente em cada espaço – esse por sua vez já reúne elementos ou pistas sobre o conjunto de obras ou artistas ali exposto. O segundo é o eixo expositivo destinado a este espaço (ou cada espaço) e a conexão que o eixo faz com as obras neste espaço. O terceiro seria a leitura que os artistas, bem como o público, podem tirar do local da mostra. Observação sobre que local é este, que território é este, qual sua história e como este local se comunica com artistas e o público que o frequenta. Essas pistas não apenas fornecem uma perspectiva institucional, mas também exploram aspectos mais sensoriais das obras, estimulando os sentidos e a imaginação. Completados os 30 dias, todos os eixos expositivos foram legendados. Além da legenda descritiva em cada obra, um QrCode com o áudio de cada artista falando desde o processo criativo e intuitivo da obra, foi disposto para essa interpretação.

O objetivo final foi criar uma mudança imaginativa nos espectadores, levando-os a refletir sobre as relações sociais que permeiam o ambiente ao seu redor. Mesmo na ausência de representação explícita, espera-se que o público possa visualizar suas próprias memórias e experiências, participando ativamente da construção de significados dentro do espaço expositivo. A 3ª Bienal Black desafiou as noções convencionais de arte e espectador, convidando todos a explorarem juntos novas formas de interação e compreensão.

Patrícia Brito
Curadora Geral



Centro Coreográfico da Cidade do Rio de Janeiro
Performance FRAGMENTOS de Marisa Paulo (PT)


Abertura
Bienal
Black

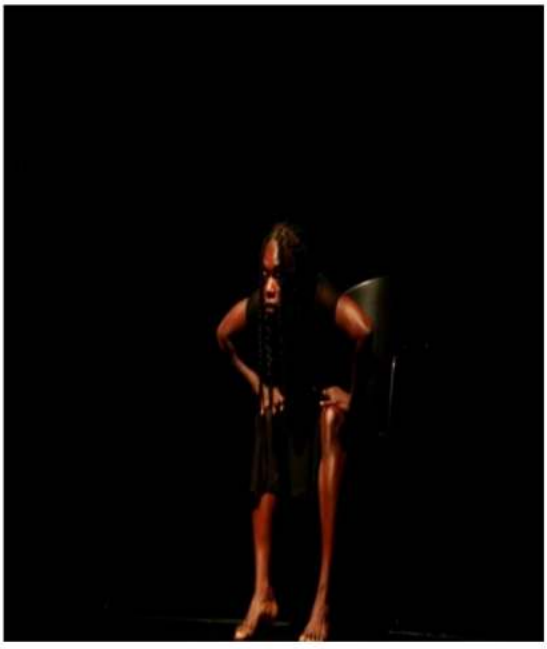
Eu mulher,
Tu mulher,
Nós mulheres,
Negras, Negras, Negras!!!

FRAGMENTOS é uma performance documental que cruza o eu individual com o eu coletivo.

Conceito | Criação | Interpretação: Marisa Paulo
Percussão: André Soares
Voz: Dora Cruz
Vídeo performance VJ: Vanessa Fernandes
Poema: Margarida Valença
Still | Teaser: Nêga Filmes
Produção: Ana Tica







Centro Coreográfico Cidade do Rio de Janeiro



Pré-estreia Centro Coreográfico da cidade do Rio de Janeiro

Pré-estreia Bienal Black

A pré-estreia da Bienal Black no dia 08 de março de 2024, realizada no Centro Coreográfico da Cidade do Rio de Janeiro, foi um evento notável que recepcionou delegações de Portugal, Espanha, Porto Rico, Uruguai e Bolívia, além de artistas de Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul. O ato solene, restrito a poucos convidados, foi marcado pela performance "FRAGMENTOS" da equipe multidisciplinar de Portugal, composta por Marisa Paulo, Dora Cruz, Vanessa Fernandes e André Soares, seguida de uma roda de conversa com as delegações presentes. Esta terceira edição da Bienal Black, com o tema "Fluxos (In)Fluxo: Transitoriedade, Migração e Memória", prometeu explorar como os artistas abordam questões de migração, senso de pertencimento e desigualdades sistêmicas de gênero através de suas obras. Com apoio da Prefeitura do Rio de Janeiro, da Secretaria Municipal de Cultura, e patrocinado pelo Grupo Carrefour Brasil, a Bienal se expandiu para um circuito abrangente que incluiu instituições como o Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, o Centro Cultural Correios do Rio de Janeiro, a Cidade das Artes, o Centro de Artes Calouste Gulbenkian e muitos outros. O evento solene contou com o apoio da República Portuguesa – Cultura/Direção-Geral das Artes, Centro Coreográfico da Cidade do Rio de Janeiro, Fundação Calouste Gulbenkian, Casa Municipal da Juventude Ponto de Encontro e Coletivo Muanes, evidenciando a colaboração internacional e o compromisso com a diversidade cultural. As representações das delegações trouxeram vozes e perspectivas diversas, enriquecendo o diálogo artístico e transcultural que caracterizou a Bienal Black. Com atividades gratuitas e certificação de participação, a Bienal Black 2024 convidou o público a se inscrever e participar dessa celebração da arte e da cultura.





Apresentação de abertura
Acima, Performance 'Gira Mundo' de Daia Moura (SP) e abaixo, performance musical de Luz Fogaça (RJ)



ORI-ENTE
Vídeo performance (fragmento em foto - abertura), 3'59", 2023
Rodrigo Pero Casteleira (RO)

O trabalho, fruto de pesquisas sobre território, Região Norte, meio ambiente, queimadas e negritude, iniciado em 2019, se materializa aqui em um vídeo performance. O local para a registro é um antigo cemitério indígena, mas que não foi preservado pelas políticas locais, tanto que deu lugar a uma plantação de algodão. Nesse campo (sagrado), ancoro um corpo negro que carrega seus saberes trazidos de paragens mais distantes em uma espécie de trouxa de tecido, sustentada pelo ORI (CABEÇA). Esse ORI é também um ENTE (SER) de condução, de guia. Esse corpo negro, também caminhante pelos espaços, invoca pela luz refletida em seu espelho as tecnologias de um passado para pensar o presente e ficcionar um futuro mais possível, ao mesmo tempo em que provoca denuncismos em suas aparições pelo território.



Linha Vermelha
Vídeo performance (fragmento em foto - abertura), 7'00", 2023-2024
Ana Brito (RJ)

O corpo em estrutura do ser em sua composição de órgãos, expressam a alma através dos sinais, ruídos, sensações e atravessamentos. Passeia por bordas, trilhos, ruas e cruzamentos. Nessas vias expressas, no espaço-tempo dilatado, em movimento pendular, o corpo vira elemento vivo e costura sua poética na geografia da cidade, enquanto é o seu próprio meio de travessia.



Nikiti em pequenas doses Poéticas
Vídeo poema (fragmento em foto - abertura), 10'00", 2023-2024
Sol de Paula (RJ)



Gira Mundo
Performance (fragmento em foto - abertura), 15'00", 2024
Daia Moura (SP)

É uma performance criada para imaginar e conectar travessias. Gira mundo nasceu das imagens, conexões e percepções das viandanças da pesquisa de doutoramento Respirar Utopias e as Corporeidades: Estudo sobre discursos de artistas negras na cidade de São Paulo. A viandança é a metodologia de pesquisa que está sendo defendida para organizar os caminhos e ideias da subjetividade negra nômade artista-educadora performer que caminha, que atravessa vários territórios criando afetos, lendo e aprendendo com a pluralidade cultural e artística dos corpos pretos. Em Portugal Braga e Lisboa, no Brasil Salvador e São Paulo possuem rastros que interconectam a arte afrodiaspórica. Viandançando por essas cidades esse deixando guiar pelos ecos passado-futuro-presente foi possível ouvir as resistências pretas e dançar com elas. A condução dessas travessias e conexões é sempre feita pelo olhar, pela intuição, pela escuta dos tums-tums de tambores e corações ligados pelo mar e pelo preto reluzente da pele. Seguir as pistas da arte afrodiaspórica pelo movimento, pelo ritmo, pela vibração e pulsação da cena preta que grita nas paredes e nas ruas, nos quintais e arranha-céus. Gerar mundos para gente preta respirar beleza, dignidade e fé. Re-nascer nos encontros, semear novas memórias e chorar alegrias e vitórias coletivas. Incensar os caminhos e imaginar vida e liberdade – aquilombar (com) as pretas para esquivar da morte e dar rasteira nas dores históricas. Dentro-fora, mergulho profundo, voo e raízes. Pedir licença, fazer banho de abre-caminho, vela pra acender a proteção e gira mundo – partilhando sonhos e imaginando travessias possíveis. Vumbora girá?

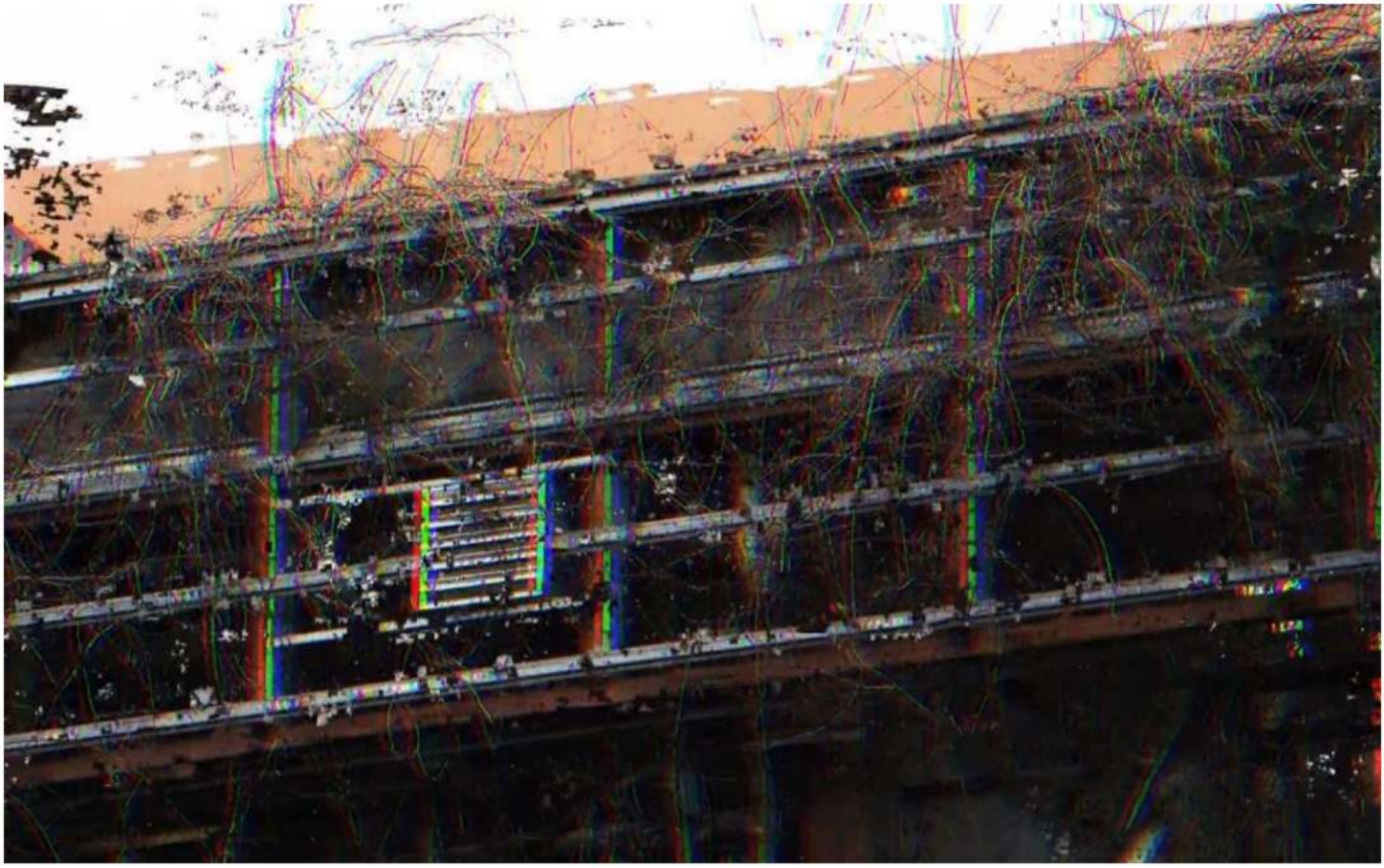


Crespas Linhas
Videoarte (fragmento em foto - abertura), 2'00", 2023
Afrokaliptico (RS-SP)

"Uma colagem de sentimentos migrantes em fluxos e processos contínuos de (re)construção. Uma linha não cronológica de imagens mestiçadas na arte da pós-produção, uma costura de vivências, poéticas, performances e registros de um corpo que migra. Aqui, abre-se a maleta do sensível e a viagem rumo às memórias afetivas é quem conduz."



Memória Travesti
Performance musical (fragmento em foto - abertura), 8'03", 2024
Azula (RJ)



(alien)ades
Vídeoarte (fragmento em foto - abertura), 2'00", 2023
Ketsia Camacho Ramos (Porto Rico)

"Desarrollé "alien(ades)" con el apoyo de Noa Dimedetti y Kai Thais en el pueblo de Mayagüez, Puerto Rico. En este film exploro los postulados de Foucault acerca del panóptico en su libro "Vigilar y castigar: nacimiento de la prisión" y acerco estas propuestas teóricas a la historia y desarrollo de la primera prisión de Mayagüez - posteriormente, Escuela de Leyes- ubicada en el Barrio Cárcel. Dicho trabajo visibiliza el desplazamiento y, a su vez, cuestiona: ¿qué espacios habitamos los cuerpos cuir, racializados y disidentes? ¿cómo escapamos o nos introducimos en una sociedad que criminaliza nuestra existencias?"

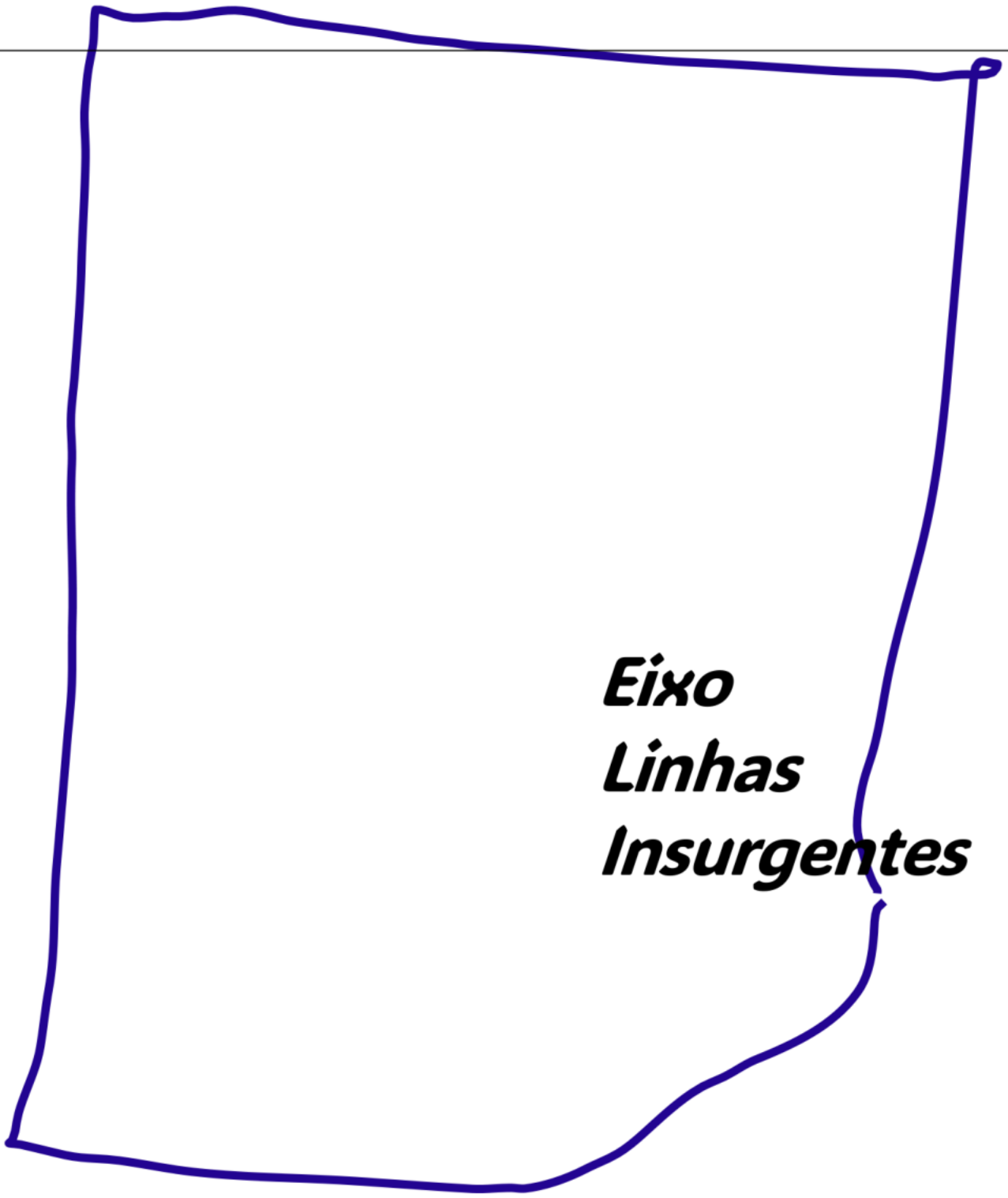






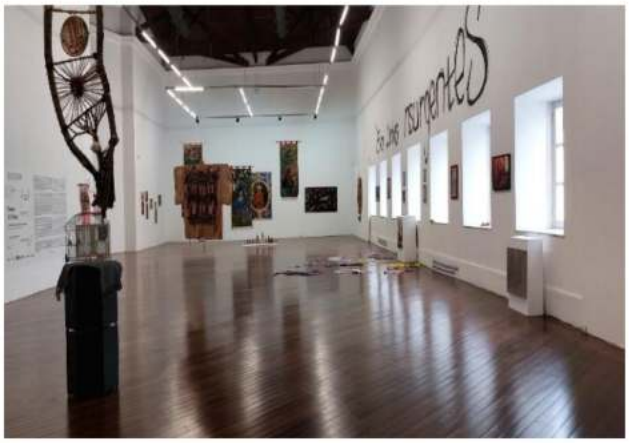


Tacho (Da série Fábula de Esmeralda (e da lata)
Performance por Eduardo Mariz, 2024
Suyan de Mattos (RJ–DF)


Eixo
Linhas
Insurgentes



Povos do Cerrado
Série Paisagem que Habita, impressão sobre tecido, 245 x 145 cm, 2022
Flavia Fabiana (GO)







Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica

Linhas Insurgentes

Na confluência de um mundo em constante metamorfose, onde a arte é espelho da evolução social, a Bienal Black deste ano se destaca como um espaço de pensamento crítico acerca da decolonialidade por meio dos fluxos que fazemos. Sob o tema Fluxos (In)Fluxo: Transitoriedade, Migração e Memória, esta exposição convoca os visitantes a um mergulho introspectivo na complexidade da contemporaneidade, numa era em que as fronteiras se diluem em abstrações e os espaços dedicados à arte se veem em um tabuleiro desafiador, diante de um cenário global em incessante transformação.

Este ano, a Bienal se propõe a um diálogo acerca do papel das entidades artísticas e sua interação com dilemas políticos e sociais. Museus, historicamente aliados a estruturas de poder e discursos coloniais, hoje confrontam uma nova vanguarda: ativistas e artistas em busca de uma expressão genuína e contestadora. A Bienal abraça, portanto, um exame crítico dessas instituições, antes vistas como bastiões de capital cultural e ícones de dominação colonial. Fluxos (In)Fluxo representa um ponto de inflexão rumo à reflexão e ao engajamento ativo. Ao enfatizar as trajetórias de deslocamento que se entrelaçam com a memória e o sentimento de pertença, a mostra reconhece a intrincada teia das migrações globais e se afirma como um fórum de diálogo, forjado por cinco curadores convidados e enriquecido pela contribuição de mais de 150 artistas, que juntos tecem uma nova narrativa sobre identidade e migração.

Os artistas selecionados para esta Bienal se distinguem pela capacidade de confrontar temas de premente relevância. Suas obras não apenas mapeiam as dinâmicas da migração e



Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica

deslocamento humano, mas também propõem respostas criativas e inovadoras. Das narrativas íntimas que conferem humanidade às estatísticas até as reflexões poéticas que ultrapassam as barreiras do idioma, a arte contemporânea se revela como um instrumento essencial para a compreensão e análise das transformações que moldam nosso contexto global. Em uma era marcada por migrações em massa e intensos debates sobre 'fluxos', investigar as respostas dos artistas contemporâneos a estas dinâmicas transcende o mero deleite estético e convoca à reflexão profunda e à mobilização coletiva em prol de um mundo mais justo e interligado.

Convidamos você a adentrar este espaço de contemplação, onde as linhas que separam arte, política e cultura se entrelaçam, e onde vozes outrora silenciadas ganham eco. Fluxos (In)Fluxo não é apenas um tributo à diversidade da expressão artística contemporânea; é um chamado à introspecção, um convite a questionar, compreender e reconfigurar as narrativas que definem nossa percepção do mundo.



Curadoria Geral e Colaborativa



Memórias
Instalação com peças de cerâmica, dimensões variadas, 2020-2023

Tempo
Pintura sobre tela, 155 x 180cm, 2023
Elizabeth Rocha (RJ)





Tempo de Imigrar
Fotografia impressa sobre papel Hahnemuhle, 40 x 60 cm, 2020

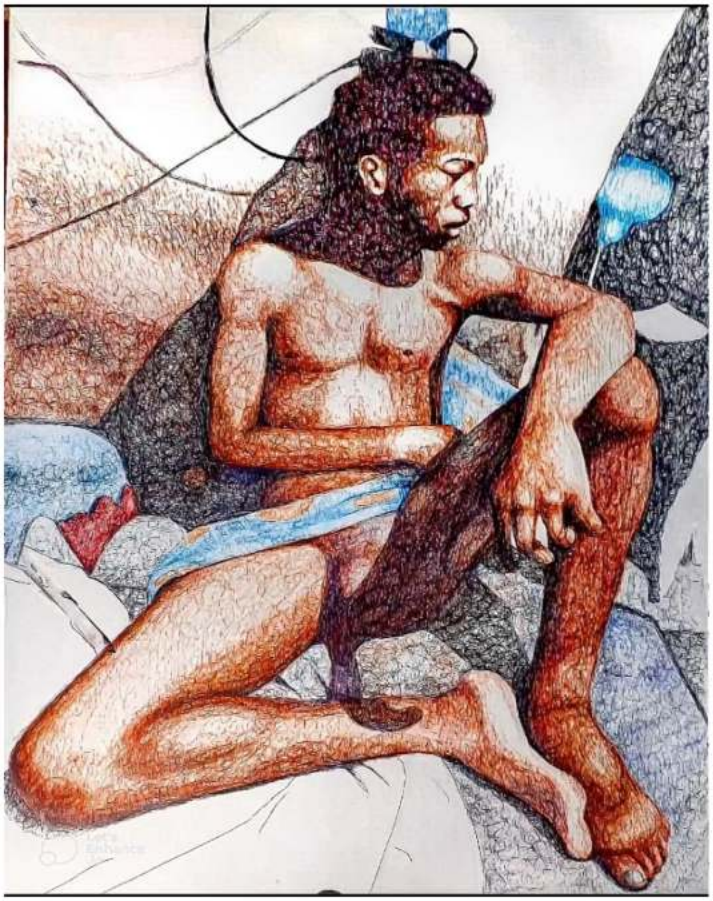
Laroyê! O Elegbara Moderno
Fotografia impressa sobre papel Hahnemuhle, 40 x 60 cm, 2022
Modelo Vecco Araújo

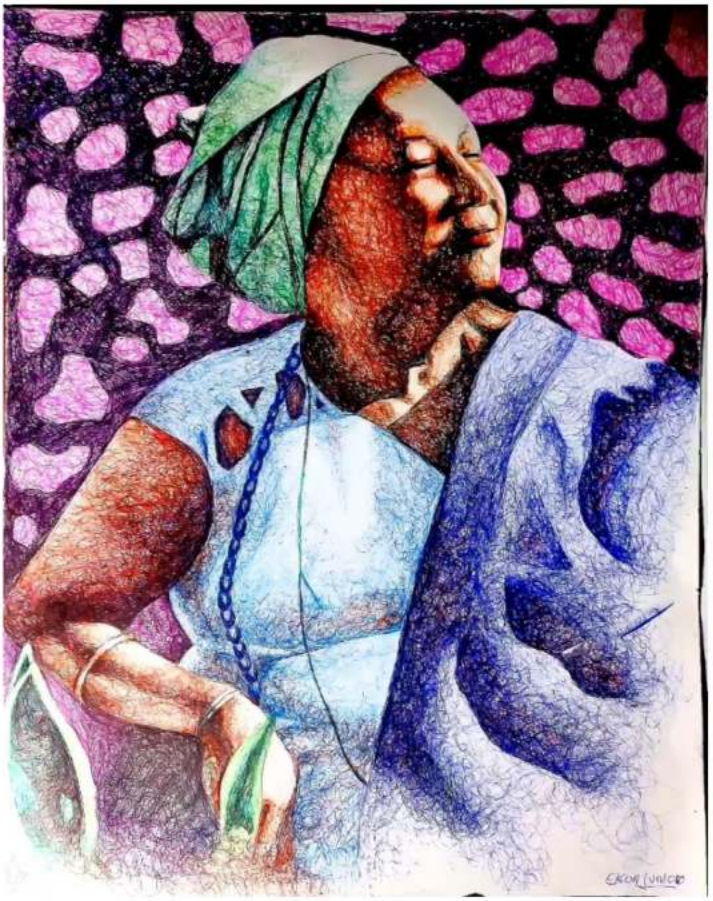
Bruca Manigua (Cuba – Rio de Janeiro)



Retrato de Ana, a transvênus
Pintura em óleo sobre tela, 57 x 77 cm, 2022
Thix – Thiago Noronha (RS-RJ)

Retrato de Ana, a transvênus traz como figura central uma mulher negra e transgênero, originária do subúrbio do Rio de Janeiro, Brasil. Esse trabalho traz em seu bojo, conceitos como objetificação, elevação, glorificação e autoestima. Reflete sobre as identidades fixas definidas em termos binários ao mesmo tempo em que questiona os processos históricos de representação, corporalidade e pertencimento.





Artista Premiado

A Pobreza

Desenho em caneta esferográfica, 84,1 x 59,4 cm, 2023

A Rainha Quilombola. A Espada de Ogum e o Pedido de Justiça

Desenho em caneta esferográfica, 84,1 x 59,4 cm, 2023

Elson Júnior (BA)





Reconstrução
Colagem sobre papel em técnica mista, 146 x 42,5 cm, 2023

Apagamento de Identidade
Videoarte - frame, 2'11", 2023
Mentorado em RAVC-2 por Priscila Costa Oliveira
Júlia Steffen (SC)

A obra dialoga com a videoarte da artista, chamado de Apagamento de Identidade, mostrando desta vez não o silenciamento e destruição, mas sim as tentativas de reconstrução destas identidades no período atual. Apesar de silenciadas, simbolizado pelas bocas rasuradas, são feitas ligações e fortalecimentos entre estas pessoas, demonstrando assim a força coletiva em torno da luta.





Valija Migrante
Escultura em técnica mista, 35 x 45 x 11 cm, 2023
Pablo Javier Landa Montero (Uruguay)

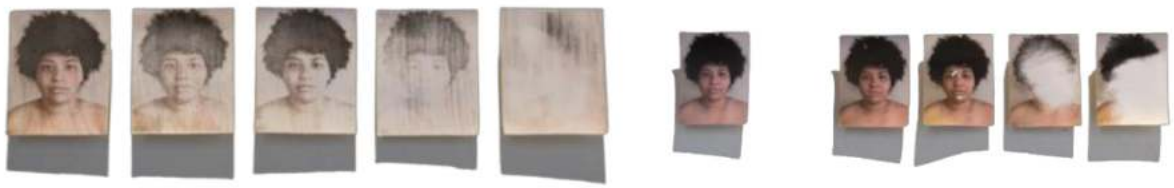


Pertencer
Objeto instalação em técnica mista sobre têxtil, dimensões variadas, 2021
Cristina Rosa (PR)

O ato de vestir-se como expressão de nossa identidade para o mundo. O sentimento de pertencer a um grupo, lugar, época, momento, um sonho. Como a ausência de um sonho nos tira a possibilidade de pertencimento? A obra Pertencer propõe sonhos em forma de palavras e o enraizar no ato de vestir-se. O que eu sonho para meus professores? Tudo aquilo que sonho para mim como pessoa, grupo, professora deformação, modelista, costureira, mulher e artista. Quero sentir em minha pele todos os meus desejos e sonhos.



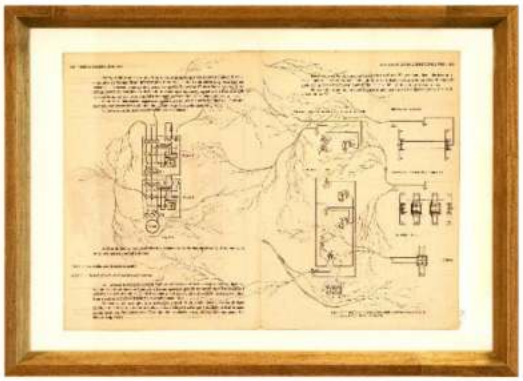


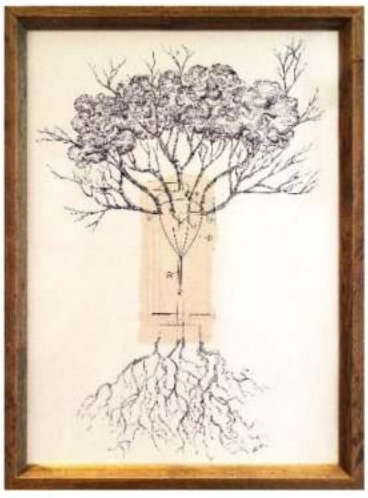


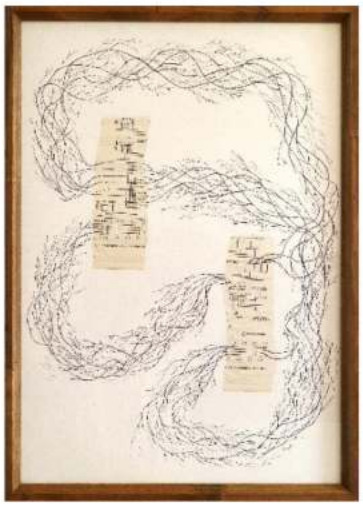
Preto é tudo igual
Objeto instalação (carteira de identidade e fita isolante), 80 x 15 cm, 2022

Processo
Fotografia manipulada com produto químico, 03 x 04 cm, 2021

Juliana Pereira dos Santos (RJ)

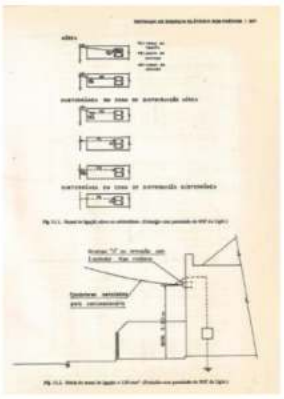


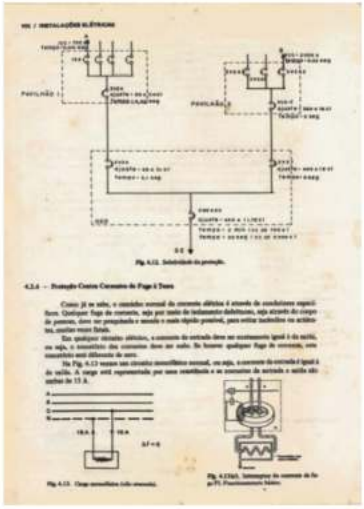












Travessuras
Simbiose I
Transito
Desenho e colagem sobre papel, 29,7 x 42 cm | 42 x 29,7 cm | 59 x 42 cm, 2022

Incorporação
Tecitura II
Escultura de fio e casca de árvore em caixa de acrílico, 20 x 20 x 6 cm, 2023

Matheus Crespo (RJ)







(Des)pedrar-se (Des)pelar-se
Instalação de peles de pedra, 200 x 17 cm, 2023
Léa Juliana (DF)









Autorretrato I, II, III e Feel Soul
Aquarelas, dimensões variadas, 2020
Cristina Rosa (PR)



Camelódromo
Fotografia impressa em algodão Fine Art, 90 x 180 cm, 2017
Daniela Vignoli (RJ)



O Sol da Liberdade em Raios Fúlgidos
Escultura em técnica mista, 80 x 80 cm, 2023
Micha (SP)

UM SORRISO NEGRO,
UM ABRAÇO NEGRO
TRAZ....FELICIDADE
NEGRO É A VOZ DA VERDADE
NEGRO É DESTINO É AMOR















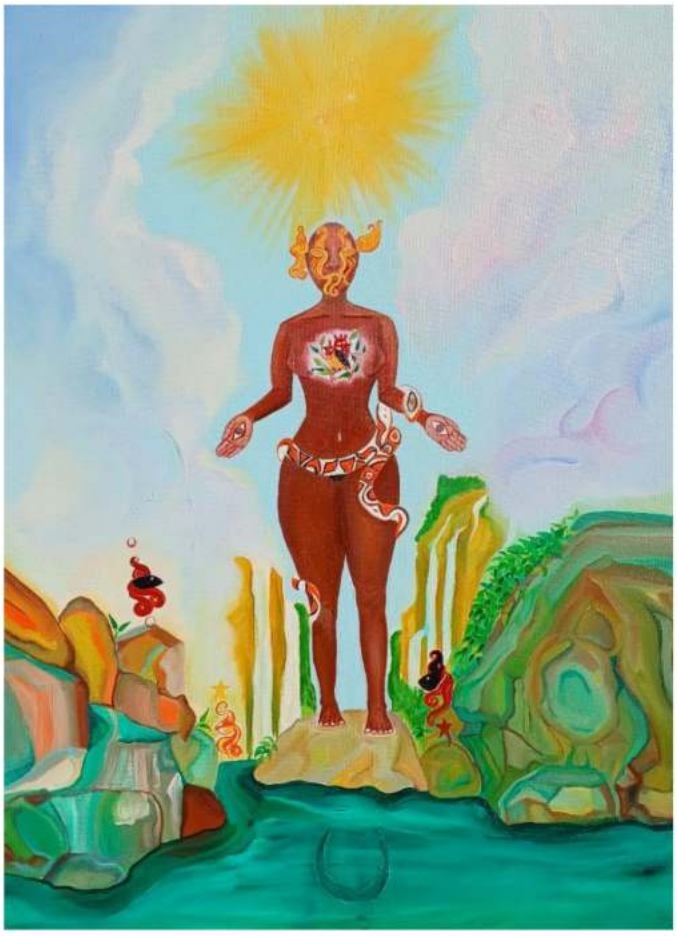


É POSSÍVEL
(RE) EXISTIR PARA
ALÉM DO MUNDO
BRANCO PELA ARTE?

MORTE OU VIDA PARA
MINHA IMAGEM?

Resistência Negra
Instalação de fotografia políptico, 200 x 160 cm, 2023
Rafael Fernando (PA)



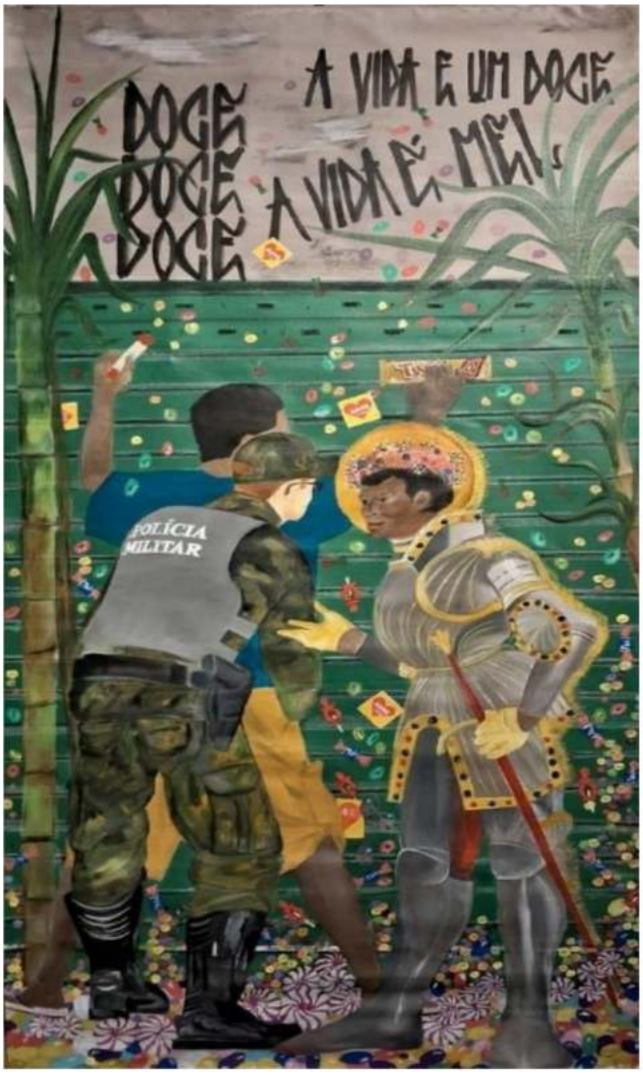


Bori
Pintura em óleo sobre tela, 90 x 60 cm, 2023

Uirapuru
Pintura em óleo sobre tela, 50 x 70 cm, 2023
Ailarrubi (SP)







Front I - Nossas Crenças
Estandarte em técnica mista sobre canva, 80 x 160 cm, 2023

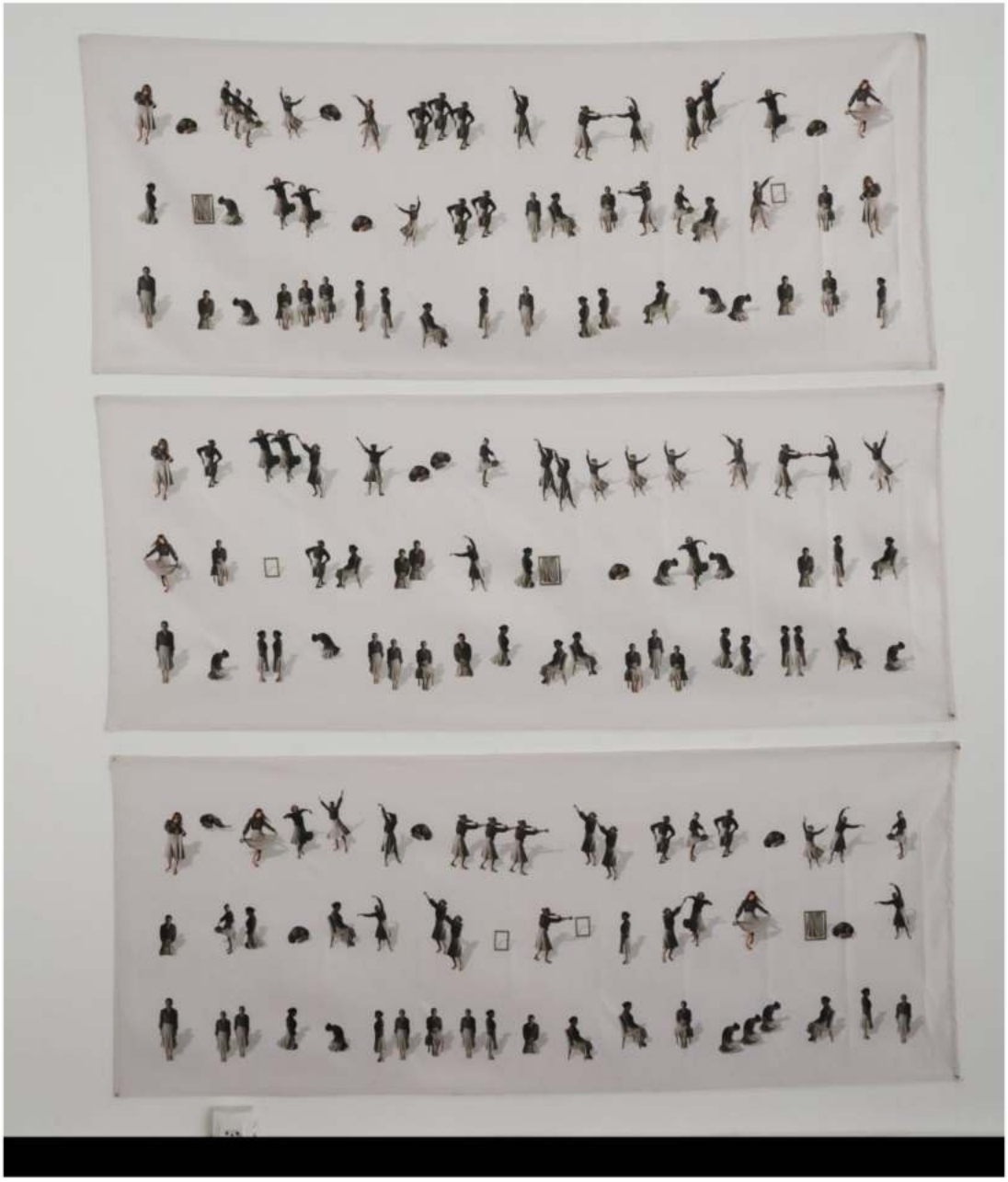
Front IV - Capitão do Mato na Maré
Estandarte em técnica mista sobre canva, 90 x 160 cm, 2023

Front V - A vida é doce
Estandarte em técnica mista sobre canva, 85 x 160 cm, 2023
Cecifrance Aquino (PR)

INFLUXO DA COLONIZAÇÃO

Herança da cultura medieval europeia, os estandartes são bandeiras feitas a mão que serviam como identificação de tropas militares vitoriosas.

No Brasil, foi visto pela primeira vez na missa histórica celebrada em 26 de abril de 1500 na Coroa Vermelha, Bahia. Aqui, os estandartes servem como "marcadores de *fronts" que enfrentamos diariamente desde então.



Sem Título
Painel tecido (impressão digital sobre têxtil), 180 x 150 cm, 2023
Rosi Costah (SC)



Imigração: Tons de Melancolia
Pintura em acrílica, 45 x 60 cm, 2024
Victor Marin (Venezuela – Rio de Janeiro)



Não Tenho Fome
Pintura em óleo sobre papelão, 54 x 120 cm, 2023
Altimar da Conceição – Ramitla (SP - DF)



As questões afetivas da memória diaspórica criam ramificações inquietantes de cunho social que resultam na insubordinação dos símbolos colônias, migração e deslocamento, enfocando as experiências de indivíduos e comunidades que enfrentam a transitoriedade e a diáspora.

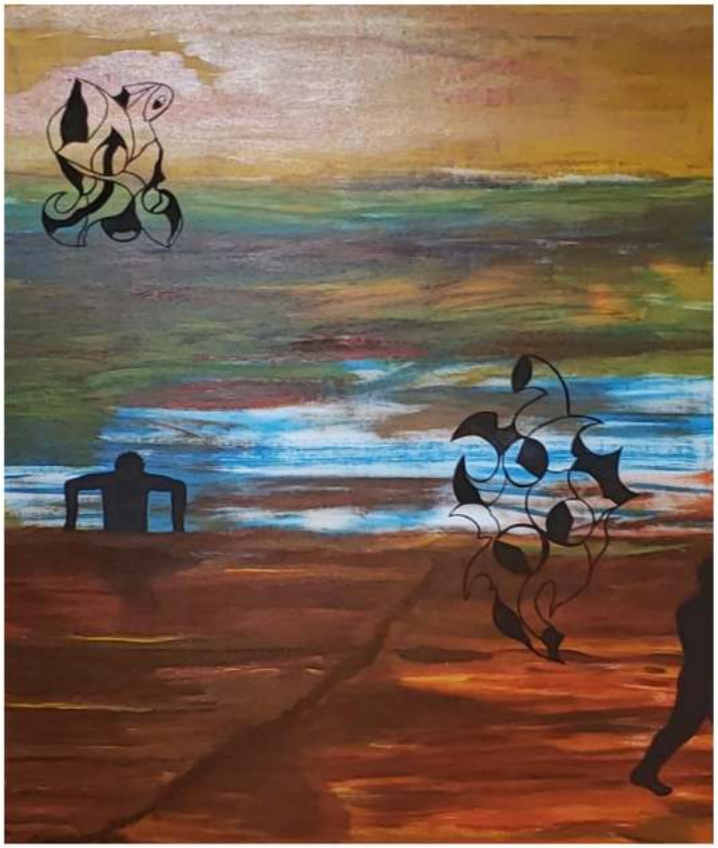


Apesar dos resultados vitoriosos da luta antirracista no Brasil, a violência do Estado e do epistemicídio continuam impedindo milhões de pessoas pretas de gozar direitos civis que deveriam ser comum a qualquer cidadão deste país. A transitoriedade forçada por uma regime escravagista que durou cerca de 300 anos, deixou vários resquícios que refletem a nossa exclusão de vários setores da sociedade. Utilizando reproduções da bandeira de SP como suporte, as pinturas denunciam o racismo que está intricado nas abordagens policiais da federação.

Bandeira Ensanguentada
Pintura em acrílica sobre têxtil, 160 x 110 cm, 2023

Quem Segrega o Estado
Pintura em acrílica sobre têxtil, 160 x 110 cm, 2023

Dalva França de Assis (SP-SC)





A solidão se revela em negritude, em ancestralidade e vai se desprendendo dos limites da escravidão dos corpos, da diáspora das almas, mergulhando em um não pertencimento, uma dificuldade de restrição do que a miscigenação produziu. Um não negro, um não índio, um não branco, ou seja lá o que for. Não mora em mim o negro cordial, o selvagem e o civilizado; a soma das partes é diferente do que se espera, nega cada parte de maneira peremptória, ao recusar adaptação, acolhimento e compreensão; ao transitar pela incerteza, pela margem do abismo e pela fé. O negro que não sou, o branco que não sou e o índio que não sou mea companham a certa distância na busca desse não-lugar.

Obras doadas para o acervo da BBA

Nativos II
Pintura acrílica sobre papel cardboard, 100 x 80 cm, 2022-2023

Nativos I
Pintura acrílica sobre papel cardboard, 100 x 80 cm, 2022-2023

Juvêncio Vilhena (BA)



Crime de Honra
Instalação têxtil, 130 x 100 cm, 2023
Lucimélia Romão (MG-SP)

Crime de Honra criada em conjunto com Maria Lúcia de Souza (sua mãe), a obra traz como temática uma das feridas abertas do Brasil, o feminicídio. Uma fenda que somente em 2023 parece que começa a fechar quando cai a possibilidade de defesa masculina da prerrogativa da lei Crime de Honra. Duas gerações de mulheres negras, que através da arte, fazem ecoar que: TODAS AS MULHERES TÊM DIREITO A VIDA, portanto devemos interromper o ciclo de violência que só aumenta ao longo dos anos.





Artista Premiada
Brasil, Riqueza e Vicissitude
Pintura em técnica mista, 200 x 100 cm, 2023

Brasil, Tecnologia e Privacidade
Pintura em técnica mista, 200 x 100 cm, 2023
Maria Amélia Fonseca (MG)

O processo criativo deste conjunto de trabalhos provém inicialmente de uma expressão intuitiva que, durante a execução de cada obra, buscou atingir uma composição, geralmente com o uso de tons rebaixados, que expresse uma interpretação visual do mundo, regida por um percorrer veredas construídas nas frestas entre o real e o imaginário. Surge, assim, uma linguagem plena de potência que não deixa o observador indiferente.



Laços
Intervenção fotográfica em tecido. 200 x 100 cm. 2023
Karine de Souza (RJ)

Laços é uma obra composta entre fotografias, sobreposições e trechos de um diário de família. Nela revisito não apenas registros mas também recordações ancoradas no corpo como lembranças, gestos e sentimentos que perpassam a construção do meu eu, assim entendendo o afeto como uma força que movimenta a algo que elabora minha presença no mundo.





Traçados & Caminhos
Instalação - Desenho e colagem sobre papel, 230 x 160 cm, 2023
Hannah 23 (RJ)

Vou me movendo no espaço tempo. Meu deslocamento é interno. Vou buscando sobrepor os espaços de medo e culpa atrelados à maternidade de quem precisada arte para viver. A colagem me proporciona esse criar mundos, unindo espaços e criando novos territórios. Nasce nas páginas de um dos meus diários visuais a série de mapas (re)criados. Começo chamando essa série de "me (re) encontro" (tão perdida estava, ainda tentando me encontrar). Um sonho me mostrou um desenho sobre o mapa e me riscou o ponto, risquei de volta. A ideia dessa série é criar pontos e traçados em cima dos territórios (re)criados para demarcar os espaços encantados de existência. Espaços que reinvindico para que minha alma possa existir. Devem ser colados diretamente na parede porque devem servir ao propósito dever, mas não ao de guardar. Ao final da exposição devem ser arrancados e descartados. Não se aprisiona o encantamento.



Grande Rio Negro
Instalação fotográfica em políptico, 270 x 270 cm, 2023
Giuliano Lucas (RS-RJ)

Fotografias registradas ao longo de 20 anos. Pessoas negras representadas de forma afirmativa, compondo um grande paredão de sorrisos e afetos, com intenção de desconstruir associações que fizeram uso da imagem da população Negra ligada aos mais diversos estigmas sociais e contaminaram o imaginário público nacional. Também são compostas por paisagens do Rio de Janeiro em maioria e alguns lugares relevantes a trajetória do artista. A instalação é uma homenagem ao trabalho do Fotógrafo Januário Garcia Filho, principal influência do artista.





Entranhas VI
Pintura acrílica em técnica mista sobre papel artesanal, 70 x 97 cm, 2023

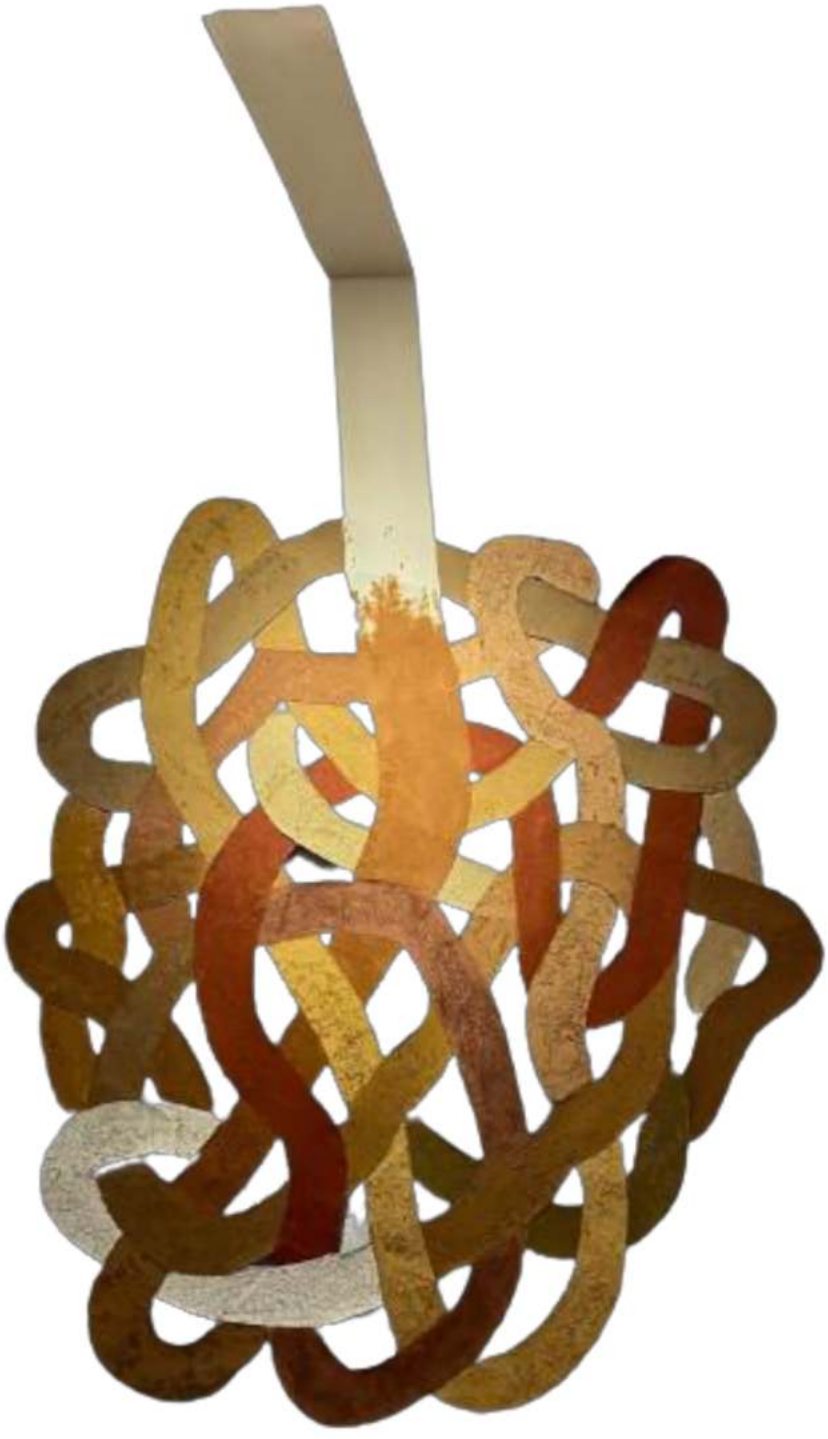
Entranhas VII
Pintura acrílica em técnica mista sobre papel artesanal, 70 x 97 cm, 2023

Leila Bohn (RS-Estados Unidos)

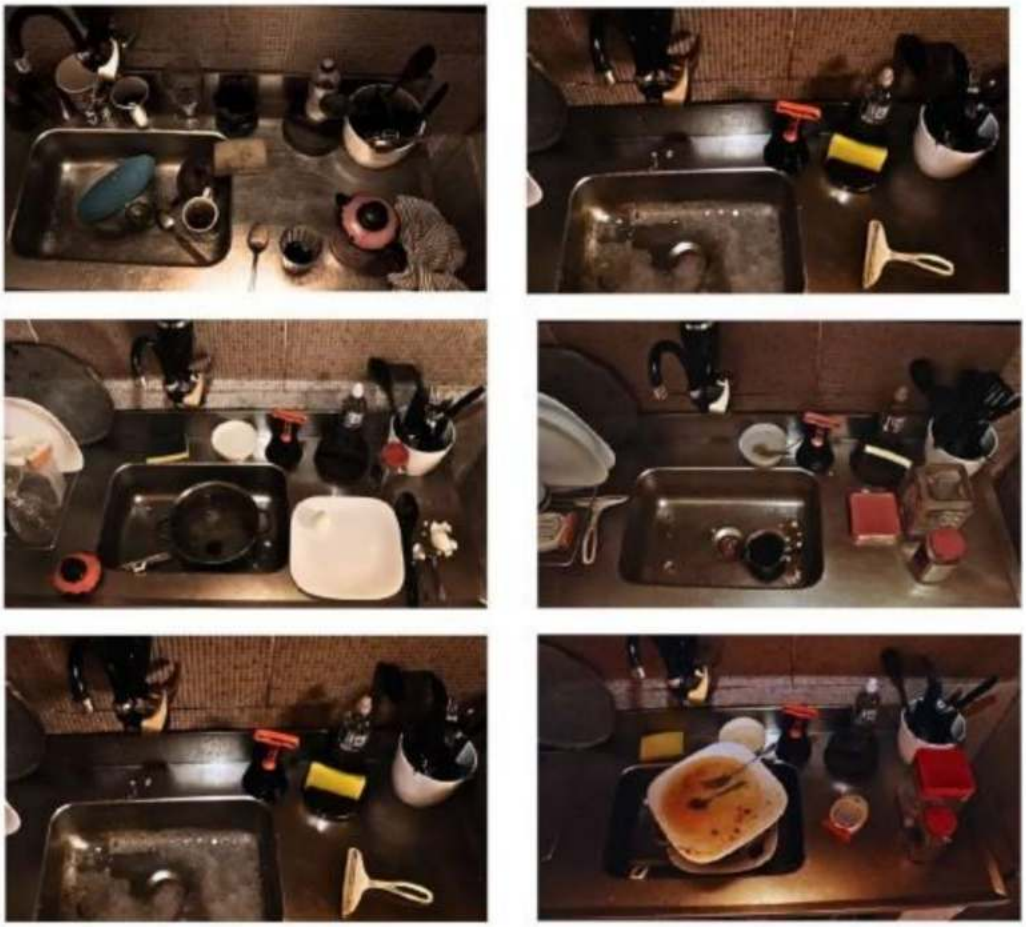


O Dispersar das Vozes
Instalação - Fotografia e recortes de jornais e revistas, 600 x 600 cm, 2023
Isabela Saramago (RJ)

A obra proposta trata-se de uma instalação: Seis fotografias artísticas – gritos da consciência, emolduradas, encarceradas a diversidade da liberdade de expressão. Em contrapartida, 1.988 borboletas recortadas em papéis-jornal e folhas de revistas voam ao redor dos protestos, e saem mundo a fora polinizando e proliferando. As borboletas são símbolo de liberdade, de amor, de leveza. E porque em folhas de jornal? A composição do papel-jornal é um tipo de celulose que contém impurezas e quanto maior for o número de materiais contaminados, mais rápido será sua decomposição. É uma metáfora do conceito de efêmero, como são as notícias. Questionamos sobre vida, sentimentos, experiências, comportamentos, o falar de si. As narrativas nas redes sociais, nas mídias, simulam uma câmara de eco. A transitoriedade aqui proposta está relacionada com a dinâmica do vir e ir das vozes manifestando o direito de todos a liberdade de expressão, do ser quem sou.



Meu Peabirú
Pintura com terra sobre algodão, 160 x 140 cm, 2023
Leoni Antequera (Bolívia-São Paulo)



Lágrimas de Cortar Cebola
Fotografia digital, 80 x 60 cm, 2023
Liege dos Santos (RJ)





Reflexos Ancestrais
Objeto totem em madeira e vidro (espelho), 50 x 60 cm, 2023
Sandra Becker (SP)

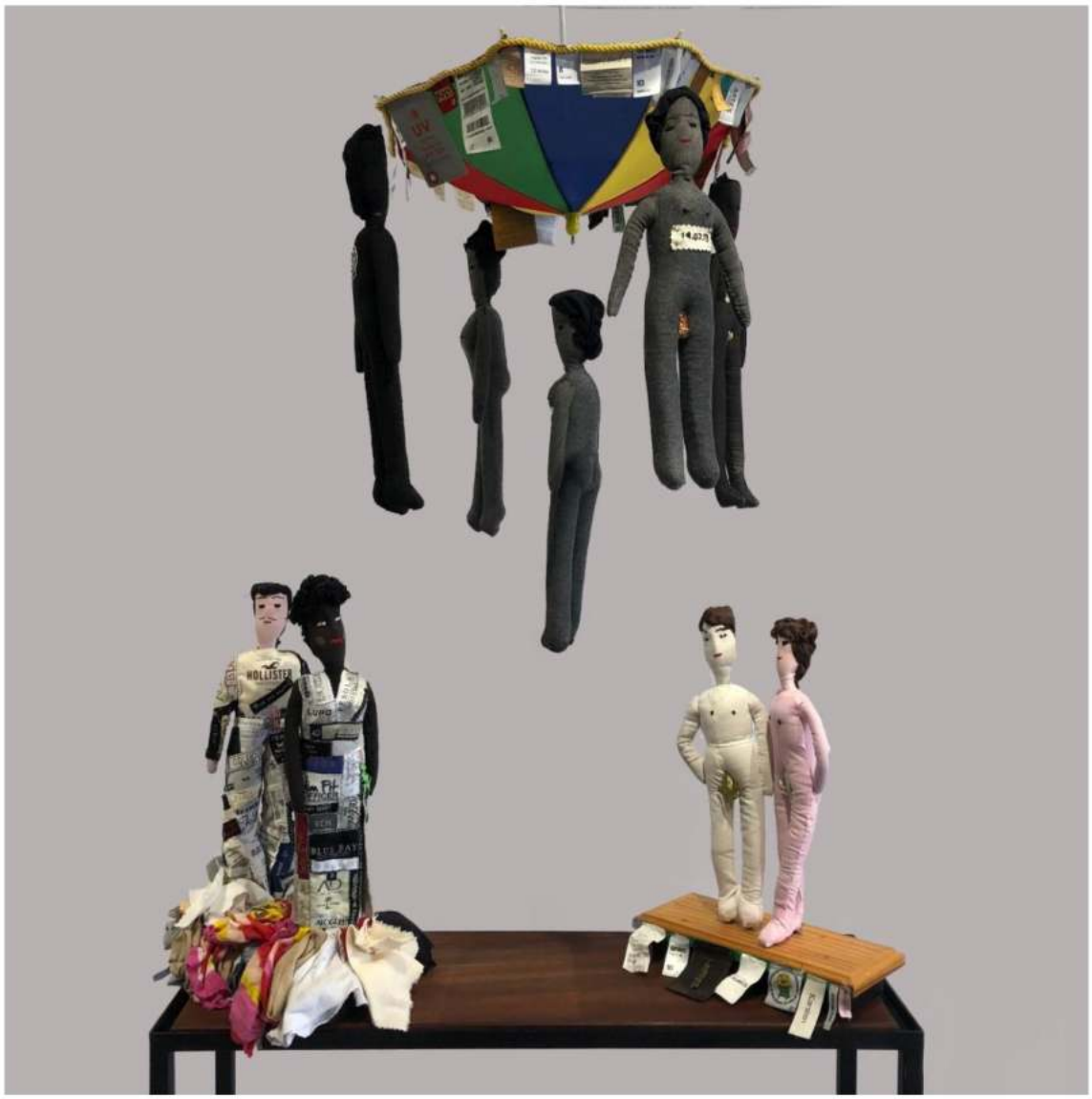




Mocado II
Pintura acrílica sobre vidro, 32,5 x 76 cm, 2022

Irradiante
Pintura acrílica sobre vidro, 28,5 x 94 cm, 2023

Rhay – Rhailander Conceição Exaltação (SP)



Império das Etiquetas
Instalação de bonecas de pano em técnica mista, 47 x 33 x 30 cm, 2023
Aldenor Prateiro (RN)



Palimpsesto
Instalação de colagem analógica políptico em técnica mista, 200 x 97 cm, 2023
Luciana Ferreira (PR)





Que se abram as portas de todos os reinos celestiais que um dia tiveram de se fechar
Pintura em acrílica e técnica mista, 170 x 200 cm, 2023

Oferenda aos seres abissais do fundo oceânico
Pintura em acrílica e técnica mista, 170 x 200 cm, 2023

Lila Deva (PE-RJ)





Onde está nosso Óga?
Colagem analógica, 30 x 42 cm, 2023

Onde está a nossa Uma Lulik?
Colagem analógica, 30 x 42 cm, 2023

Luis Gustavo Guimarães (SP)









Eu também quero doce!
Pintura sobre placa de trânsito, 50 x 74 cm, 2023

No caminho da escola
Pintura sobre placa de trânsito, 50 x 50 cm, 2024

Por onde andas tu, Carlito?
Pintura em spray sobre bandeja de metal, 26 x 35 cm, 2021

Não fui eu quem fez isso!
Pintura em técnica mista sobre madeira, 40 x 55 cm, 2020

Rodrigo Sini (RJ)

"Neste mundo branco eu sou um peixe de água doce nadando na água do mar. Eu sinto o peso da água... no meu corpo" (Nkweto Simmonds)

Este trabalho aborda questões coloniais, transitoriedade, migração e memória com especial atenção aos desdobramentos contemporâneos do tráfico de escravos e da escravização. Desenvolvemos uma análise que revisita o passado colonial, a partir da perspectiva negra, o que nos possibilita perceber a arte como uma ferramenta para a produção de conhecimento decolonial e para mitigar os traumas do colonialismo. A pesquisa foi conduzida a partir da nossa posição como mulheres negras, colocando o sujeito negro no cerne de sua própria história. O trabalho se concentra na produção de conhecimento científico, literário e artístico, abordando uma temática transdisciplinar. A partir desta ideia escolhemos o Sankofa como de expressão de nossa caminhada afro futurista. Revisitamos nossa ancestralidade plural através da composição de tecidos multicoloridos do instrumento de trabalho, mão. A sabedoria na lida com as ervas e plantas, a religiosidade representada pela folha e búzios, tudo acorrentado e trancado pela escravização. Estamos profundamente empenhadas em conceber uma abordagem inovadora para desenvolver uma nova perspectiva de conhecimento e resiliência a partir da nossa posição como mulheres negras, que alimentam de seu próprio corpo, ou não; cuidam, constroem, criam, e transformam a árvore da vida. Apoiamos tudo nas fitas de DNA, representadas por 2 ramos de árvores da última cidade paulista a assumir a Abolição da Escravatura, Campinas.



DNA Preto
Objeto instalação em madeira e técnica mista,
300 x 150 cm, 2024
Coletivo NósDuas (SP)





Coração
Técnica mista sobre têxtil, 76 x 96 cm, 2023

A Face III
Técnica mista sobre têxtil, 70 x 84 cm, 2023

Rosa Ferreira (MG)



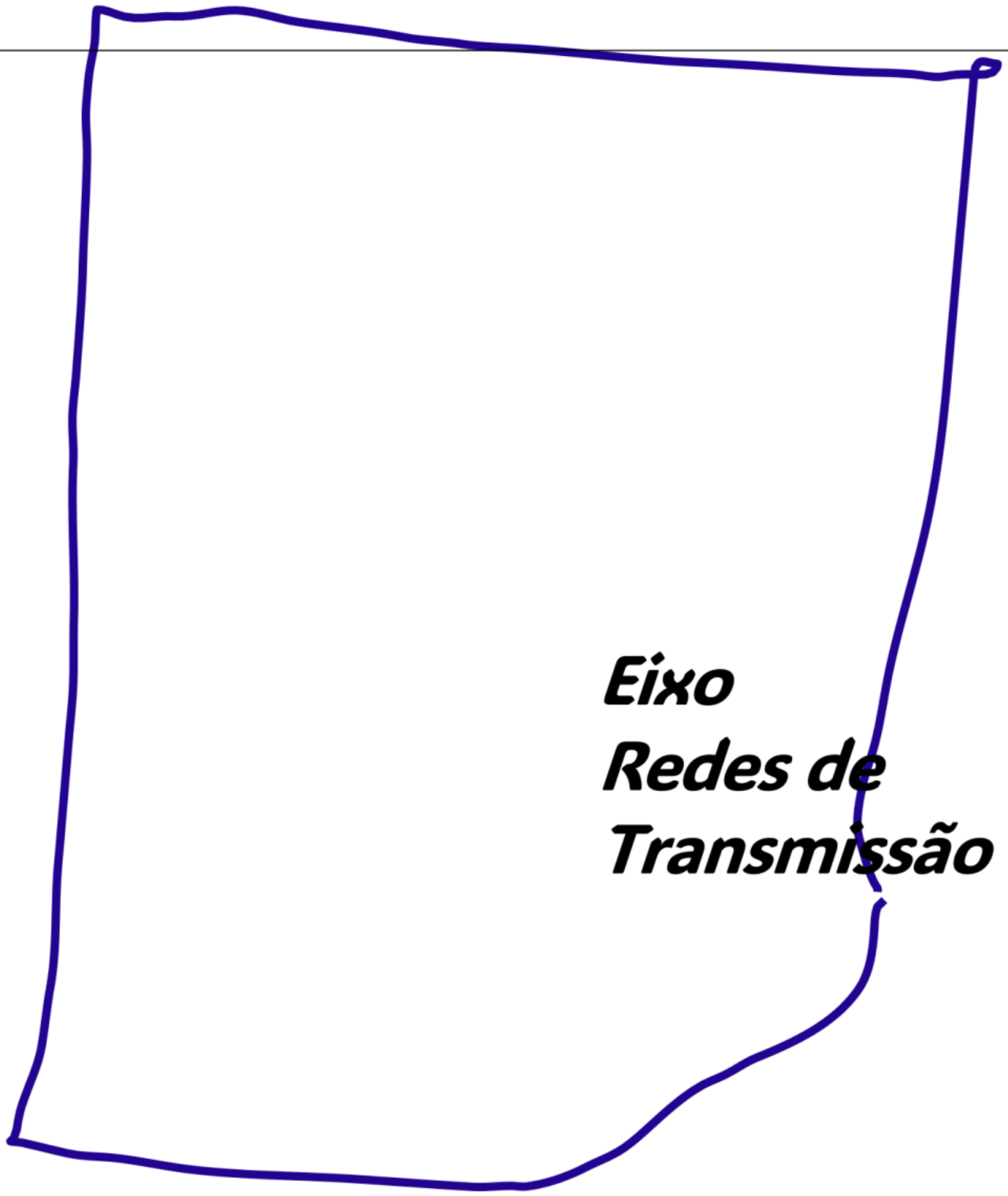


Untitled Migrant
Instalação têxtil e litografia bordada, 250 x 250 cm, 2018
Margherita Isola (IT-ES)

A instalação da cartografia, compõe um grupo de mapas entre aqueles realizados em São Paulo e em Lisboa que pertencem a migrantes brasileiros. Esta conexão São Paulo-Lisboa cria uma ponte entre Norte e Sul, revelando o legado colonial que une estas duas realidades e que é a razão implícita de muitas experiências migratórias. Os mapas são colocados no chão evocando a imagem de um mar multicolorido, lugar emblemático do deslocamento e cenário trágico de diásporas e migrações contemporâneas. Além dos mapas, está exposta uma litografia da série Untitled Migrant: a litografia é colada à maneira de entrada da instalação, em cima de um pedestal donde está o arquivo original dos mapas realizados pelos migrantes. Este arquivo está à disposição do público, a fim de facilitar a leitura da instalação, convidando o visitante a passear entre os mapas, e a decodificar os fragmentos de vidas migrantes presentes na instalação.



Refugiados - Travessia
Instalação em cerâmica – peças de tamanhos diferentes constroem uma fila crescente, 200 x 100 cm, 2023
Renata Amaral (SP)


Eixo
Redes de
Transmissão





Busca Ativa da Força (re)criadora
Objeto móbile em técnica mista, 100 x 35 cm, 2023
Jéssica Ximenez (RJ)







Centro de Artes Calouste Gulbenkian

Redes de Transmissão

O eixo Redes de Transmissão na Bienal Black é um ponto de encontro para histórias de deslocamento, onde a arte reflete as viagens, as trocas culturais e as memórias que moldam nossa existência coletiva. Nesta mostra, cada peça é um testemunho da maneira como os artistas e suas comunidades enfrentam e interpretam os movimentos físicos e culturais ao longo do tempo e do espaço. A exposição é desenhada para nos fazer pensar sobre as várias formas de migração e os impactos que estas têm sobre a cultura e a identidade. Aqui, a arte se torna uma linguagem comum que transcende fronteiras, conectando histórias pessoais a contextos globais mais amplos.

Este espaço é dedicado à exploração das formas como as tradições são compartilhadas e transformadas, como o conhecimento é transmitido através de gerações e geografias. Cada obra é uma janela para os fluxos de ideias e experiências, destacando como a migração influencia tanto a produção artística quanto a memória coletiva. Redes de Transmissão convida os visitantes a considerar as múltiplas dimensões desse deslocamento não apenas como uma experiência de perda e ganho, mas também como um processo de troca e renovação cultural. Através desta lente, a exposição aborda a capacidade da arte de criar pontes entre o passado e o presente, o local e o universal. Em um mundo marcado por movimentos massivos de pessoas, a Bienal Black oferece um espaço para refletir sobre como os deslocamentos moldam as sociedades e as culturas. Este eixo destaca o papel que essas redes transmitem uma a uma seja na documentação e interpretação dessas experiências, utilizando a arte como um meio para dialogar sobre temas de transitoriedade, migração e memória.



Centro de Artes Calouste Gulbenkian

Além disso, a exposição reconhece a importância dos museus e centros culturais em promover uma compreensão mais profunda dessas questões, incentivando o público a engajar-se com as narrativas de migração de maneiras que fomentem a empatia e a inclusão. Ao fazer isso, a Bienal Black se posiciona como um fórum para o diálogo crítico e a reflexão sobre as conexões que nos unem, apesar das distâncias e diferenças.





Raízes da Diáspora
Pintura em técnica mista, 70 x 80 cm, 2023
Hugo Paz (SP)



Nihil Novi Sole
Pintura em óleo sobre tele, 60 x 80 cm, 2023
Aryanna Marah (GO)





A Terra Sangrenta
Da série Conflitos Territoriais, terra sobre lona, 86 x 54 cm, 2020

Direção
Terra sobre lona, 100 x 57 cm, 2023
Fernando Bernardes (BA)





Lado a Lado Escravidão
Pintura acrílica sobre tela, 50 x 70 cm, 2023

Liberto
Pintura acrílica sobre tela, 40 x 60 cm, 2023

Patrícia Costa (RJ)





Quando Votamos Errado
Pintura em óleo sobre tela, 90 x 150 cm, 2021

Saudades de Casa
Pintura em óleo sobre tela, 150 x 90 cm, 2021

Maria Stalla (RJ)



Reminiscência
Estandarte em técnica mista sobre têxtil, 70 x 34 cm, 2023
Mnetorado em RAVC-2 por Claudia Lara
Aldenor Prateiro (RN)

Este estandarte relembra o deslocamento da vivência rural no Rancho no Meio do Mato para uma área urbano/litorânea na Praia de Cotovelo, próxima à Natal/RN. A vida do campo que me oportunizava vivenciar um tempo de maior contemplação/meditação e aconchego familiar, foi substituída por um território litorâneo onde se pode viver uma experiência mística, tão desafiadora quanto, onde prevalece o doce mistério de uma paisagem marítima.



Meus Pertencimentos
Estandarte em técnica mista sobre têxtil, 45 x 65 cm, 2022
Mentorado em RAVC-2 por Claudia Lara
Maria Esmênia Ribeiro Gonçalves (SC)

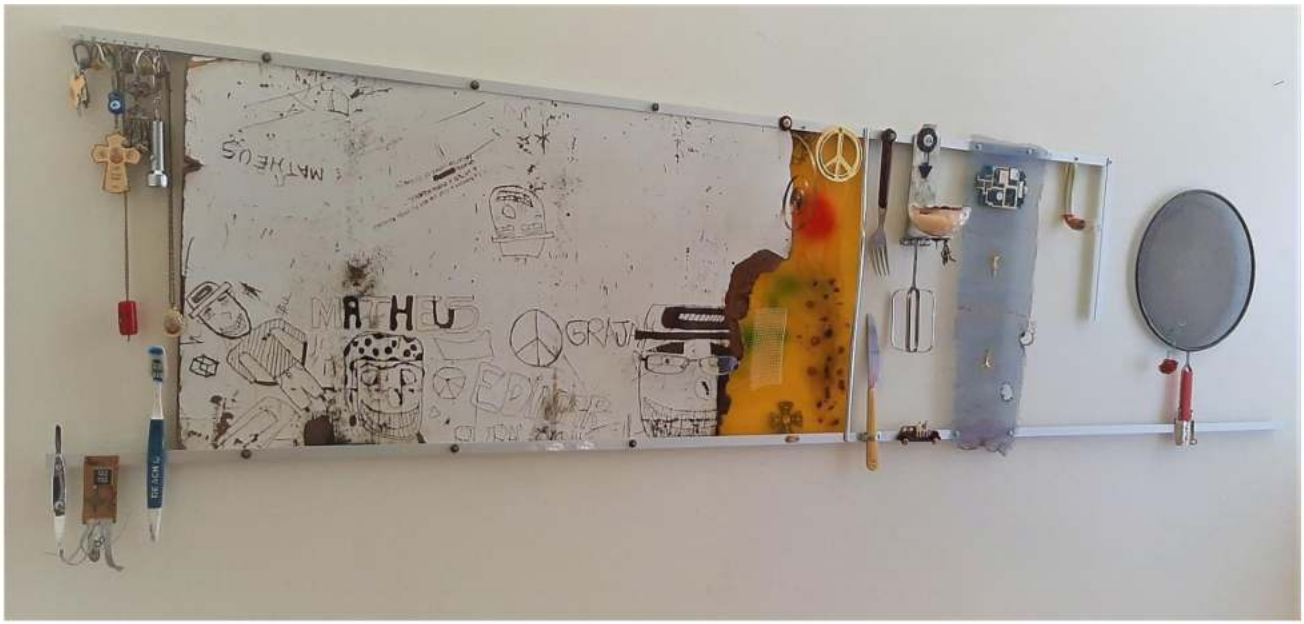




Jurema
Da série O não grito da mulher, mista sobre tela e assemblage, 60 x 50 cm, 2022

Compelida
Da série O não grito da mulher, mista sobre tela e assemblage, 70 x 50 cm, 2021

Lionizia Goya (MG)



Como Mateus Chegou ao Paraíso
Objeto de parede em técnica mista, 177 x 50 cm, 2021
Claudia Seber (SP)

COMO MATHEUS CHEGOU AO PARAÍSO, conta a história de Matheus e Edinar. Encontrada em um ponto de ônibus, a placa de Eucatex original continha inúmeros desenhos e símbolos grafados no verso branco. Suja e molhada, foi tratada de forma a preservar tais informações. A ela foram inseridos objetos e materiais que compuseram, hipoteticamente, a história do casal.

Na sequência da grafia, ou seja, da direita para esquerda, os objetos que compõem o painel caracterizam as vidas e costumes imaginados. Do painel surgiu a ideia do estudo dos símbolos universais nele grafados (Cifrão, Paz e Amor, Clave de sol), ampliando a realidade da imagem.

Transcorrido o painel de Eucatex à esquerda, a obra segue com objetos que descrevem a narrativa da vida do casal que teve seu ápice na "Árvore da Felicidade", alusão à Árvore da Vida e do Conhecimento do Gênese bíblico e do Paraíso. Alimentos e objetos simbólicos compõem essa parte.





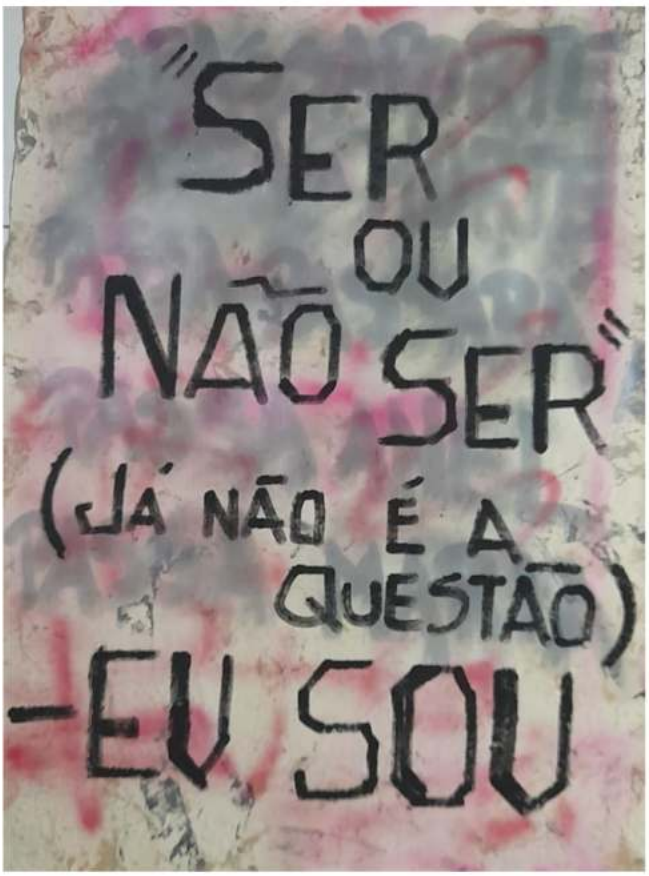


Livro de artistas
Objeto livro em técnica mista, 35 x 45 cm, 2023-2024
Mentorado em RAJ por Jéssica Ximenez

Ana Luiza Alves, Ana Beatriz Alves, Anna Karolainy, Gardêncio, Adriano Feliciano e Bruno Roberto da Silva

Alunos do LABORA realizado no Museu do Samba





SOU
Da série Transbordar, estandarte em técnica mista sobre têxtil, 167 x 97 cm, 2023
Tati Garcia (RS)









Entre Migrações e Água
Estandarte em técnica mista sobre têxtil, 60 x 40 cm, 2023
Mentorado em RAVC-2 por Claudia Lara

Lembrança criança 1936, 1966, 2016
Fotografia com bordado e macela sobre têxtil, 27 x 21 cm, 2023 (as 3 fotos)
Mari Gemma De La Cruz (MT)

O estandarte que traz referências da minha migração (dentro do Brasil, 1986-1989) e de minha mãe (Espanha-Brasil/Porto Alegre, 1960) em busca de melhores oportunidades de vida. Para ambas, os lugares de origem e de chegada sempre foram atravessados pelas águas que também representam cura e plenitude. O chá de Macela usado para tingimento, tem ação curativa e de proteção espiritual, sua cor amarelada é a mesma das águas dos rios de Chapada dos Guimarães que já foi mar de dentro (Mato Grosso, Brasil) cujas formações rochosas se assemelham àquelas de onde minha mãe veio (Tremp, Lerida, Espanha) que também já foi mar.







O estandarte "Eu sou a revolução" reverbera a costura das cicatrizes do ser mulher. A reconstrução deste corpo muitas vezes corroído, abusado, estuprado, sofrido, mutilado, mas que se levanta e segue em frente. Suturado com o uso de grampos de metal e costurado com linha, os pedaços gerados pela violência, voltam a formar um todo. O grito da libertação e reconstrução é dado através das frases "Eu sou a revolução", "Eu sou a raiva", 'Eu estou viva", "Eu sou uma sobrevivente", "Eu sou a força", "Eu venci" e "Eu sou a resistência", que estão dispostas através das colagens feitas com letras de revistas nos pedaços rasgados de tecido na parte inferior do estandarte. Mostrando também a dualidade deste processo de resistência, entre a libertação e o sofrimento pelo trauma, a frase "Eu sou a revolução", disposta também a partir da colagem de letras de revista, está posicionada na parte traseira do estandarte, coberta por tinta vermelha, diminuindo sua força de compreensão.

Eu Sou a Revolução
Estandarte em técnica mista sobre têxtil, 117 x 37,2 cm, 2023
Mentorado em RAVC-2 por Claudia Lara
Julia Steffen (SC)





Autoretrato
Foto Colagem, 58 x 65 cm, 2022
Mentorado em RAVC-2 por Priscila Costa Oliveira

Ori Odé Ori Inú
Objeto de parede em técnica mista, 64 cm, 2022
Mentorado em RAVC-2 por Luciana Conceição e Hiromi Toma

Márcia Umbelino (RJ)





Brava Gente
Pintura, acrílica sobre tela, 60 x 60 cm, 2021

Insurgência Kaingang
Pintura, acrílica sobre tela, 60 x 60 cm, 2021
Ilse Ana Piva Paim (RS)



Fronteira construída, terra indígena violada
Estandarte em técnica mista, 180 x 100 cm, 2023
Mentorado em RAVC-2 por Claudia Lara
Jacy Bastos (ES)



Desenraizamento
Estandarte em técnica mista, 30 x 50 cm, 2023-2024
Mentorado em RAVC-3 por Patrícia Brito
Vanessa Monteira (RJ-SP)





A instalação "Por um fio" convida o/a observador/a refletir sobre as reverberações emocionais do abandono paterno. Dentro do eixo 'Redes de Transmissão', falo de um trabalho autobiográfico, que não se limita a trazer apenas as pulsões pessoais em signos, mas um questionamento global sobre os elementos sócio-emocionais que nomeiam um homem na construção da figura paterna.

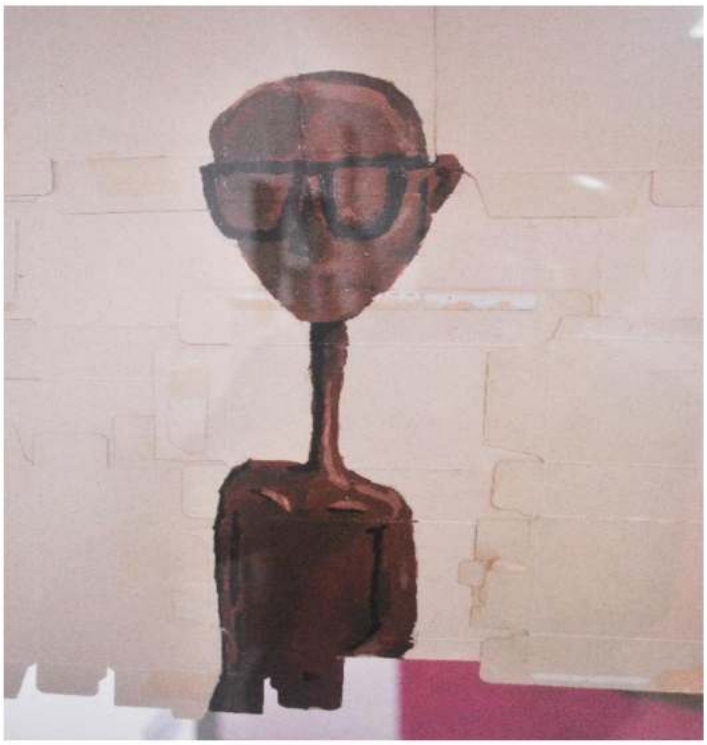


Por um Fio
Suporte em madeira e técnica mista, 90 x 150 cm, 2020-2022
Lívia Monteiro (RS)



Árvore do Esquecimento
Pintura acrílica, 96 x 68 cm, 2020
Lívia Passos (BA)





Moeda
Pintura acrílica sobre caixa de remédio, 50 x 50 cm, 2021
Saulo Martins (RJ)







Narciso (Da série Fábulas de Esmeralda (e da lata)
Instalação, 250 x 250 cm, 2023

A lata (Da série Fábulas de Esmeralda (e da lata)
Instalação, 35 x 24 cm, 2023

Suyan de Mattos (RJ-DF)

A instalação baseada na série Fábulas de Esmeralda (e da lata), trabalha com objetivo de potencializar provocações e reflexões sobrevoando as condições de vida das mulheres humildes e periféricas e sua relação com o espelho.

Ao encher os baldes de plástico preto com água e adicionar espelhos no fundo, a artista está criando um efeito visual intrigante que sugere a imagem de Narciso, personagem da mitologia grega que se apaixonou pela própria imagem.

Ao se deparar com essa instalação, o público pode ser convidado a se ver refletido nos espelhos e refletir sobre sua própria relação com a imagem e a autoimagem. Ao mesmo tempo, a obra evoca a imagem de mulheres humildes e periféricas que muitas vezes são invisibilizadas ou ignoradas pela sociedade dominante. Ver-se refletido no fundo do balde pode evocar uma sensação de empatia e conexão com essas mulheres, bem como uma conscientização da importância de reconhecê-las e valorizá-las.

No geral, essa obra tem como pretensão ser uma combinação intrigante de ironia, simbolismo e engajamento, que pode inspirar o público a refletir sobre questões importantes relacionadas à representação da mulher e da autoimagem na sociedade contemporânea.

A apresentação da lata de água como objeto de arte é um exemplo de como algo comum e ordinário pode ser transformado em algo admirável através da arte. Ao destacar a lata de água e incorporá-la em uma obra de arte, a artista está revelando novas camadas de significado e beleza que antes passavam despercebidas. Essa prática artística tem sido explorada por muitos artistas ao longo da história, desde que Marcel Duchamp e sua famosa "Fonte" até os artistas do movimento de Arte Povera, que usavam materiais simples e encontrados para criar obras de arte. Ao transformar um objeto comum em obra de arte, a artista também está questionando os valores que atribuímos a certos objetos e materiais. Ela está propondo uma nova forma de olhar para as coisas, valorizando não apenas sua função prática, mas também sua carga simbólica e estética.

A apresentação de uma lata de água como objeto de arte pode ter diferentes conotações estéticas e conceituais, e a escolha entre apresentá-la cheia ou vazia pode depender do objetivo do artista. Se a lata de água estiver cheia, ela pode oferecer uma mensagem de abundância e vitalidade, provocando uma sensação de plenitude e satisfação. Essa escolha de apresentação pode ser vista como uma crítica ao desperdício de recursos naturais, é uma chamada à valorização e respeito pela água potável. Em contraste, se a lata estiver vazia, a mensagem, pode ser de escassez e privação – uma reflexão sobre a importância da água em nossas vidas, e a necessidade de preservar e cuidar de um recurso finito. Essa escolha de apresentação pode ser vista como uma crítica à negligência dos problemas ambientais e sociais que afetam o acesso à água em várias partes do mundo. Além disso, a escolha de apresentar a lata cheia ou vazia também pode influenciar na percepção do objeto como arte ou não-arte. Uma lata cheia de água pode ser vista como simplesmente uma lata de água, enquanto a lata vazia pode ser vista como um objeto transformado pelo artista em algo estético e simbólico. Em resumo, a escolha de apresentar a lata cheia ou vazia pode ter várias implicações estéticas e conceituais, e pode ser utilizado pelo artista como uma forma de transmitir uma mensagem sobre um tema específico ou como um meio de questionar as convenções da arte e do mundo em geral.

Pôde-se argumentar que a presença da água na lata cria um impacto visual forte que sugere a necessidade de uso para sobrevivência. A presença da água pode transmitir a ideia de peso, o que pode reforçar ainda mais a ideia de dependência e necessidade. Ver a lata com água como uma representação forte da necessidade de sobrevivência. Representação autêntica e significativa da minha visão de mundo para visão de mundo das Esmeraldas.



Centro de Artes Calouste Gulbenkian

Sabe aquele instante?

Tem um instante, um único instante, dentro de uma manhã comum ou numa madrugada insone, durante a pausa para almoço, enquanto requenta a marmita, ou no final do dia quando se disputa espaço dentro do busão lotado. Muitas vezes, é esse o instante em que uma pessoa de origem periférica desafia o mundo para se tornar Artista.

Pode ser que poucos reconheçam Boaventura da Silva Filho, nascido em Itaberaba, na Chapada Diamantina, em 1929. Na década de 1930 ou 1940, sua família mudou-se para Cachoeira, no Recôncavo Baiano. Com o passar dos anos, ficou conhecido como "O Louco", por características estéticas em seu trabalho[1], sendo sua maior "loucura" abandonar o ofício de barbeiro para se dedicar à escultura em madeira. O mundo reconheceu o trabalho do Louco. Suas obras foram expostas em Milão, Lagos, Dakar e Paris. É considerado formador de uma "escola" e de uma tradição por seus filhos e sobrinhos terem continuado na esculturaria. Segundo Giulio Carlo Argan:

> O conceito de "escola" implica a concepção do artista como "mestre": aquele que não só elabora um estilo próprio, mas também transmite as suas características ao círculo de discípulos, dos quais alguns serão meros repetidores e continuadores, outros desenvolverão de maneira original e inovadora o ensinamento recebido, apresentando-se por sua vez como mestre de uma nova escola... (ARGAN, 1992, p. 31)[2]

A "loucura" de Boaventura da Silva Filho, trouxe visibilidade e consolidou a
identidade artística de um território e seu povo, que passou a representar-se artisticamente. Produziu e foi impulsionador algo que hoje é facilmente compreendido como Economia Criativa, tendo fomentado em sua comunidade a geração de renda através da sua "loucura", ou seja, através da Arte.

Notem que a loucura de Boaventura é bem próxima com à loucura de Adenirê, de Crislayne, de Juliana, de Vinicius, de FotograCRIA, de Ulysses e de tantos outros e outras SILVA que insistem em lutar contra um sistema que os classifica como loucos e loucas, pelo fato de terem abandonado o curso de técnico de enfermagem ou não seguir no curso preparatório militar, para se dedicarem à Arte.

Não se iluda, por mais que pareça uma decisão romântica, sabemos que dificilmente artistas de origem periférica farão da Arte sua única e exclusiva atividade econômica. Essa conta foi feita e paga muito tempo lá atrás, sabem como?

O tempo tem um preço. Pagamos um preço muito alto pelo tempo até nos reconhecermos como artistas e vermos uma possibilidade de profissionalização, retorno financeiro e colocar uma grana no bolso ou dentro de casa. São tão poucos nossos referenciais dentro desse sistema que em boa parte caminhamos solitariamente. Quando nos damos conta de que é possível, passamos para outra etapa que é a de convencer nossos círculos que não há "loucura" alguma nos
dedicarmos a isso. Muitas vezes somos pioneiros em nossas famílias e círculos sociais. Por parecer algo tão distante da realidade que dividimos com essas pessoas, facilmente somos taxados como loucos perante os riscos e fragilidades por assumirmos a Arte como TRABALHO.

E mais uma vez, a nossa jornada trilha um caminho já percorrido por Boaventura. Para os grandes circuitos de Arte e seus atores, nossa Arte precisa de uma classificação, precisa de um rótulo e facilmente é nomeada como Arte Popular, especificamente em nosso caso, como Fotografia Popular.

O que fazemos é Arte, mas se querem dar um nome; dêem.

A fotografia sempre foi atravessada pelo elitismo. Sempre foi muito caro fotografar. Mesmo com o surgimento de novas tecnologias, esta é uma lógica que se mantém. No entanto, quando conseguimos conquistar a ferramenta que será capaz de compartilhar nossos olhares com o mundo, é quando começamos a nos emancipar
de tudo que já foi dito sobre nós, para sermos responsáveis por essa escrita.

Com uma câmera ou celular nas mãos, conseguimos retratar olhares, rostos, histórias e lugares que por muito tempo foram explorados pelo sensacionalismo midiático e covardemente definidos como marginais. São lugares, sorrisos e memórias que nos acompanham desde criança e que podemos representar e apresentar para o mundo com a dignidade que sempre nos foram comuns.

E por fim, se pouca coisa por aqui teve sentido pra você, tem uma estrofe do Emicida que diz o seguinte:

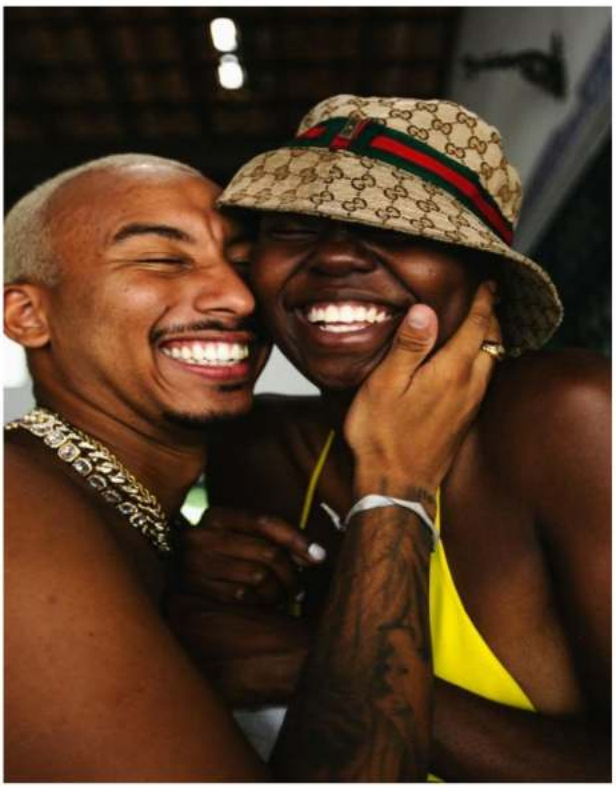
> "Irmão, você não percebeu que você é o único representante do seu sonho na face da terra?
> Se isso não fizer você correr, chapa, eu não sei o que vai.
> Então levanta e anda, vai, levanta e anda." (EMICIDA; RAEL, 2014)[3]

O papo tá dado...
E você, o que vai fazer se te chamarem de louco/louca?

Giuliano Lucas
Artista Visual/Produtor Executivo do FRENTE -
Festival Carioca de Fotografia Popular Independente.

1. Suzane Pinho Pêpe. In Dicionário Manuel Quirino de Arte na Bahia. Disponível em http://www.dicionario.belasartes.ufba.br/wp/verbete/boaventura-da-silva-filho-o-louco/
2.ARGAN, Giulio Carlo. Arte moderna: do Iluminismo aos movimentos contemporâneos. Tradução
Denise Bottman; Federico Caroni. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. In Dicionário Manuel Quirino de Arte na Bahia.Disponível em: http://www.dicionario.belasartes.ufba.br/wp/verbete/boaventura-da-silva-filho-o-louco/
3. EMICIDA; RAEL. Levanta e Anda. In: O Glorioso Retorno de Quem Nunca Esteve Aqui. 2014: Laboratório Fantasma - BR-X6F-13-00030





Sobre Afeto
Fotografia
Adenirê Lopes (RJ)

Sem Título
Fotografia
Aline Fonseca (RJ)





Bruninho pega a visão
Fotografia
Fotogracria (RJ)

Paraíso Afro na Representatividade
Fotografia
Crislayne Marques (RJ)





Mulher Quilombola
Fotografia
Leo Lima (RJ)

Céu?
Fotografia
Ju Namastê (RJ)







Vermelho 23 de Abril
Fotografia
Isaac Ramos (RJ)

Vida Descartável
Fotografia
Lucas Vidotti (RJ)

Fragilúmine
Fotografia
Paula Correia (RJ)



Sereia de Alter do Chão
Fotografia
Nana Perdomo (RJ)



Vermelho e Branco na relíkia do Kaka
Fotografia
Pedro Siqueira (RJ)





Sem Título
Fotografia
Ulysses Giesta (RJ)

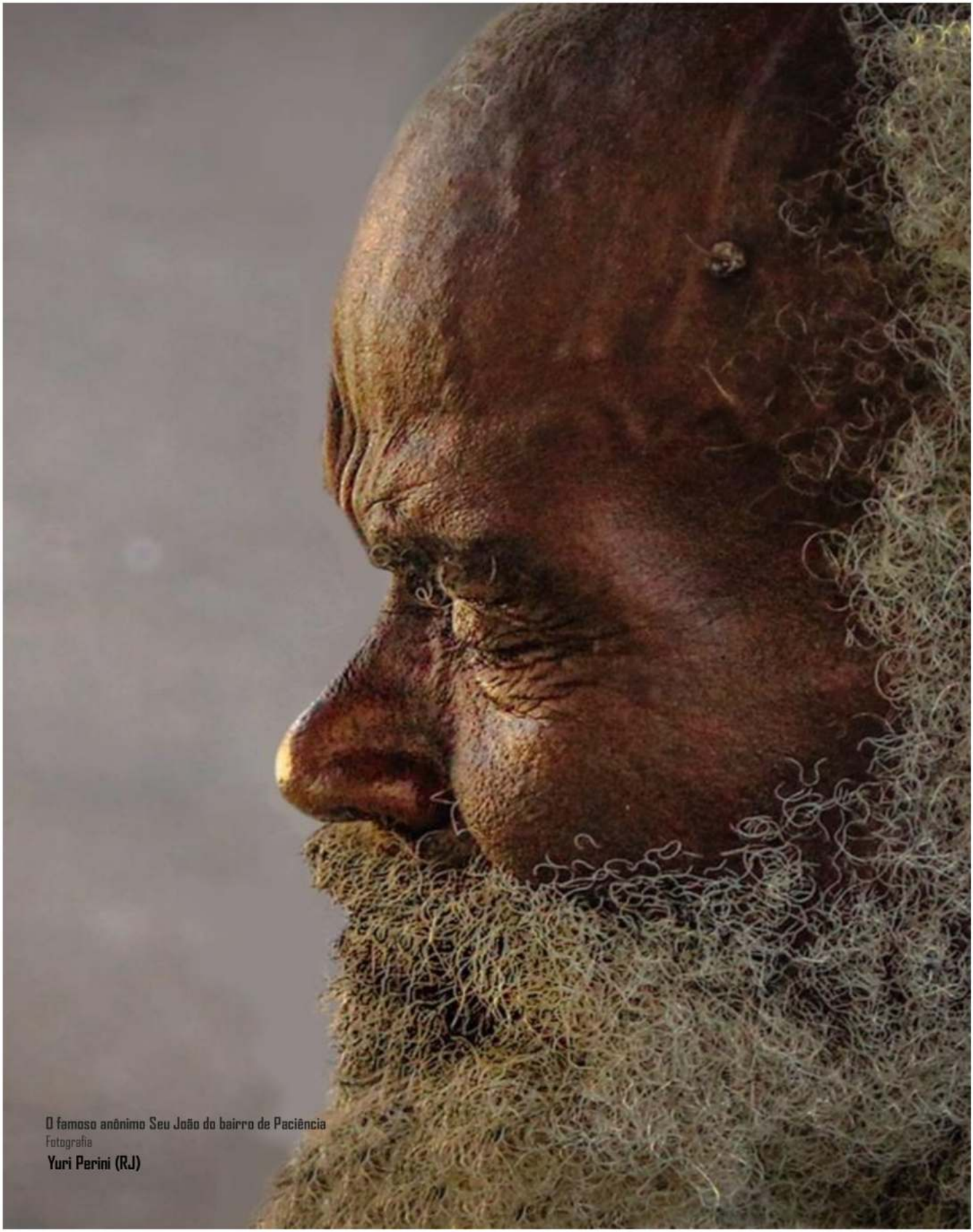
Chegava tanta coisa no meu pensamento ... Que eu nem sabia de onde vinha
Fotografia
Vicente Costa (RJ)



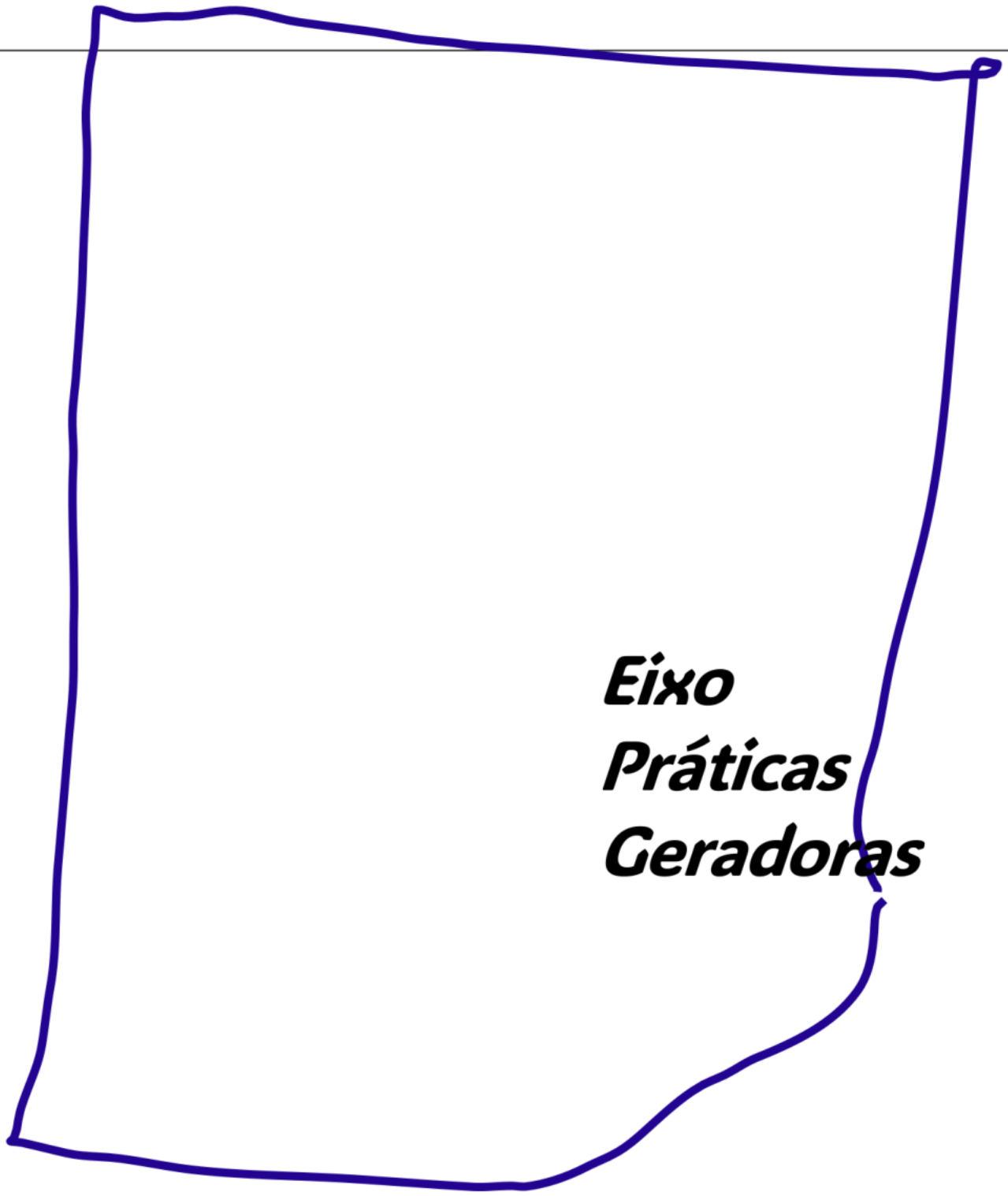


Sem Título
Fotografia
Vinícius Gentil (RJ)

Sem Título
Fotografia
Ale Lourenzo (RJ)



O famoso anônimo Seu João do bairro de Paciência
Fotografia
Yuri Perini (RJ)


Eixo
Práticas
Geradoras







Cidade das Artes <esplanada>

Performance Clarividência

A performance "CLARIVIDÊNCIA", apresentada por Gabriel Pinto no dia 28 de março no Cidade das Artes, revelou-se como um exercício potente de introspecção e de crítica à mecanização dos corpos e à desumanização imposta pela sociedade contemporânea. Em seus 20 minutos de duração, a obra convidou o público a um transe coletivo, onde a limpeza ritualística dos pés do artista se tornou um símbolo de purificação e reflexão.

Gabriel, ao posicionar-se sentado em um banco com uma bacia de água e um esfregão, transformou um ato cotidiano em um manifesto visual. Através da repetição exaustiva, ele ilustrou a luta e o esgotamento de corpos historicamente marginalizados e invisibilizados. A performance propõe um diálogo entre o mundano e o sagrado, o domínio e a sujeira, ressaltando a complexidade e a dualidade da existência humana.

O conceito de clarividência aqui é explorado como a habilidade de ver além do óbvio, de decifrar imagens intermediárias e de compreender os 'entres' do mundo externo. Através de sua prática performática, Gabriel não só denuncia a automatização desumanizante, mas também ressoa com as vozes ancestrais, indicando caminhos de resistência e esperança para os que virão. A performance "CLARIVIDÊNCIA" integrou a programação da 3a Bienal Black apresentada no Cidade das Artes com a concepção expográfica de Cris Marcos que não só ajudou a pensar o espaço, mas trouxe artistas de diversas partes do Brasil para o protagonismo da crítica sobre a religiosidade afro-brasileira



Cidade das Artes (detalhe da mostra coletiva As Duas Faces de Exu)

A 3a Bienal Black se divide em cinco eixos expositivo e Práticas Geradoras, inspirando-se na figura enigmática de Exu, traz a instalação colaborativa "As duas faces de Exu", abraçando a dualidade e a capacidade de Exu como gerador de possibilidades e mestre dos caminhos e transformações. Com 77 obras meticulosamente selecionadas de 49 artistas brasileiros, este eixo, reflete as diferentes narrativas visuais e poéticas que desdobram na complexidade da entidade Exu.

A instalação ancora sua proposta poética em três módulos distintos - Garfo, Fogo e Moradia - cada um simbolizando aspectos fundamentais de Exu: sua natureza de encruzilhada e caminho, sua força metamórfica e seu aspecto acolhedor. Essa divisão não apenas reflete a multifacetada representação de Exu nas tradições afro-brasileiras, mas também facilita uma jornada imersiva para os visitantes, permitindo-lhes experienciar as diversas dimensões de Exu e

, por extensão, da vida humana. Exu, frequentemente mal interpretado, é, na verdade, um símbolo poderoso de movimento e dinamismo. Ele personifica o constante fluxo de energia e informação, servindo como guardião das encruzilhadas, onde decisões são tomadas e destinos são traçados. O módulo Garfo, posicionado estrategicamente ao fundo da sala, de frente para a entrada, convida os visitantes a uma imersão nas encruzilhadas da vida, simbolizando os caminhos e escolhas que definem nossas trajetórias. Lateralmente, os módulos Fogo e Moradia evocam a constante transformação e o acolhimento, elementos essenciais na compreensão de Exu como entidade próxima ao ser humano, capaz de gerar mudanças e oferecer refúgio.

Inspirada na sagrada simplicidade do andar descalço sobre a areia, a instalação propõe que os caminhos entre os módulos sejam delineados por este material, convidando os visitantes a removerem seus



Cidade das Artes (obra 'Amara' da artista Daniela Castillo e abaixo, fragmento da performance 'Clarividência' de Gabriel Pinto)

calçados e a se conectarem mais intimamente com a exposição. Este gesto ritualístico não só acentua a natureza sagrada da jornada pela exposição, mas também enfatiza a importância da atenção e do respeito no processo de engajamento com as obras e o espaço.

Portanto, o eixo Práticas Geradoras, é um testemunho da capacidade da arte transcender barreiras, sejam elas físicas, emocionais ou espirituais e um lembrete da interconexão presente na grande teia da existência. Com As duas faces de Exu, convidamos os visitantes a explorar, sentir e refletir sobre as infinitas possibilidades que a arte e a espiritualidade de Exu podem desvendar, marcando cada passo na areia como um testemunho de sua própria jornada de transformação e descoberta.

Curadoria Geral e Colaborativa
Cris Marcos e Patrícia Brito



As Duas Faces de Exu

Exu de múltiplas fases interritoriais

Cris Marcos e Oscar D'Ambrosio

Como resultado de uma pesquisa realizada desde 2022 sobre os elos entre a luz e as trevas, esta instalação apresenta a divindade Exu, ligada à cultura de matriz africana. Ele vive nas trevas para conduzir as pessoas para a luz; trazendo uma discussão sobre essa dualidade presente em diversas culturas e religiões, na perspectiva de uma busca humana pela iluminação. "As duas faces de Exu" incorpora os conceitos da Bienal Back Brazil relacionados aos "fluxos, influxo, transitoriedade, migração e memória" tanto em sua proposta estética como materialidade e concepção de colaboração, Dentro do contexto do eixo "Práticas Geradoras" proposto pelo evento, foram convidados, em chamada aberta pelas redes sociais, artistas de todo o Brasil para integrarem a instalação.

Atenderam o chamamento 49 artistas de 10 Estados, totalizando um conjunto de 77 obras, compostas por 105 esculturas. Surge assim uma instalação colaborativa que constitui um fluxo de costumes, de história e de memórias ancestrais e pessoais que permite repensar valores e preconceitos herdados ou construídos, abrindo amplas discussões. A escolha da cerâmica é essencial, pois trabalhar com a terra significa lidar com material que conta histórias e resgata memórias ancestrais. A argila úmida, ao ser queimada pelo fogo, causa uma contração e solidificação em que ocorre a eliminação da água e do ar, que dá origem à cerâmica. Essa dinâmica da terra, água e ar proporcionada pelo fogo gera as esculturas que compõem este projeto. Todos esses elementos da natureza integram as múltiplas narrativas sobre Exu. O objetivo desta instalação, portanto, é apresentar um trabalho visual que gere questionamentos sobre preconceitos e promova uma maior e mais densa reflexão sobre as religiões em geral – e as afro-brasileiras em particular –, gerando diálogos e trocas de valores e de identidades culturais.

O Projeto comporta três módulos, divididos nas formas de garfo, fogo e morada, representando, respectivamente, três aspectos de Exu: caminhos, metamorfose e proximidade da divindade com o ser humano. A disposição das obras se dá em forma de triângulo, figura geométrica associada, na Umbanda, aos Triângulos Fluídicos de Exu, espaços vinculados para oferendas no terreiro. Na Bienal Black Brasil 2024 a instalação foi apresentada no complexo cultural da Cidade das Artes Bibi Ferreira numa sala de 100 m². O público foi convidado a percorrê-la descalço, pisando sobre areia, em um ato que busca estabelecer uma atmosfera com aspectos e referências ao sagrado e ao ritualístico.

DESCRICAO TÉCNICA

As duas faces de Exu - Instalação Colaborativa

77 obras (105 esculturas) em cerâmica de 49 artistas de 10 estados do Brasil.

Cris Marcos

pesquisadora, artista ceramista

Após um almoço com o geógrafo Milton Santos terminada uma aula dele na Universidade da Terceira Idade da PUC-SP, com a humildade e a grandeza que lhe eram peculiares, ele disse que falar significa mergulhar em significados. Nessa perspectiva, Exu é um território de sentidos. Há nele uma materialidade, uma paisagem visual. Existe, também, porém, uma territorialidade política, econômica e cultural que o caracteriza.

Professor da Universidade Federal de Goiás, Marco Aurelio Saquet aprofunda a ideia. Acredita que a territorialidade corresponda às relações sociais e às atividades cotidianas do ser humano com o mundo ao seu redor. Seria o resultado do processo de relações com o território, sendo fundamental para a construção da identidade coletiva e individual.

Nesse aspecto, trabalhar com Exu, como foi proposto pela artista visual Cris Marcos, significa diferenciar territorialização (apropriação e dominação, concreta ou simbólica de um território) e territorialidades (identificação e pertencimento, via elementos materiais ou simbólicos, das pessoas com o território).

A territorialidade de Exu refere-se, portanto, aos indivíduos ou grupos que defendem esse território contra a invasão. Não se trata apenas de uma área física, mas de tudo aquilo que ali está e pode ser gerenciado – e o conteúdo do território inclui relações sociais cotidianas que dão sentido, valor e função ao que está no espaço.

Professor da Universidade do Vale do Rio Doce, Robert Sack concebe ainda a territorialidade como uma estratégia de indivíduos ou de um grupo para influenciar ou controlar pessoas, recursos, fenômenos e relações, delimitando e efetivando o controle sobre uma região física e/ou simbólica, como ocorre nesta proposta estética. Lidar com interterritorialidades, nessas perspectivas, é o que esta instalação realiza. O conjunto de obras apresentadas pelos artistas que integraram esta jornada plástica para a Bienal Black, realizada no Rio de Janeiro, RJ, significa, portanto, trabalhar com pluralidades, ou seja, conhecer o lugar em que se vive para entender as próprias histórias e construir identidades, tendo Exu como eixo.

Sendo assim, sair do território próximo e circular por outros lugares permite ter contato com outras culturas e experiências. As interterritorialidades, portanto, presentes no projeto se realizam não somente na teoria que ronda Exu, mas no fato que cada imagem representa isoladamente e como um todo.

Oscar D'Ambrosio

Pós-Doutor e Doutor em Educação, Arte e História da Cultura, Mestre em Artes Visuais, jornalista, crítico de arte e curador ritualístico.





As duas faces de Exu III

Escultura manual em cerâmica de alta temperatura colorida com uma mistura de corantes e esmalte em pó, queimada, 20 x 21 cm, 2023

Cris Marcos (São Paulo)

As duas faces da natureza

Escultura queimada, esmaltada e banhada com óxidos, 21 x 18 x 12 cm, 2023,

Alice Rheingantz (Minas Gerais)





Mundos inferior e médio

Placa e modelagem em cerâmica com aplicação de engobe. Tratamento a frio no envelhecimento e impermeabilização da obra. 37 x 18 cm, 2023

Carlo Cury (São Paulo)

Vitae 2014

Placa e modelagem em cerâmica com aplicação de engobe, 18 x 14 x 08 cm, 2023

Armando Ribeiro (Minas Gerais)



Assim caminha a humanidade
Cerâmica. argila paperclay marfim, queima em forno, 27 x 28 x 05 cm, 2003
Cibele Nakamura (São Paulo)



Iluminação
Escultura cerâmica, em várias cores e tons de argila, 26 x 25 x 21 cm, 2024
Ana Maria Xavier (Minas Gerais)



Yansã – Guerreira com Elmo de Búfalo
Escultura de cerâmica esmaltada em Raku, 32 x 32 x 23 cm, 2023
Chris Acyoli (Rio de Janeiro)



As duas faces de Exu I

Escultura manual em cerâmica de alta temperatura color corantes e esmalte em pó, queimada, 8 x 31 cm, 2023

Cris Marcos (São Paulo)



Vitae 2019

Modelagem manual em cerâmica com queima em esmalte de baixa temperatura, 14 x 05 x 05 cm, 2019

Armando Ribeiro (Minas Gerais)



Exu Baphomet

Argila preta, lustre de ouro, 20 x 14 x 08 cm, 2024

Richard Calhabeu (São Paulo)







Despacho Inanimado - parte 1 (Instalação – compõe 3 peças)
Pé de cabra (2 peças), 21 x 13 x 7 cm
Meus pés (2 peças), 21 x 13 x 7 cm
Quando olho para dentro - 4 (2 peças), 21 x 13 x 7 cm, Madeira, cerâmica queimada, fios de cobre
Gabriel Pinto (Minas Gerais)
*Crédito imagens: Daniela Dayrell

Duas Caras - Da série Companheiros de Viagem
Escultura de cerâmica, modelagem manual em argila com aplicação de esmaltes autorais, queimado em forno, 12 x 13 x 11 cm, 2023
Nádia Saad (São Paulo)

Mundos inferior e superior
Placa e modelagem em cerâmica com aplicação de engobe. Tratamento a frio no envelhecimento e impermeabilização da obra, 49 x 18 cm, 2023
Carlo Cury (São Paulo)



Opostos
Escultura em cerâmica de alta temperatura esmaltada, 24 x 18 x 21 cm, 2023
Lilli Vilela (São Paulo)



Fogo - da série Elementais da natureza
Modelagem manual, colorido com engobe, brunido com cristais, queima a lenha, 27 x 15 cm, 2023
Juliana Araujo (São Paulo)



Depois do Inverno
Cerâmica em alta temperatura, 22 x 04 cm 2023
Renato Kenji Yamashiro – Atelie Tsuru (São Paulo)







O Extraterrestre - Da série Companheiros de Viagem

Modelagem manual em argila com aplicação de esmaltes autorais, queimados em forno elétrico, 29 x 21 x 16 cm, 2023

Nadia Saad (São Paulo)

Laroyê - Série Ancestralidade/Orixás 2

Escultura em terracota, cobertura em betume, adereço em palha da Costa e búzios, 32 x 35 x 17 cm, 2023

Márcia Ferreira (São Paulo)

Instalação Segredos Arquetípicos

Obras feitas com porcelana de Brasil, modelagem manual, pintadas com óxido de cobre preta, mono queimada, com tecido de fio de cobre, 2023

Obra 1 – Segredos Arquetípicos XCV, 36 x 34 x 20 cm

Obra 2 – Segredos Arquetípicos XVIII, 28 x 27 x 27 cm

Laura Martinez (São Paulo)







Sem Título
Escultura manual em cerâmica de alta temperatura, 32 x 17 x 10 cm, 2021
Georgia Hannud (São Paulo)

Pomba Gira I
Modelagem manual em cerâmica, queima em biscoito, 25 x 22 x 20 cm, 2004
Paulo Fariah (Minas Gerais)

Sem Título
Escultura manual em cerâmica de alta temperatura, 19 x 32 x 24 cm, 2021
Georgia Hannud (São Paulo)



Pantomimeiro
Escultura em cerâmica de alta temperatura com oxidos e esmalte, 10 x 20 x15 cm, 2023
Lilli Vilela (São Paulo)



I.A.2
Escultura em cerâmica de alta temperatura pintada a frio com spray, pátina cera e ácidos, 15 x 16 x 09 cm, 2023
Lilli Vilela (São Paulo)



Novo Mundo (Instalação com 3 esculturas)
Modelagem manual, queima em alta temperatura, instalação composta por 4 esculturas
Obra 1 - 24 x 30 cm
Obra 2 - 13 x 26 x 28 cm
Obra 3 - 10 x 20 x24 cm
Obra 4 - 13 x 22 x 24 cm
Eliana Tsuru (São Paulo)







Sem Título
Escultura manual em cerâmica de alta temperatura, 23 x 13 x 12 cm, 2021
Georgia Hannud (São Paulo)

Pomba Gira II
Modelagem manual em cerâmica, queima em biscoito, 30 x 16 x 10 cm, 2004
Paulo Fariah (Minas Gerais)

Espelho Cego
Barbotina, queima, 32 x 19 x 23 cm, 2024
Vinícius de Paula (São Paulo)









O mensageiro

Escultura em cerâmica preta, esculpida em placas, queimada em alta temperatura, 28 x 09 x22 cm, 2024

XL da Studio Neps (Santa Catarina)

Axel

Cerâmica, varetas de madeira e linha de seda, 50 x 12 x 12 cm, | Cabeça: 11 x 11 cm, 2004

Emília Gontow (Rio Grande do Sul)



Ganga Zumba
Escultura de Cerâmica com Esmalte de alta, sobre cestaria com búzios, 32 x 32 x 23 cm
Chris Acyoli (Rio de Janeiro)



Ascenção
Escultura cerâmica, em várias cores e tons de argila, com assemblage de fitas, 21 x 21 x 22 cm, 2024
Ana Maria Xavier (Minas Gerais)



Embrião
Cerâmica, construção em placa rígida, queima em forno elétrico, 30 x 06 cm, 2005
Cibele Nakamura (São Paulo)





Navio Negreiro
Escultura de cerâmica com queima em Raku, com aço inox, sobre base de Granito, 25 x 15 x 17 cm, 2023
Chris Acyoli (Ric





Início, meio e início
Modelagem manual em argila terracota, esmaltação e queima em alta temperatura, 35 x 23 cm - com sisal 63 x 23 cm, 2014
Kaia - Vitória Caroline (Santa Catarina)

As duas faces de Exu II
Escultura manual em cerâmica de alta temperatura colorida com uma mistura de corantes e esmalte em pó, queimada, 18 x 26 cm, 2023
Cris Marcos (São Paulo)







Velha Padilha Mulher da Terra
Escultura de cerâmica, queima em forno elétrico, 32 x 17.5 x 17 cm, 2022
Izane Schul (Rio Grande do Sul)

Atravessamentos
Modelagem manual, queima forno elétrico, 2023
Leila Domingues (Espírito Santo)

Africano - Da série Companheiros de Viagem
Modelagem manual em argila com aplicação de esmaltes autorais, queimados em forno elétrico, 17 x 10 x 15 cm, 2023
Nadia Saad (São Paulo)





Caminhos Cruzados
Modelagem manual com placa, forma e tecido, queima forno elétrico, alta temperatura, esmalte, engobe e oxido, 23 x 22 cm, 2024
Gina Abreu (Espírito Santo)



Velha Padilha Mulher da Terra
Escultura de cerâmica queima em forno elétrico, 32 x 17,5 x 17 cm, 2022
Izane Schul (Rio Grande do Sul)





Entremares - quantos precisaram viver para que eu estivesse aqui
Cerâmica de alta temperatura, monoqueima, nerikomi, construção manual, porcelana, grés, corante, esmalte, frita, 48 x 26 x 15 cm, 2024
Krix – Cristina Ventura (São Paulo)



Raízes
Cerâmica de alta temperatura modelada a mão, 20 x 18 cm, 2024
Luiza Zambrana (São Paulo) – Atelie Tsuru



Despacho Inanimado - parte 2 (Instalação)
Exu Elégbára (1 peça) 29 x 18 x 12 cm
Aos pés dos três tempos (1 peça) 20 x 14 x 9 cm
Em corpo paró (1 peça) 21 x 14 x 11 cm, madeira, cerâmica queima, fios de cobre, 2023
Gabriel Pinto (Minas Gerais)
*Crédito imagens: Daniela Dayrell



Série Espiral (3 pratos)
Modelagem manual em placas, esmaltação, queima em alta temperatura, 2024
Prato Espiral Azul, 34 cm | Prato Espiral Preto, 35 cm | Prato Espiral Cinza, 30 cm.
Monica Daher (São Paulo)



Dança
Modelagem com placas, cerâmica de alta temperatura, 55 x 34 x 15 cm
Nazir de Farias (Santa Catarina)



Festa
Cerâmica de alta temperatura, fios de cobre, contas de bijuteria, maleável, 40 x 40 x 40 cm 2023
Marcos Akasaki (São Paulo)



Os dois lados de Exu (díptico)
Cerâmica de alta temperatura modelada a mão e esmaltada
Os dois lados de Exu 1 e 2. 06 x 28 x 18 cm, 2024
Mercia Monteiro (São Paulo)



Travessia
Escultura em cerâmica, com modelagem manual, queimada com esmaltação por engobe, e finalizada com tinta acrílica e verniz, fixada sobre base de granito Via Láctea, 2 x 18 x 28 cm, 2024
Maria Oliveira (Rio de Janeiro)



Sopro das Criaturas I
Placas e colagem com barbotina, 04 x 07 x 12 cm, 2023
Rodrigo Novack (Santa Catarina)







Exu da Encruzilhada
Modelagem em cerâmica; esmaltada, 10 x 22 x 18 cm, 2024
Neca Laham (Rio Grande do Sul)



Sopro das Criaturas 2
Placas e colagem com barbotina, 04 x 07 x 13 cm, 2023
Rodrigo Novack (Santa Catarina)





Mojubá
Argila moldada queimada e pintada a frio, 19 x 42 x 28 cm, 2023
Regina Garbellini (São Paulo)





Retorno à Inocência
Escultura em argila terracota, metal, madeira, tinta acrílica, 65 x 32 x 23 cm, 2024
Salete Lottermann (Paraná)



Sopro das Criaturas 3
Placas e colagem com barbotina, 04 x 11 x 09 cm, 2023
Rodrigo Novack (Santa Catarina)



Libertação
Escultura cerâmica em várias cores e tons de argila, com assemblage de lacres de bebida alcoólica., 25 x 22 x 23 cm, 2024
Ana Maria Xavier (Minas Gerais)



Exu Lalu
Argila preta, pemba branca, esmalte branco de alta, metal e palha da costa, 25 x 05 x 07 cm, 2024
Richard Calhabeu (São Paulo)



Exu - seus fluxos femininos, amor, carinho, afeto, cuidado, paciência... Duafe
Argila preta, cerâmica, 09 x 33 x 38 cm, 2018
Djenane Vera (Minas Gerais)



Preto Velho
Pintura em baixo esmalte, cerâmica em baixa temperatura, 40 cm
Gonçalo Borges (São Paulo)



Masculino e feminino - Da série terra Fértil
Argila branca modelagem manual e em placas, queima em forno elétrico e queima saggar na fogueira com percloreto de ferro liquido, sulfatos de ferro e de cobre, terra in natura, 20 x 20 x 25 cm, 2023
Erica Sanches (São Paulo)



Em mim há nós
Cerâmica de alta temperatura, monoqueima, forno elétrico, construção manual, grés, engobe, esmalte, 18 x 13 x 4 cm, 2024
Cyntia Uehara (São Paulo)



Sem Título (tríptico)
Modelagem manual, queima em alta temperatura , forno a gás.
Artesãos da Cerâmica Serra da Capivara (Piauí)



Guardião da Aldeia
Escultura de cerâmica de alta temperatura, 38 x 17 cm, 2021
Beca Chang (São Paulo)



Nossa Senhora do Lar
Escultura: modelagem em argila, acabamento com tinta spray, 20 x 20 x 08 cm, 2020
Mazé Andrade (Pernambuco)



Zoiudo
Escultura de cerâmica de alta temperatura, 25 x 17 cm, 2021
Beca Chang (São Paulo)



Sem Título (díptico)
Cerâmica em Raku
Obra 1, 22 x 12 cm | Obra 2, 22 x 10 cm
Tete Wall (Rio Grande do Sul)





Série Elementos Pluviais
Esculturas modeladas com placas, pintadas com esmalte e s em alta temperatura
Obra 1 - CACHEPOT - Antes que a chuva passe, 21 x 16 cm, 2024
Obra 2 - BOWL – Orvalho
Sandra Huang (São Paulo)



Série Africâner
Cerâmica modelada em placas, esmaltada em alta temperatura
Obra 1 – África, 27 x 04 cm, 2024
Obra 2 – Bak, 21 x 06 cm, 2024
Silvia Yukari (São Paulo)



Ascenção e Abertura (tríptico)
Cerâmica de alta temperatura, queimada, modelada no torno, com esmalte elaborado com óxidos naturais de formulação própria, 2023-2024
Peça 01: 23 x 11 x 11 cm | Peça 02: 32 x 13 x 13 cm | Peça 03: 29 x 25 x 25 cm
Marina Monteiro (São Paulo)



Exu Guardião das Matas
Escultura em cerâmica figurativa, modelagem manual, monoqueima em forno elétrico, argila preta, com utilização de esmalte e tinta cerâmica, 29 x 15 x 11 cm, 2024
Rosylene Pinto (Mato Grosso)



Exu do ouro
Argila preta, lustre de ouro penduricalhos de metal, cristal, plástico, fitas e pingentes de seda dourado, 25 x 14 x 07 cm, 2024
Richard Calhabeu (São Paulo)



Exu do Lodo
Escultura de cerâmica queimada em forno elétrico, 26 x 15 x 15 cm, 2022
Izane Schul (Rio Grande do Sul)



Voraz
Escultura modelada em torno elétrico e molde, pintada com esmalte cerâmico e fios de cobre, queimada a forno elétrico., 34 x 13 cm, 2020
Kira (São Paulo)



Vidas
Escultura modelada em torno elétrico e placa, pintada com esmalte cerâmico transparente alcalino, queimada a forno elétrico., 34 x 14 cm, 2020
Kira (São Paulo)



Viagem
Escultura modelada em torno elétrico e molde, pintada com esmalte cerâmico e transparente alcalino, queimada a forno elétrico, 25 x 13 x 15 cm, 2021
Kira (São Paulo)





Despacho Inanimado - parte 3 (Instalação)
Parte 7 - Sem título (2 peças), 7 x 25 x 6 cm
Parte 8 - Ajeum bó (1 peça), 21 x 14 x 11 cm
Parte 9 - Emoldurar as memórias (6 peças), somadas resultam em 38 x 26 x 2 cm
Madeira, cerâmica queimada, fios de cobre
Gabriel Pinto (Minas Gerais)
*Crédito imagens: Daniela Dayrell





Exu Rei
Modelagem em cerâmica; esmaltada, 26 x 12 x 12 cm, 2024
Neca Laham (Rio Grande do Sul)

A ARLA na 3ª Bienal Black Brazil Art: reflexões sobre a apropriação e transformação do conceito da fofoca ao revés de sua instrumentalidade em benefício do patriarcado

Janayna Victória Araújo dos Santos Silva[1]



Artistas (em) Conversação (cubo de conversa)
Identidades Artísticas e Influências Culturais
Canal do YouTube da Black Brazil Art
Patrícia Brito (RS-SC), Coletivo Arla – Janayna Araújo (BA), Bia Rezende (RJ), Andressa Cristina (RJ), Patrícia Costa (PB-RJ), Léa Juliana (DF) e Rosa Ferreira (MG)

ARLA: antes de tudo, uma necessidade

A sigla ARLA, abreviação para Artistas Latino-americanes, desponta como uma luz vibrante, tecendo uma rede de conexões entre artistas, histórias e expressões. Dedicando-se a explorar a vasta produção artística de mulheres cis, trans e pessoas não binárias da América Latina, com uma atenção meticulosa aos aspectos de gênero, raça e sexualidade. Sua origem remonta a 2020, nas areias quentes de Salvador, Bahia, expandindo-se desde então e desafiando as fronteiras geográficas e conceituais.

O cerne dessa iniciativa é uma inquietação pulsante que desafia as narrativas machistas na história da arte ocidental, impulsionada por um grupo diversificado de artistas, curadoras e pesquisadoras que o constroem. Esses corpos exploram os limites entre o trabalho coletivo e individual, questionando se é possível dissociar a produção artística do contexto histórico que a molda.

O objetivo primordial da ARLA é provocar reflexões sobre as presenças e ausências de corpos marginalizados na história da arte ocidental e nos espaços institucionais, tanto públicos quanto privados. Mais do que simplesmente destacar a contribuição de mulheres pretas, brancas, cis, trans ou de qualquer outra identidade, o foco reside também em expor os obstáculos impostos que as impediram de alcançar pleno reconhecimento, muitas vezes resultando em fracassos injustos. O projeto tem suas raízes firmemente plantadas na pesquisa meticulosa das biografias e obras de artistas da Latino-América. A intenção não é apenas "dar voz" às suas produções, atuando como se fossem seres passivos que aguardam ansiosamente por uma ajuda vindoura...Não! É reconhecer que elas sempre estiveram lá, habitando em um mundo que muitas vezes as negligenciou, obrigadas a colocar a família, a carreira e a sobrevivência em lugares opostos aos espaços de produção da arte.
A ARLA, durante sua participação na 3ª Bienal Black Brazil Art, deposita mais um tijolo no constructo da autonomia des artistas latino-americanes. Ao destacar a importância das vozes que impulsionam uma mudança significativa, a agência desafia a negligência e revela ao mundo o potencial dessas vozes como ferramentas de transformação.

LINHAS INSURGENTES: Identidades artísticas e influências culturais

O mais recente projeto encabeçado pela ARLA é o #BatePapoARLA, que visa resgatar as potencialidades das interações entre mulheres, também conhecidas como gossip - ou fofoca, no bom e velho português -. Através desse projeto estabeleceu-se uma interlocução com a obra de Silvia Federici "A história oculta da fofoca" (2019) ao questionar as estruturas machistas que moldam a vida na sociedade ocidental e, portanto, a história da arte. Buscando desafiar o status quo, essa comunicação explora as interseções complexas de gênero, raça e sexualidade em suas respectivas esferas de atuação. A filósofa italiana oferece, por conseguinte, uma exploração fascinante e inovadora sobre a prática da fofoca, destacando sua importância como uma forma de comunicação e resistência em comunidades marginalizadas, desafiando estereótipos comuns associados à fofoca e mostrando como ela pode ser uma ferramenta para compartilhar informações cruciais, fortalecer laços comunitários e desafiar estruturas de poder opressivas.

Em última análise, trata-se de reflexão e pesquisa sobre as condutas que, na socialização de informações relevantes ao questionamento da ordem instituída, operam o contraponto à sistemática deslegitimação das narrativas femininas pela estrutura patriarcal. Saindo da abstração, o #BatePapoARLA propõe que a agência dos corpos estigmatizados produza, conscientemente, os espaços e oportunidades em que se formará a própria hegemonia. Diferente do refúgio que se denota das conversas privadas convencionadas como algo depreciativo, o objetivo é a busca ou a criação deste lugar para extrair também do estigma a materialidade que reforça a oposição. As últimas sessões do bate papo foram online e contaram com a presença de 1 (um) convidade que poderia ser artista, curadora e/ou pesquisadora, abandonando a estrutura tradicional de entrevista em favor deste novo modelo de conversação, onde o assunto se desenvolve organicamente através de múltiplas vozes, numa conversa informal e tripartida entre e convidade, as mediadoras da ARLA e o público.

Estes encontros culminaram no convite para participar da 3ª Bienal Black Brazil Art de 2024, onde a ARLA - representada pelas mediadoras Janayna Araujo e Andressa Cristina - es artistas - Ana Imani (Bia Rezende), Rosa Ferreira, Patrícia Costa e Lea Juliana - e o público protagonizaram essa interlocução na mesa "Identidade artísticas e influências culturais" no eixo "Linhas Insurgentes".
Ao beber da fonte do #BatePapoARLA a arte que emerge desses espaços carrega um espírito de resistência e questionamento, desafiando paradigmas pré-estabelecidos e explorando identidades em processo de constante redefinição.

Em meio a essa comunhão intelectual, tanto na Bienal quanto no #BatePapoARLA, a mediação lança à convidade um pedido instigante:

compartilhar as referências que influenciaram sua jornada de pesquisa e reflexão, com o objetivo de expandir os horizontes da comunidade e entrelaçar suas redes de conhecimento.

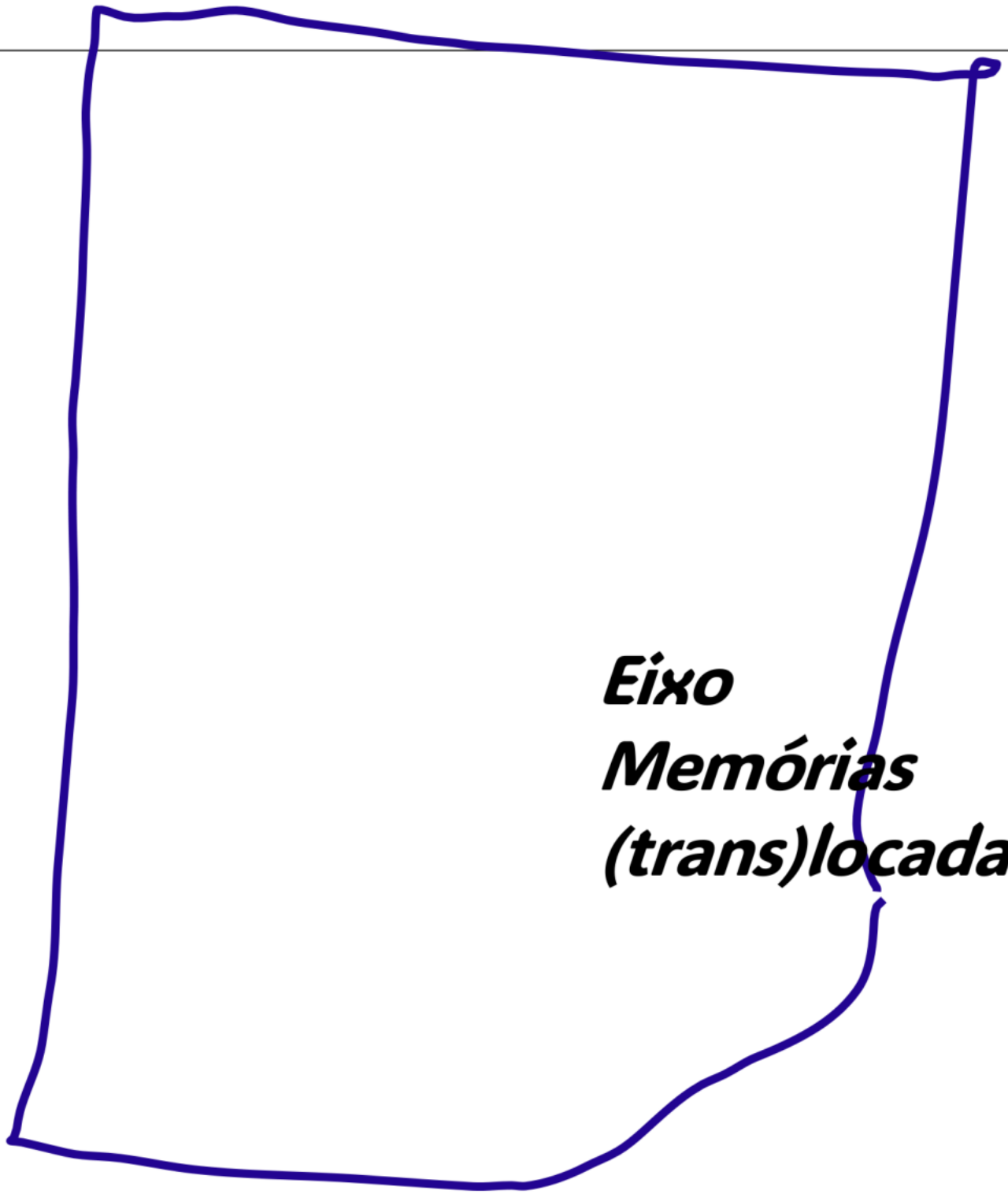
Esse momento é um dos pontos altos do bate papo enquanto fofoca, e reflete a intenção de trazer à tona pessoas e/ou produções que antes eram conhecidas, desconhecidas ou pouco exploradas pelos agentes. O engajamento com tais criadoras, amplia nossa perspectiva sobre os conceitos de arte, estética e autenticidade, e ao mesmo tempo, constrói pontes entre diferentes narrativas culturais.

Reconhecendo e valorizando o trabalho dessas artistas, curadoras, pesquisadoras e suas referências, não apenas celebra-se suas realizações individuais, mas também se reconhece as suas contribuições vitais para o discurso cultural e intelectual. Essas vozes e perspectivas são essenciais para ampliar a compreensão do mundo e promover um diálogo mais inclusivo e enriquecedor dentro do campo da arte e além.

[1] Bacharela Interdisciplinar em Humanidades pela Universidade Federal da Bahia (IHAC/UFBA), curadora de arte, artista, pesquisadora e fundadora da ARLA

Referência Bibliográfica

FEDERICI, S. A história oculta da fofoca: mulheres, caça às bruxas e resistência ao patriarcado. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2019


Eixo
Memórias
(trans)locadas





Bodas de Ouro N. 1 (série)
Impressão sobre papel, 80 x 60cm, 2023

Bodas de Ouro N. 10 (série)
Impressão sobre papel, 80 x 60cm, 2023

Flavia Fabiana (GO)
* Crédito imagem: Fabio Narano e Zenilda Cardoso







Centro Cultural Correios

Memórias (trans)locadas

Na vanguarda da arte contemporânea, a 3a Bienal Black apresenta Memórias (Trans)locadas como um de seus eixos temáticos mais provocativos e introspectivos. Este segmento da bienal é uma jornada profunda pelas narrativas de memória, migração e deslocamento, oferecendo um olhar íntimo sobre as vivências de indivíduos e comunidades imersas em contextos de transitoriedade e diáspora.

Através de uma seleção perspicaz de obras, Memórias (trans)locadas explora as nuances das memórias que foram deslocadas pelo tempo, espaço e circunstância. Estas obras artísticas funcionam como cápsulas do tempo, preservando e contando histórias de existências que foram marcadas pela movimentação e pela mudança. Elas se debruçam sobre as complexidades inerentes às memórias que, embora arrancadas de seus contextos originais, encontram novas formas de expressão e significado em territórios alheios.

Cada peça é um diálogo entre o passado e o presente, refletindo sobre como as memórias deslocadas moldam as identidades e as narrativas culturais. Os artistas, através de suas criações, questionam e reinterpretam o conceito de pertencimento, evidenciando como as memórias, mesmo quando fragmentadas ou reconstruídas, permanecem fundamentais na construção do self e na conexão com as nossas raízes.

Este eixo não apenas destaca a importância do passado na definição de quem somos hoje, mas também celebra a resiliência e a capacidade de adaptação das comunidades afetadas pela diáspora. É



Centro Cultural Correios

um convite à reflexão sobre as diversas camadas da experiência humana, reconhecendo a beleza e a complexidade encontradas na intersecção de culturas, histórias e identidades.

Ao caminhar por este segmento da bienal, os visitantes são encorajados a mergulhar nas histórias por trás das obras, conectando-se com as emoções, lutas e esperanças entrelaçadas. É uma experiência que promete não apenas educar, mas também inspirar uma maior empatia e compreensão das dinâmicas globais de migração e deslocamento.



Curadoria geral e colaborativa





Artista Premiada

Rompe Peine

Fotografia digital, impressão em Enhanced Matte, 140 x 93 cm, 2022

Cabelo de Bombril

Fotografia digital, impressão em Enhanced Matte, 140 x 93 cm, 2022

Claudia Prechedes (AR – BR)





Artista Premiada

ODOYÁ - todo coração é mar

Fotografia digital, impressão em Enhanced Matte, 40 x 60 cm, 2023

Modelo da foto Leticia Carias

BAILARINA DA PRAÇA

Fotografia digital, impressão em Enhanced Matte, 40 x 60 cm, 2023

Khauane Farias (RO)



Caixa Preta
Objeto instalação com projeção de vídeo, 2023
Aleixo e Renato Sancharro (PE)

" A arte é feita para circular" A Frase dita pelo artista pernambucano Paulo Bruscky, que defendia a prática da arte correio, termo utilizado pelo o artista para falar de arte postal, como sendo uma modalidade de arte antiburguesa, anticomercial e antisistema. Usando como ponto de partida, assumindo concordar com o raciocínio de Bruscky, temos interesse com este projeto propor uma relação e vivência com a arte no qual todos os envolvidos terão fundamental importância na construção dessa poética. Usando como referência direta o artista estadunidense Ray Johnson(1953/1994), seus Moticos (colagens enviadas aos amigos nos anos 50, com instruções que convidava o destinatário a adicionar um novo elemento a obra e enviar a outro destinatário) usando estratégia semelhante e bebendo da arte relacional queremos com esta ação criar uma pequena rede de comunicação que possa viabilizar a realização deste projeto desde sua partida na cidade de João Pessoa-PB, a sua chegada na cidade do Rio de Janeiro-RJ. Partindo do desconhecido e tendo a imprevisibilidade em seu destino nossa obra busca carregar em seu interior registros de sua passagem pelos os estados que a separam do ponto A ao ponto B. Esses registros que serão escolhidos e definidos pelo portador da caixa que irá seguir instruções iniciais que vai possibilitar o entendimento sobre a trajetória percorrida deste material simbólico que também carregará em sua essência as histórias e vivências múltiplas do povo preto que até os dias atuais buscam através da diáspora de matriz africana mais oportunidades e melhoria de vida. "Complete-o e devolva-o, por favor" , Ray Johnson(1927/ 1995)



AIMUA
Fotografia digital em monitor de TV, 2023
Registrado em Accra, Ghana através de filme analógico
Uzoma Ekpunobi (Canadá)

Uzoma é fotógrafo de documentários e retratos, artista visual e designer gráfico. Atualmente cursando bacharelado em licenciatura Design Gráfico com especialização em Fotografia. Também como Empreendedorismo e Inovação Social, Uzoma desenvolve e usa suas habilidades criativas para a mudança social em comunidades merecedoras de igualdade. Na sua jornada rumo à reconciliação através da descolonização, Uzoma cria momentos de relacionamentos com seus ambientes e consigo mesmo através de uma lente sociocultural. Crescendo semi-nômade e vivenciando uma identidade bicultural - crescendo tanto na FCT (Abuja), Nigéria e Sudeste de Ontário, Canadá, Uzoma cria uma compreensão de como as pessoas se adaptam aos seus ambientes - sejam indígenas ou migrantes – ao tentar manter sua conexão histórica e cultural.



A primeira obra retrata a estátua brasileira "Cristo Redentor" sendo entrelaçado com ondas soltas nas cores da bandeira brasileira para simbolizar a vinda juntos e acolhedores dos recém-chegados.

A segunda obra ilustra o círculo da vida, cada cor tendo um significado diferente que todos se inter-relacionam (pode ser interpretado de muitas jeitos diferentes).



The Flow of Life
Fotografia digital em monitor de TV, 2023

The Circle Life
Fotografia digital em monitor de TV, 2023
Jamilah Lambert-Jackson (Canadá)



Em "Identities Emergent: A Duality in Seating", os materiais, cores e texturas escolhidos não são enfeites arbitrários, mas símbolos profundos de narrativas de gênero. As cadeiras metafóricas servem como navios, carregando o peso da TRANSITORIDADE, MIGRAÇÃO E MEMÓRIA – fios-chave tecidos na estrutura da exposição 'FLUXOS (IN)FLUXO.' A transitoriedade é capturada na oscilação entre o 'masculino' alumínio/prata das cadeiras com sua textura áspera e o bronze/ouro 'feminino' com seu brilho suave. O alumínio bruto simboliza percepções sociais de masculinidade – fortes, duradouras, mas capazes de mudança e reflexão, destacando a jornada transitória do gênero atribuído ao nascimento até o seu EU autêntico. Em contraste, o calor dos elementos bronze/ouro embala a noção de feminilidade que emerge com suavidade e sutileza, um testemunho do surgimento estimulante de uma nova identidade. A migração reflete-se na metamorfose da sólida base "masculina" para as sobreposições "femininas", ecoando a migração interna do gênero atribuído no nascimento para a verdadeira identidade de gênero. Essa interação de materiais simboliza o caminho que se percorre, movendo-se por diferentes identidades, espaços, e estados de ser – um aceno comovente à experiência transgênero, que envolve cruzar várias fronteiras, tanto físicas quanto metafóricas. A memória é homenageada através das superfícies texturizadas, especialmente o couro preto que ancora as peças na realidade vivida das comunidades minoritárias. A textura fala da resiliência e da riqueza da tapeçaria de memórias – pessoais e coletivas – que formam o pano de fundo da narrativa transgênero. As cotoveleiras artisticamente projetadas, lembrando a genitália, confrontam e desafiam o gênero tradicional binários, insistindo na presença e preservação da memória transgênero dentro do social consciência.

O bronze/ouro significa a sexualidade feminina, um símbolo radiante da jornada das mulheres trans, enquanto a prata/alumínio reflete a masculinidade escondida e posteriormente desvelada, um espelho para o trans experiências dos homens. O diálogo entre os dois materiais, cada um mantendo sua posição, mas com fluidez a transição para o outro sublinha a complexidade em camadas das identidades transgênero. Em sintonia com 'FLUXOS (IN)FLUXO', essas cadeiras são esculturas de transição, marcando o fluxo contínuo identidade através do tempo e do espaço.

Identities Emergent: A Duality in Seating
Impressão digital em adesivo vinil, 250 x 250 cm, 2023
Elfy Castro (Canadá)



A primeira obra retrata o depois da caça, quando os homens da família cortam os pedaços do animal que sacrificamos. Este ritual acontece quando há algum evento, geralmente aniversários, casamentos, ou mesmo a visita de um membro da família há muito falecido. O tempo para a família é importante em La Mosquitia, então esse momento me faz lembre-se disso. Comida, reunião e bons momentos com seus entes queridos.

A obra dois representa as bananeiras que são um alimento básico da infância da artista natural de Honduras. Todos tem pelo menos uma bananeira no jardim da aldeia onde esteve, em Irlaya. Esta obra também utiliza formas (circulares e arredondadas) como referência para a lenda da cidade perdida, Ciudad Blanca em La Mosquitia – a região de origem da artista. É misterioso e intrigante, especialmente porque o seu reconhecimento sinal e logo é o macaco. Esta obra é uma composição sobre suas memórias de infância com banana, árvores e seu fascínio pela cidade perdida dos macacos em La Mosquitia.



Plun pi aya
Pintura acrílica digitalizada e reproduzida em monitor de TV, 2023

Banana Tree
Pintura acrílica digitalizada e reproduzida em monitor de TV, 2023
Claudia Dore (Canadá)

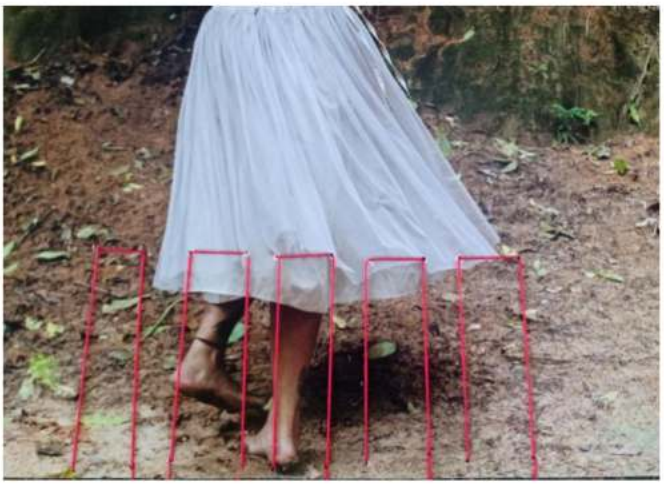




Corpo-Fronteira
Videoarte <fragmento em foto>, 8'58", 2021
Marcela Cavallini (RJ)

Corpo fronteira emerge do estado de mutação da nossa sociabilidade planetária. A aproximação com as técnicas têxteis interpõe o imaginário poético a uma respiração difícil, árida e densa de quem experiencia o isolamento físico associado ao corpo que testemunha os dados de morte por coronavírus tangenciado pelo desmatamento ambiental, perpetuado pelo governo brasileiro. Foi filmada no deserto de monocultura de eucaliptos do Estado de Espírito Santo, na reserva de proteção ambiental Águas do Caparaó e a minha própria casa.







O corpo em estrutura do ser em sua composição de órgãos, expressam a alma através dos sinais, ruídos, sensações e atravessamentos. Passeia por bordas, trilhos, ruas e cruzamentos. Nessas vias expressas, no espaço-tempo dilatado, em movimento pendular, o corpo vira elemento vivo e costura sua poética na geografia da cidade, enquanto é o seu próprio meio de travessia.

Corpo-Poesia (série)
Fotoperformance em fotografia e bordado impressa em lambe-lambe, 29 x 28 cm, 2023
Fotografia: Sophia Lyrio
Ana Brito (RJ)







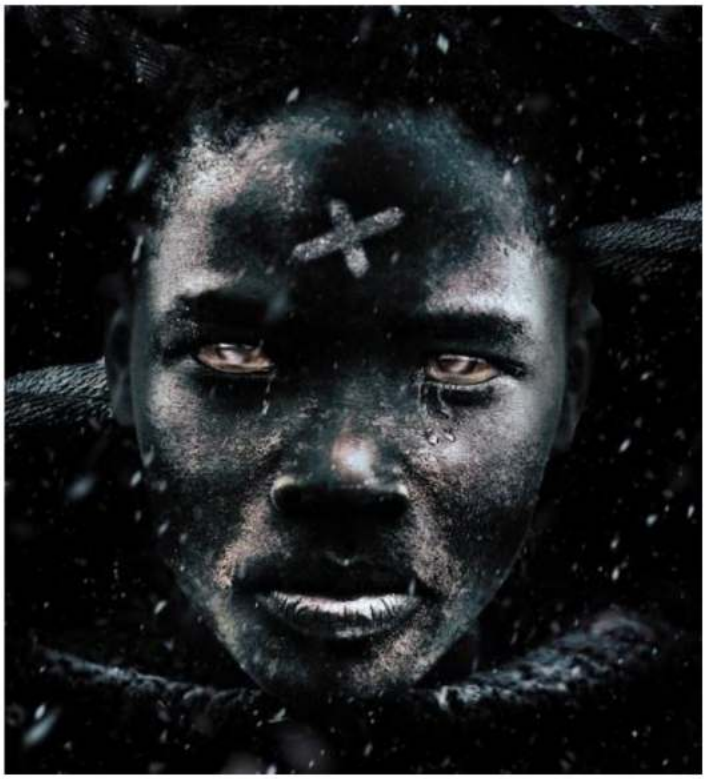
Pertenço a uma alma coletiva. Promotora de fluxo, saúde e vida. Acolho meus ascendentes e respeito os caminhos que cada pessoa escolheu. Na minha constelação elas são pertencentes e foi nela que minha criança ferida se perdeu. Cabe a mim seu resgate e cuidado para que dela não eu me esqueça. A desordem familiar perpetuou a doença ao longo das gerações, levando a falsa crença de que só se se alcança a plenitude na perfeição. Não é verdade, não. Há aprendizado, e a esperança sempre alcança, pois a cada um cabe seu quinhão.

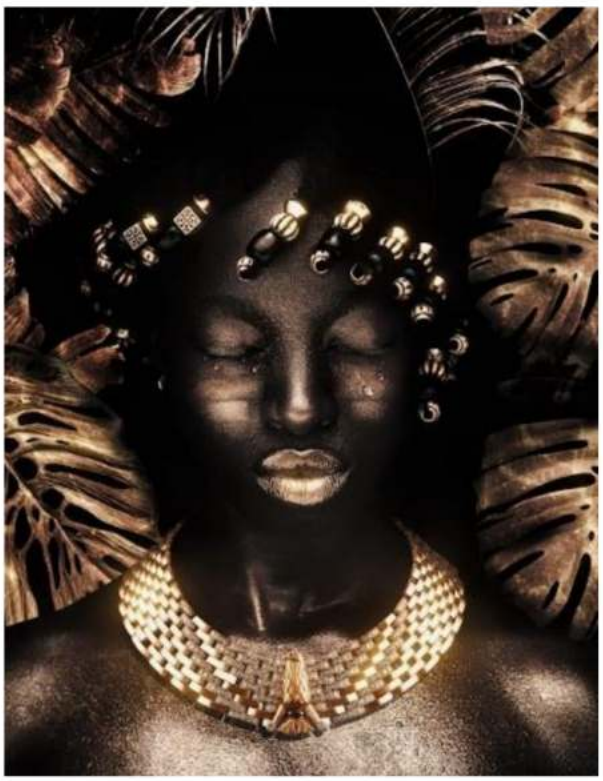
Eu sou casa e jardim, sou consciência, sou meu próprio lar. Meu percurso foi feito de quedas e levantar. Esse corpo que visto não me restringe, sou mais que meu DNA. Vive em mim a memória de tudo que há. Eu desato o nó da dor ancestral para que na vida em espiral, o amor não adoeça e se assim ocorrer, que a gente não padeça e ele possa vir a ser o amor que cura.

Aqui ou no astral, o desfecho da história é o que se vê no infinito.

Rasgo da Memória: Nós três em tempo de cura
Fotografia tríptico impressa, 30 x 60 cm, 2023

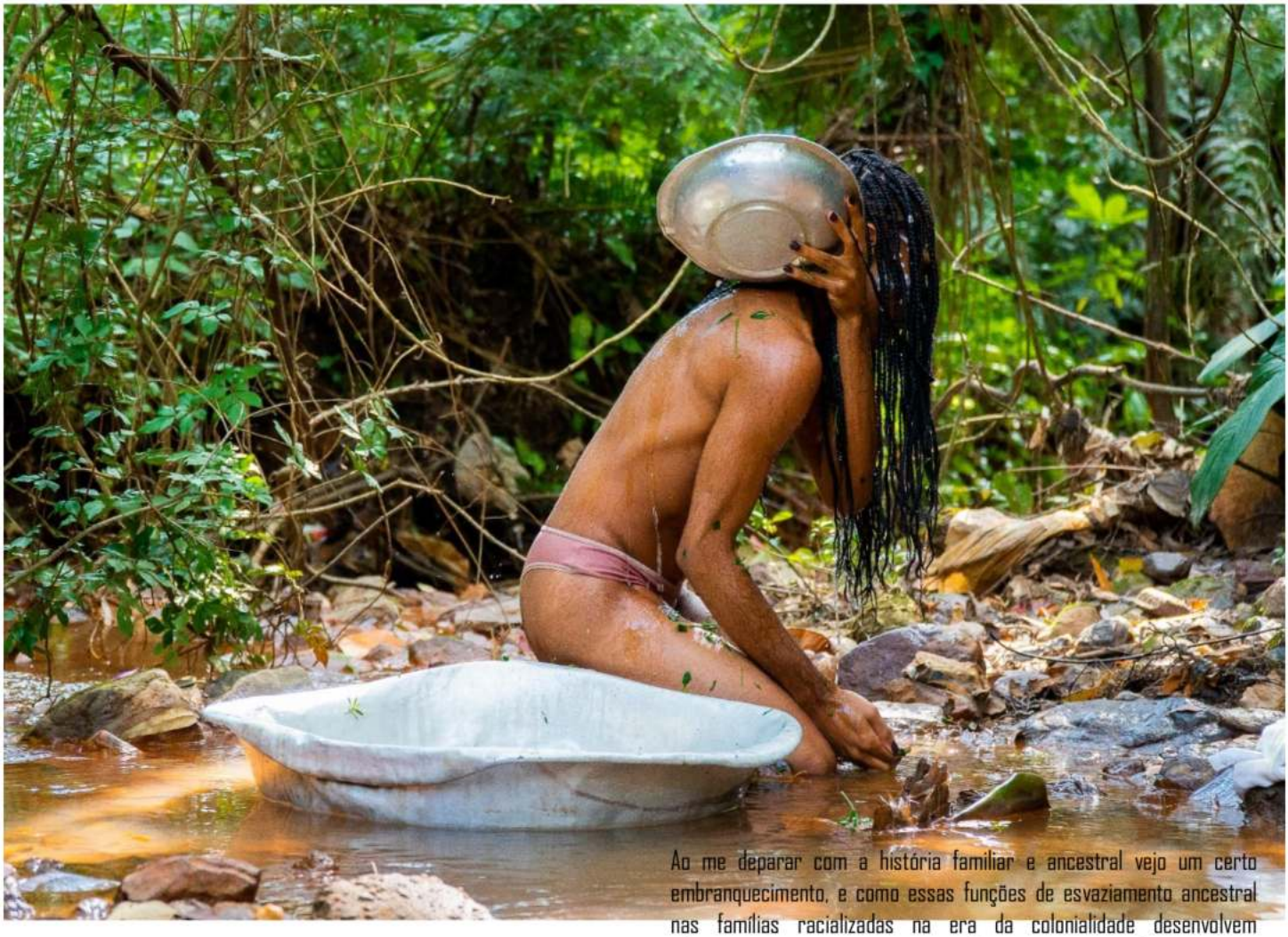
Viragem Simpatia de Cura
Vídeo performance <fragmento em fotografia>, 3'58", 2023
Mari Gemma De La Cruz (MT)





Retorno de Alkebulan
Fotografia manipulada digitalmente, A3, 2022

Raiva
Fotografia manipulada digitalmente, A3, 2022
Walter Passos (BA)



Proteção
Fotoperformance em impressão Fine Art, 62 x 87 cm, 2023
Rafa Cura (SP)

Ao me deparar com a história familiar e ancestral vejo um certo embranquecimento, e como essas funções de esvaziamento ancestral nas famílias racializadas na era da colonialidade desenvolvem adoecimentos corporais e mentais. Então nesse intuito de me curar e reivindicar um futuro-presente saudável e estável, de não repetir o mascaramento, de não ver meu corpo doer, começo a escrever, criar imagens e instalações com ervas, terra e água, e performances ritualística. O trabalho remete a tentativas de cura, proteção e preparação para sobreviver em um mundo colonial. Sabe aquela prática de botar a arruda atrás da orelha? Essa é uma prática que minha avó fala desde quando eu era criança, embora ela seja católica praticante, essa sabedoria medicinal e ancestral ainda permanece dentro dela, pra mim isso é uma das práticas populares mais potentes, eu só aprendi a gostar do cheiro da arruda quando cresci. Creio que "Proteção" seja uma forma de reforçar como podemos continuar a espalhar as sabedorias ensinadas por nossas anciãs das quebradas.



Samborê
Impressão fotográfica sobre tecido, 145 x 154 cm, 2019
Zaira Tarin (MG)



Esta obra constitui detalhes fotográficos de um mural comunitario realizado pelo Coletivo Morivivi em Porto Rico. O mesmo foi produto de aulas virtuais de concepção durante o ano de 2020 e 2021 com feministas de distintas partes do mundo, com o apoio da organização feminista internacional AWID, embora que a maioria fossem da América Latina. Mulheres portorriquenhas foram partícepes do proceso de criação do mesmo, por meio de uma pintura comunitaria. A imagen explora a transcendencia de fronteras, apresentando os corpos como um mapa. As abordagens seleccionadas para ese tríptico aprofundam essa leitura, apresentando a pele como territorio.

Nosotres luchamos, acercamientos: cuerpa y territorio
Trípticos de impressão digital sobre lenço, 205 x 24 cm, 2021-2023
Coletivo Morivívi (Porto Rico)



Ritual Artístico Performático O Rio de Dentro
Vídeo performance, 15'01", 2023
Adriana Teles de Souza (BA)
*Foto Sarah Lamille

Peço a benção aos meus mais velhos
que compõe a minha história
peço que me dê licença
pra eu cantar e contar nossa memória

Onde fica escrito o pacto feito com os olhos?
Onde fica escrito o pacto feito com os olhos?
descalce os pés pra entrar
que a terra do meu coração é sagrada
O rio vai nascendo dentro de mim
e eu brinco de sonhar
com esse rio de dentro
deixo que tudo que há no meu corpo
se revele

Sinto que posso rachar o universo ao meio
mas é na doçura que me encontro mais
ferro, vento e água dançando em mim

Não tenho sorte, tenho raiz
Mereço calmaria, eu sei

Eu quero alma
O mundo é mundo demais
E eu me interesso pelos detalhes
Quero saber das histórias por trás das olheiras
Quero saber das vivências guardadas em cartas
Oralidades, bagagens, sonhos e acasos
Eu gosto mais do fim do dia do que do começo
Porque é o no fim que se pode saber mais

Sobre o que quase não se fala [...]
Somos lama, somos terra
Somos terreiro, somos batuque
Somos mais agora do que ontem
Somos aquilo que nos traz luz
Somos abraço apertado
Beijo longo e cuidado
E que eu lembre
Que somos também a escolha
De onde pisaremos
Com o peito aberto

E os pés descalços" (LEÃO, 2019, p.119)

A sabedoria ancestral é como uma semente
que germina na terra fertil do coração humano
ela nos leva a caminhar com os pés na terra
a escutar com os ouvidos do coração
a enxergar com os olhos da alma
convoco todos os meus sentidos
vivo
pulso
movimento

O rio vai nascendo dentro de mim
e eu brinco de sonhar com esse rio de dentro
deixo que tudo que há no meu corpo se revele
e deixo também que a mão do tempo aos poucos me modele

O corpo é um caminho evidente de reinvenção da vida
para reconhecer e adentrar em outros níveis de consciência
compartilhar a alma das coisas
precisamos quebrar feitiços
com outros feitiços
transformar desencanto
em encanto
preparar espaço para um novo tempo
tanto o aprendizado com outras espécies
quantos as práticas de movimentos são vias de expansão
da percepção e consciência
e de salto para além do cotidiano
de baixas intensidades
que acomete a maioria das pessoas
tecnologias ancestrais para desanestesiar corpos
sequelados pelos ritmos da alta produtividade

precisamos de descanso cuidado
tempo
silêncio
regeneração
isso a floresta
o vento
as águas
o fogo

todos eles nos ensinam

eu danço como quem dança a experiência
de estar vivo
eu danço como quem dança a experiência
de estar vivo
eu danço como quem dança a experiência
de estar vivo

e a dança antes de ser arte
ela é um sentimento
e mesmo antes de ser vista
ela é sentida
e mesmo antes de ser vista
ela é sentida
e mesmo antes de ser vista ela é sentida
e ela pode ser tão simples
a ponto de não ser óbvia
e eu danço
danço o tempo
danço a memória
danço o agora
danço o corpo
e deixo que tudo que há nele se revele
brinco de sonhar com o rio de dentro

e eu danço
danço o tempo
danço a memória
danço o agora
danço o corpo
e deixo que tudo que há nele se revele
brinco de sonhar com o rio de dentro

e a dança antes de ser arte
ela é um sentimento
e mesmo antes de ser vista
ela é sentida
e mesmo antes de ser vista
ela é sentida

eu danço como quem dança a experiência
de estar vivo
eu danço como quem dança a experiência
de estar vivo
eu danço como quem dança a experiência
de estar vivo
danço o tempo
danço a memória
danço o agora
danço o corpo
e deixo que tudo que há nele se revele
brinco de sonhar com o rio de dentro

Transcrição da vídeo performance*



Paraje
Vídeo curta metragem <fragmento em foto>, 3'46", 2022
Mina Bárcenar Jiménez (México)



No passado, as identidades culturais eram muitas vezes mais singulares e localizadas. As pessoas geralmente se identificam fortemente com uma única cultura ou local de origem. No entanto, na sociedade contemporânea, há uma mudança notável no sentido de abraçar múltiplas influências culturais. Como resultado, é agora mais provável que os indivíduos tenham antecedentes culturais complexos e multifacetados. Esta evolução significa um afastamento do conceito tradicional de uma identidade cultural singular e reflete a crescente diversidade e interligação do nosso mundo.

Este trabalho, que apresenta Pixel como Moko Jumbie, é uma exploração profunda da sua relação multifacetada com a sua identidade cultural e as paisagens que a moldam. O termo "Moko Jumbie" vem da África Ocidental, onde "Moko" significa espírito ou presença ancestral, enquanto "Jumbie" é um termo caribenho para um fantasma ou espírito. Essas figuras imponentes guardavam historicamente aldeias e tribos e simbolizavam proteção.

Através de vídeos que sobrepõem três elementos-chave – a perspectiva única de Pixel, sua personificação como Moko Jumbie e as imagens de Trinidad – esta obra de arte simboliza a interseção dessas influências

O trabalho incorpora a ideia de que a identidade de uma pessoa é uma interação complexa de localização, herança e perspectiva pessoal.

Echos of Identity
Vídeo performance <fragmento em foto>, 2'00", 2023
Pixel Heller (Canadá)



Visible el arte y la fotografía afropuertorriqueña en Brasil

Edwin Velázquez Collazo

En años recientes Puerto Rico ha estado inmerso en una re-investigación de su arte afrodescendiente. Curadores e investigadores han señalado la falta de interés en las organizaciones museísticas del país por reconocer una estética afro dentro del arte puertorriqueño, un panorama plástico que ha venido rigiéndose por décadas e históricamente a través de una perspectiva eurocéntrica colonial siendo el país uno latinoamericano y caribeño.

Una emancipación afro que viene reflejándose no sólo en la isla sino también en nuestra diáspora con una visión descolonial del arte como respuesta a una constante invisibilidad de las estéticas afropuertorriqueñas. Para 1996 fuimos testigos en el pais de la primera exhibición de artistas negros con aquella historica exposicion colectiva titulada "Paréntesis: ocho artista negros contemporáneos", ya han pasado más de 25 años, desde entonces se han realizado esporádicas exposiciones colectivas afro y solamente dos personas visiblemente negras han ocupado puestos de envergadura en algún museo del país.

En otras palabras, la dimensión de la colonialidad (políticamente fuimos colonia Española y ahora Estadounidense) se deja sentir en un sistema cultural donde se marginaliza las expresiones de lo afro. Un panorama del arte donde tambien nos preguntamos ¿Hay habidos fotógrafos negros o afropuertorriqueños en el pasado o presente?. Luego de varias investigaciones me encontré con la realidad que en Puerto Rico dentro del campo de la fotografía artística hay muy poca representación de fotógrafos afropuertorriqueños y que no se ha investigado con profundidad el tema.

De los primeros fotógrafos afropuertorriqueños encontrados puedo mencionar a Néstor Cortijo, uno de los fundadores en los años 70 de En Foco, importante organización fundada en Nueva York para fotógrafos de ascendencia africana, asiática, latina, nativa americana e isleña del Pacífico radicados en los EE. UU., así como Hiram Maristany (1945-2022) y Sandra Andino en la diáspora. En la isla podemos mencionar a Catherine Matos Olivo (1979-2014), además de Arianna "Chikki" Cuesta, Adriana Parrilla, Angélica Allen, Brenda Cruz, Brenda Torres Figueroa, Deyaneira Lucero Maldonado, Marcia X, Germán Ayala Vázquez, José Ballesta, Ketsia Ramos, Nitzayra Leonor, Brendamaris Rodriguez y Jorly Flores.

Esta ausencia o invisibilidad afropuertorriqueña en las narrativas artísticas y fotográficas del país nos hace destacar la importancia, envergadura y momento histórico que tiene la representación de la fotografía afropuertorriqueña en esta 3ra Bienal Black Brazil Art 2024.

Primero, la participación de Puerto Rico en este evento internacional está basada en los principios de nuestra autonomía cultural como nación.

Segundo, la representación es histórica ya que se reconoce nuestra propia identidad visual afropuertorriqueña a través de la fotografía.

Tercero, se reafirma nuestra herencia cultural afrodescendiente así como una reconocible estética afro dentro del arte puertorriqueño en latinoamérica.

A tal efecto, en este evento internacional los artistas Deyaneira L. Maldonado Ramírez, Nitzayra Leonor Canales Dalmau, Germán Ayala Vázquez, Jorly Flores, Brenda Cruz Díaz, Brenda Torres Figueroa, Julio Enrique Amill Martínez, Ketsia Ramos Camacho, José Ballester Panelli y el Colectivo Moriviví a través de una variedad de bases teóricas en sus obras no sólo asumen y representan las múltiples identidades como personas afrodescendientes sino que también dejan un registro de intersección entre el arte y lo racial a través de sus fotografías, videos y arte digital.

Finalmente, la Bienal Black Brazil Art constituye un importante escenario para el arte afrolatinoamericano contemporáneo que permite establecer diálogos sobre raza, el colonialismo y esclavitud desde una perspectiva de las artes visuales.

Edwin Velázquez Collazo
Curador invitado



Espiral en Fuga
Fotografia digital em monitor de Tv, 2020
Jose Arturo Ballester Panelli (Porto Rico)







Retenido, El Pecador, La Carga – de la serie Heaven for the Unwanted
Fotografia impressa em adesivo, 2021
German Ayala Vazquez (Porto Rico)



América-Yo-Europa, De la serie Retrato de uma (de)colonizada
Fotografia impressão em vinil, 150 x 100, 2018
Brenda Cruz Díaz (Porto Rico – Espanha)



Reina de ruinas/Autorretrato
Fotografia em adesivo, 100 x 80cm, 2023
Ketsia Camacho Ramos (Porto Rico)



Ausencia
Fotografia em adesivo e fotomontagem, 80cm x 80cm, 2019
Brenda Torres Figueroa (Porto Rico – Estados Unidos)



Vulnerabilidad en el hogar I
Fotografia em adesivo, 80cm x 80cm, 2023
Deyaneira L. Maldonado Ramirez (Porto Rico)



El cauce y la causa II
Fotografia em adesivo, 2,00m x 1,20m, 2022
Nitzayra Leonor Canales Dalmau (Porto Rico)



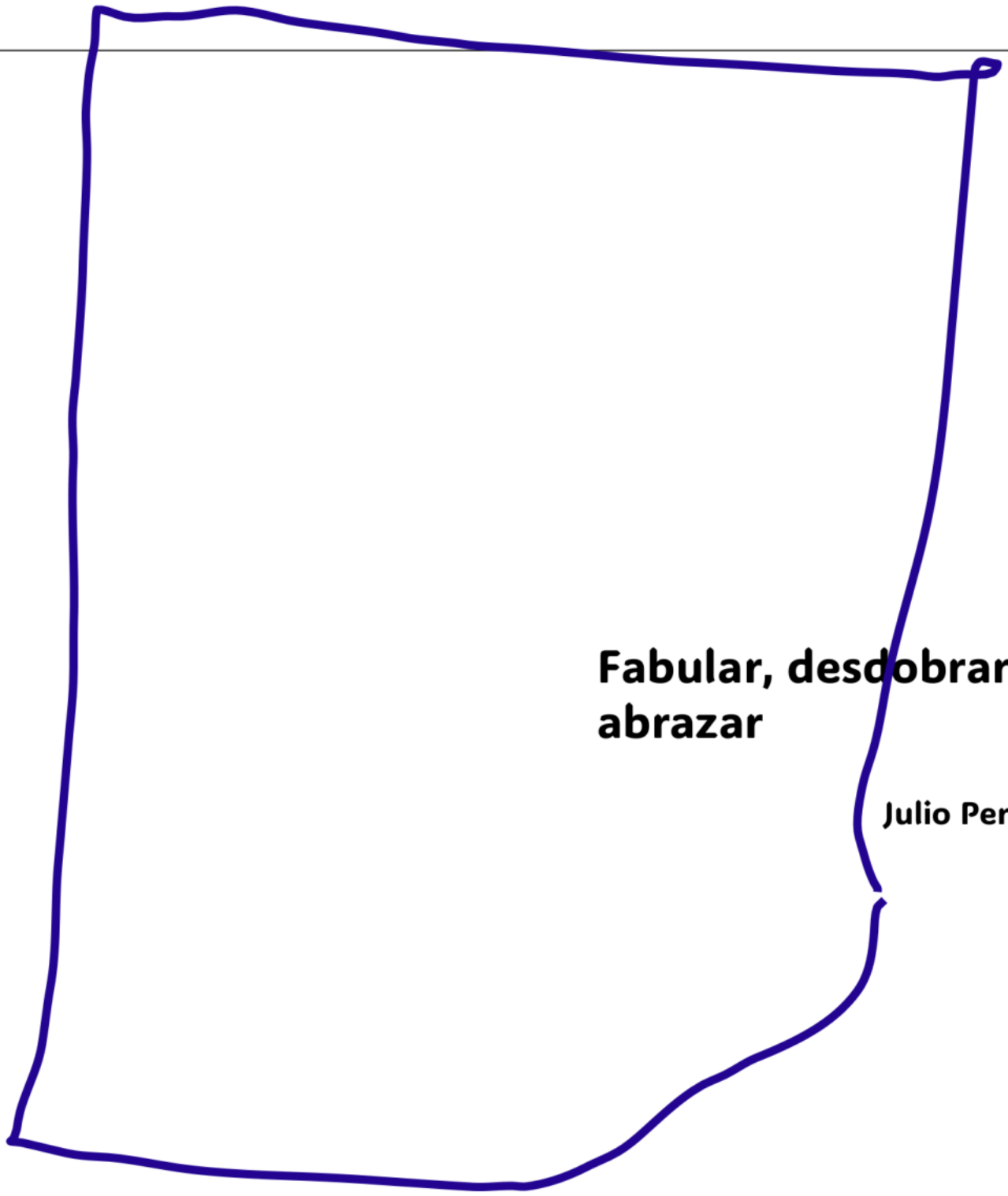
Dont Forget About Us (No se Olviden de Nosotros)
Fotomontagem em totem, 29,7cm x 1,80cm, 2018
Jorly Flores (Porto Rico)



Vejigantes 2020
Video, 22'11", 2022
Julio Amil (Porto Rico)



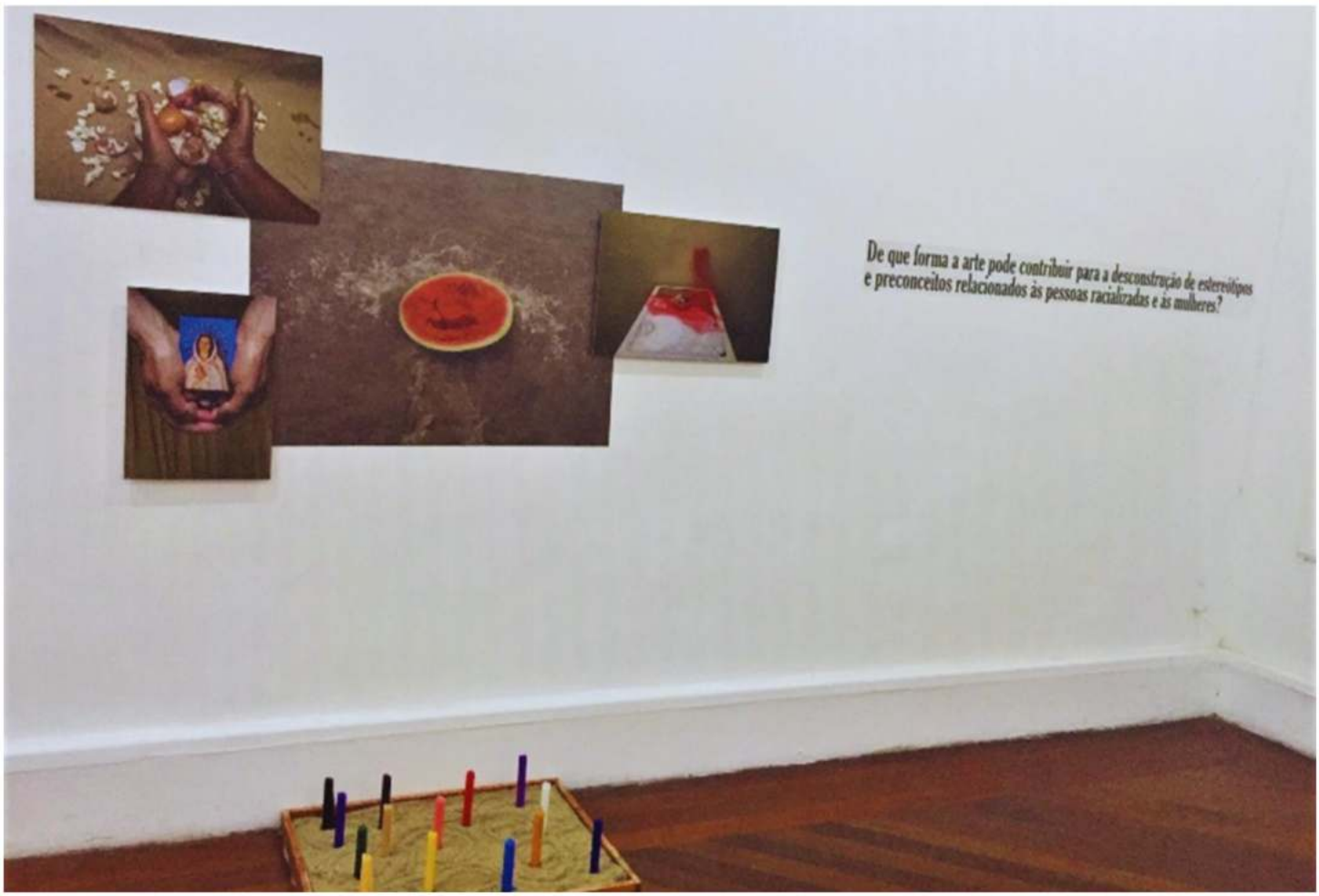
Artistas (em) Conversação (roda de conversa)
Práticas decoloniais do Sul ao Sul
Sala de projeção Centro Cultural Correios
Patrícia Brito (RS-SC), Ana Brito (RJ), Fer Piñeirua (UY), Carola Vázquez Gil Invernizzi (UY) e Mayra da Silva (UY)



Fabular, desdobrar, abrazar

Julio Pereyra


Como o espaço artístico pode ser transformado para promover a inclusão
e representatividade de artistas racializadas(os) e mulheres?


De que forma a arte pode contribuir para a desconstrução de estereótipos
e preconceitos relacionados às pessoas racializadas e às mulheres?



¿Qué acciones son posibles de llevar a cabo en una bienal? ¿A qué aventuras pedimos se abran los caminos cuando nos lanzamos a soñar en un bienal?

La experiencia de curar el envío desde Uruguay a la Tercera Bienal Black es un espacio de creación lleno de entusiasmo e interrogantes. Entusiasmo por participar de un evento en el que la mirada afrocentrada sobre las prácticas artísticas contemporáneas está garantizada desde su creación e interrogantes en tanto obliga a pensar en qué y quiénes pueden, desde su hacer, dar cuenta de una situación histórica que se presenta llena de desafíos. Pensar en una propuesta en la que los trabajos seleccionados funcionen como un entramado coherente, que desde diferentes voces se logre una unidad en la diversidad, una mirada que se instale en un mismo horizonte de anhelos y posibilidades.

La selección de las artístas Mayra Da Silva, Fernanda Piñeirua y Carolina Vázquez Gil permite transitar por un territorio de afectos, desafíos al futuro en tanto proponen formas nuevas del vinculo y de acción desde el campo del arte que avanza sobre el territorio de la vida.

Fabular y abrazar

La obra de Mayra Da Silva, Desbordar la memoria, propone un imaginario que recrea y acoge una mirada sobre sus propios orígenes. Establece un territorio custodiado por la magia de lo ritual y desde allí poder llegar comprenderse desde la(s) trama(s) de la ascendencia, los legados. Revisa las formas que se hacen presentes en la cotidianeidad y nos hablan de historias que olvidamos pero que no nos olvidaron. Reinventa rituales que permiten encontrar los caminos hacia una identidad que abraza la diferencia, que pone en imágenes elementos que conjuran y enfrentan las formas de opresión. Pero principalmente abraza la diferencia como una forma de ser y estar en el mundo. Desde la arena, en la orilla, con la mirada repleta de agradecimiento.

Abrazar y desbordar

Fernanda Piñeirua desde su Fabula de regreso acoge un territorio, lo hace propio y desde allí quiebra os limites y se expande hacia los lugares en donde sabemos que nos esperan desde hace tiempo, donde somos aun cuando todavía no llegamos. En su obra se hacen evidentes formas de creación que contienen formas del vinculo como la amistad y formas del valor desde la insistencia en la pregunta. La palabra circula para dar forma a una forma nueva de la presencia, una forma otra de habitar. Hacer, rehacer, volver a intentar. Incorporar el error a la obra ¿a la vida? como una forma de conocer, como un modo de creación. Hay un territorio que nos pide que traspasemos sus limites. Solo resta dar paso al afecto para atravesar la distancia que de allí nos separa. Saber que es allí donde estamos siendo Y que la voz que nos invita hacia allí no miente.

Desbordar, fabular

Desde Abrazos cotidianos Carolina Vázquez Gil desafía el presente. Cruza una y otra vez, con la levedad de la mirada, los espacios que se señalan como fuera del camino de la luz. Encuentra las narrativas que crean para si cada uno de sus retratados y las vuelve parte de nuestros sueños lucidos. En sus fotografías se despliega el deseo de contar. Quizá sea cine detenido en el tiempo, quizá nada de esto sea real, todo esto es necesario. Abrazar es un acto de valor. Bajar la guardia para que el otro nos tome, para que el otro nos mire. Quizá la magia se despliega en el encuentro. No es necesario el quizá, la magia se despliega en el encuentro, se hace luz e impacta en la cámara. Impacta en cada uno de nosotros.

Proponer una selección de artistas y obras para la tercera Bienal Black es también un acto de valor. Es asumir como propios los sueños de otros. Es permitir dejarse atravesar por lo que en un principio pensamos que elegíamos, pero que en realidad era lo que nos elegía. Una y otra vez es dar pasos sobre un territorio de resistencia. Es entender que solo es posible el nexo con la obra en el momento en que nos rendimos, que entendemos que resistir a su mensaje no habilita nuevas formas de entenderse. Que es el camino para fabular, desbordar y abrazar, el camino que la Bienal Black transita hace tiempo.

Julio E. Pereyra Silva
Curador invitado



Desdobrar la Memoria
Instalação fotográfica, tamanhos variados, 2022
Mayra Da Silva, (Uruguay)
* Colaboração com Bettina Franco



Abrazos Cotidianos

Instalação fotográfica em lambes e impressão em tecidos, tamanhos variados, 2020-2022

Carola Vazquez Gil Invernizzi (Uruguay)









Fabula de Regresso
Vídeo arte em loop, 5 minutos, 2024
Fer Piñeirua – Menina Fer (Uruguay)

Interseccionalidad y diversidad artística

Claudia Mandel Katz







Negra sobre Blanco
Vídeo performance, 4:41 minutos, 2022
Leda Artavia (Costa Rica – Espanha)

El proyecto moderno encierra una paradoja: por una parte, se plantea como una fuerza progresiva y universal que posibilita la liberación del género humano a través de la racionalidad. Sin embargo, revela su lado perverso al ser un nuevo patrón hegemónico de poder mundial asociado desde su origen con el colonialismo, el capitalismo y el eurocentrismo. La globalización en curso, es la culminación de un proceso que comenzó con la constitución de América y del capitalismo/colonial moderno y euro centrado como un nuevo patrón de poder mundial y que, desde entonces permea las dimensiones más importantes del poder mundial, incluyendo su racionalidad específica, el eurocentrismo. Pero ese patrón de poder mundial se basa en la noción de raza, una construcción mental que expresa la experiencia fundacional de la dominación colonial (Aníbal Quijano, 2003). En la edición de la Bienal Black 2024, temas tales como los conflictos sociales, la migración, el sexismo, el racismo y la discriminación, son abordados por las artistas quienes al cuestionar, perturbar y desestabilizar los lenguajes comunes de la vida diaria a través de sus obras de arte representan un primer paso crucial para iniciar debates, para resaltar las exclusiones y para colaborar en la formulación de propuestas de cambio. De esta manera, sus propuestas logran captar la atención del público hacia temas que, a la vez, son centrales para el Museo de las Mujeres Costa Rica: la justicia de género y el cambio con miras a generar acciones concretas para construir una sociedad más inclusiva y equitativa.

En la intersección de las culturas latina, caribeña y africana, las diferentes formas en que las artistas de esta bienal entienden la identidad son fundamentales, al explorar cómo la racialización a lo largo de la historia se ha utilizado para esclavizar, oprimir y discriminar a las mujeres en particular. Sin embargo, en los últimos años, abrazar la diversidad de identidades en América Latina se ha convertido en una forma de lucha contra el racismo y la discriminación. María Lugones (2021), figura pionera del movimiento decolonial, ha dirigido su atención hacia Abya Yala, el término utilizado por los Kunas de Panamá en lugar de la "América" colonial, con el objetivo de incluir a las poblaciones indígenas y afrodescendientes. En la actualidad, la conceptualización de una coalición contra diversas formas de opresión es relevante para América Latina, ya que implica la necesidad de replantear nuestra identidad como comunidad. Esto es fundamental para poder escuchar realmente las voces de las mujeres indígenas, afrodescendientes y mestizas que se sienten afectadas por las secuelas de la herida colonial, ya que la decolonización no puede ser completa sin abordar las dimensiones de género. Siguiendo la línea de pensamiento de Lugones, la conceptualización de una coalición contra diversas formas de opresión adquiere relevancia en la actualidad para América Latina y El Caribe, ya que implica una reevaluación de nuestra identidad como comunidad. Las narrativas visuales creadas por las artistas Leda Artavia, Daniela Castillo Cortez, Alexandra Idrobo, Luisa Nieves Rendón y Gertrudis Rivalta Oliva, exploran las desigualdades en las relaciones de poder que sustentan la colonialidad de género. Estas artistas adoptan un enfoque que integra las categorías de género, clase y "raza" como herramientas de clasificación social sobre las cuales se han erigido diversas formas de opresión, que actúan de manera simultánea. Las imágenes producidas por estas artistas se interpretan como testimonios históricos de sus identidades desafiantes en la lucha por construir una práctica política basada en la memoria y la resistencia frente a las multidimensionales y complejas secuelas del colonialismo.

Es el caso de la artista costarricense **Leda Artavia**, cuyo proyecto de videoperformance *Negra sobre blanco* redefine el significado de ser una mujer afrodescendiente al explorar las complejidades de la identidad "negra" en un mundo predominantemente "blanco".

La obra *Amara* de **Daniela Castillo Cortez,** artista textil chilena residente en Argentina, fue creada después del estallido Social el 18 de octubre del 2019 en Chile donde el gobierno de Sebastián Piñeras se dedicó a reprimir y a mutilar al pueblo que se manifestaba legítimamente contra las injusticias generadas durante 40 años de gobierno neoliberales. Esta decisión política de represión brutal generó el retrato de Natalia Aravena, una de las más de 400 víctimas de mutilaciones oculares. Realizada con hilos de colores a partir de la técnica de remendar prendas aprendida de niña, esta obra interviene los espacios públicos para generar un ejercicio de memoria y para saber -como explica la artista- "que en cada lugar donde habitamos quedamos con las mutilaciones en nuestra historia, en nuestro paisaje y en nuestras manos".

Alexandra Idrobo, artista visual interdisciplinar de Cali, Colombia, mediante la narración audiovisual explora el pasado ancestral y un presente diaspórico. El día en el que yo nací nacieron todas las flores es una serie de 3 fotografías que recupera la Esgrima de Machete y Bordón de Puerto Tejada, Cauca (Monte Oscuro) y Norte del Cauca como una acción de liberación y resistencia desde la época colonial. Cada fotografía es una parada y tiene su nombre respectivo: La azucena, la parada del diablo y la fantasiosa. Idrobo presenta estos elementos en uso textil como amuleto y recordatorio constante "de mis ancestrxs cimarrones negrxs así como también de nuestra existencia desde la resistencia".

La fotografía "Los Guerreros del río Térraba" de la fotógrafa **Luisa**

Nieves Rendón (Venezuela-Costa Rica) registra los juegos de Los Diablitos, una tradición que se remonta a la época colonial y que ha sido reconocida como patrimonio cultural inmaterial en 2017. Este ensayo surge motivado por el interés en documentar fotográficamente estas manifestaciones antropológicas con el fin de difundirlas y así contribuir a la preservación de la identidad cultural de los pueblos latinoamericanos.

El video *Y nadie nos ayudó*, de la artista cubana **Gertrudis Rivalta Oliva**, aborda la tragedia del naufragio donde murieron mujeres embarazadas y niños. Las fotos que flotan en la superficie del agua al ritmo del movimiento de las olas, remiten a las historias de las personas que se atreven a cruzar el estrecho de Marruecos a España persiguiendo un sueño.

Referencias

Lugones, María. (2021). *Peregrinajes. Teorizar una coalición contra múltiples opresiones*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: Editorial del Signo.

Quijano, Aníbal. (2003). "Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina", en LANDER, Ed. *Colonialidad del Saber, Eurocentrismo y Ciencias Sociales*. CLACSO, Bs. As., 2000. p. 201-246.

Claudia Mandel Katz
Curadora invitada








Juegos de los Diablitos
Fotografia impressa em adesivo, 2022
Luisa Nieves Rondón (Costa Rica)





Amara
Instalação têxtil, 8 x 2,5 m, 2023
Daniela Castillo Cortez (Chile - Argentina)





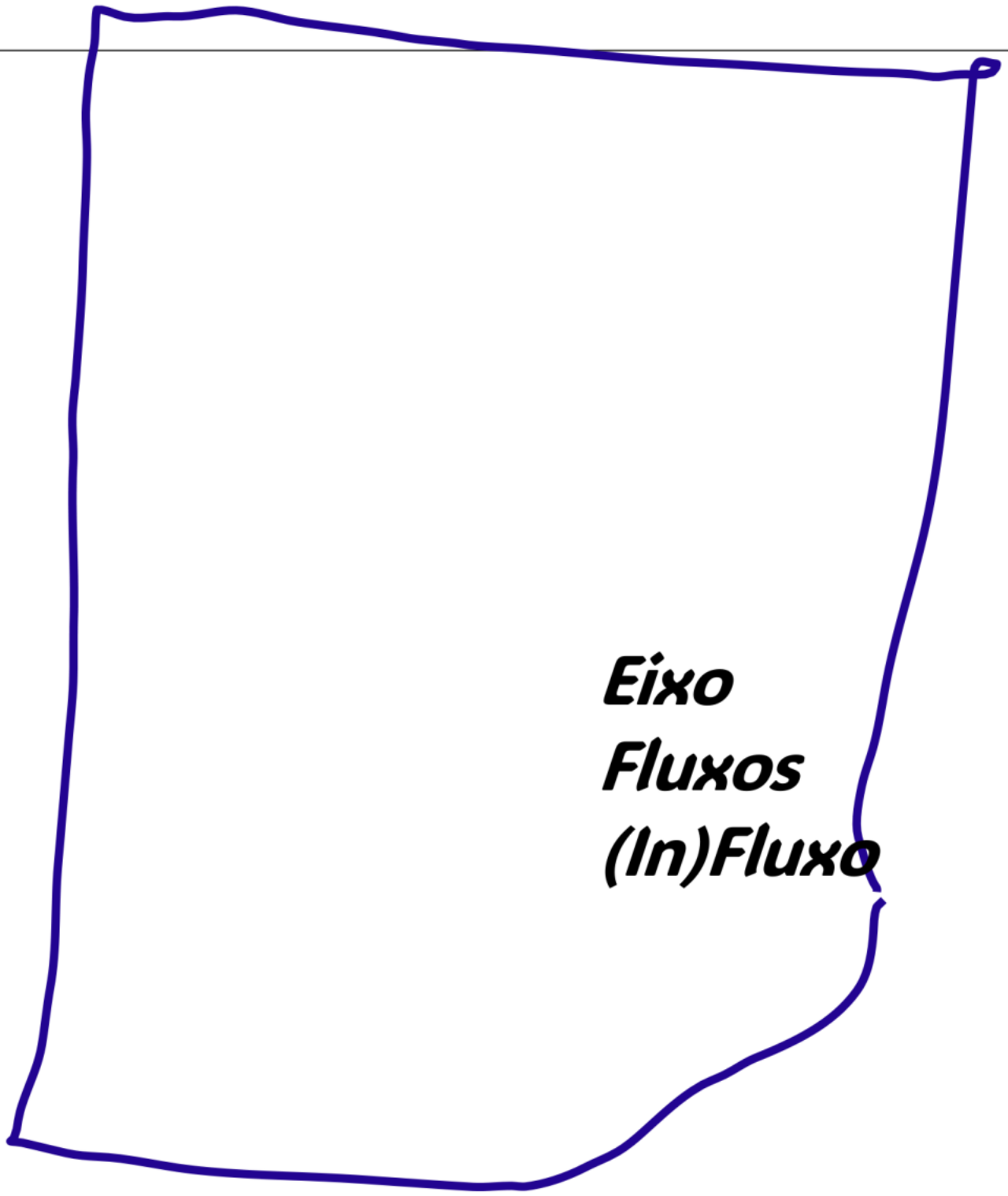


El dia en el que yo nací, nascieron las flores
Fotografia impressa em adesivo, 2020
Alexandra Idrobo (Costa Rica)





Y nadie les ayudó
Vídeo arte em loop, 9:50 minutos, 2023
Gertrudis Rivalta Oliva (Costa Rica – Espanha)


Eixo
Fluxos
(In)Fluxo



Visita mediada em pré-produção para turma de produção cultural
Espaço Cultural Correios, Niterói (RJ)







Espaço Cultural Correios em Niterói

Fluxos (In)Fluxo

A exposição Fluxos (In)Fluxo: Transitoriedade, Migração e Memória chega no Espaço Cultural Correios em Niterói, convidando os visitantes a explorar o intercâmbio cultural e migratório entre o Brasil, representado aqui por algumas capitais de confluência e a cidade de Guadalajara na Espanha. Este diálogo transatlântico é uma jornada através do tempo e do espaço, revelando como os fluxos contínuos entre essas regiões moldam identidades, práticas artísticas e discursos sociais em ambos os lados do oceano.

No coração desta exposição está a ideia de movimento — não apenas de pessoas, mas também de ideias, tecnologias e expressões culturais. Do Brasil, com suas influências indígenas, africanas e europeias, a Guadalajara, uma cidade espanhola rica em história medieval e renascentista, observamos como o deslocamento e a interação contínua criam espaços de expressão e resistência.

As obras aqui apresentadas variam de fotografias e documentos históricos a pinturas de arte contemporânea. Cada peça representa os ecos desses fluxos migratórios e como eles contribuem para uma constante reinvenção cultural. Artistas de ambas as localidades dialogam através de suas criações, oferecendo perspectivas únicas sobre as realidades compartilhadas e distintas de seus mundos.

Brasil e Guadalajara, embora separados por vastos oceanos, compartilham histórias de conquistas e deslocamentos que são universalmente ressonantes. Os movimentos entre essas regiões não se limitam a uma única direção, mas são caracterizados por um dinamismo que desafia as fronteiras geográficas e culturais. A exposição também destaca os contrafluxos — as maneiras pelas quais as culturas de acolhimento influenciam os recém-chegados e vice-versa, um testemunho do poder transformador da mobilidade?



Espaço Cultural Correios em Niterói

humana. Fluxos (In)Fluxo fala de cor, de contemporaneidade, de deslocar, de atravessar, perpassa Brasil e Guadalajara; convida à reflexão sobre as complexas redes de relações que definem o mundo contemporâneo. Através desta exposição, esperamos inspirar uma apreciação mais profunda dos processos contínuos de troca e adaptação que são vitais para a compreensão da nossa interdependência global.

Ao visitar Fluxos (In)Fluxo, encorajamos cada um a contemplar não apenas as histórias contadas através das obras expostas, mas também as suas próprias histórias pessoais de movimento e migração. Como esses fluxos moldaram quem somos hoje? Como podemos contribuir para as culturas que nos acolhem e ao mesmo tempo preservar nossas identidades originais?



Curadoria Geral
Patrícia Brito



Nesta pintura a artista se apropria de obras de artistas do Grupo Frente (Aluísio Carvão, Décio Vieira, Ivan Sepa, Lygia Clark, Lygia Pape, Ruben Ludolf e Hélio Oiticica) e Max Bill. A serigrafia de Hélio Oiticica, Mangue Bangú, que aparece no canto direito da pintura, foi inspirada em Mangue Bangue (1971), filme de Neville D'Almeida, sobre o bairro do Mangue, no Rio de Janeiro. Também tenciona questões pertinentes como exploração artística, mas também como interesse social indagando sobre como o projeto eurocêntrico de modernidade e ocidentalização afetou o Brasil na segunda metade do século XX e ainda é consistente hoje. Lança um olhar sobre a perspectiva pós-colonial revitalizada contribuindo para a compreensão da produção de arte brasileira.

A Visita de Max Bill – Mangue Bangue
Trípticos de impressão digital sobre lenço, 205 x 24 cm, 2021-2023
Fernanda Figueiredo (SP)



Exodus
Pintura em técnica mista, 130 x 170 cm, 2022
Brenda Nicole (SP-RJ)











Artista Premiado

Corpo Encanto (série Quem Matou Basquiat)
Pintura em técnica mista sobre algodão, 139 x 180 cm, 2022

IyemejiAde – O Vale (série Quem Matou Basquiat)
Pintura em técnica mista sobre tela, 90 x 60 cm, 2023

Quem Mandou Matar (série Quem Matou Basquiat)
Pintura em técnica mista sobre papel, 42 x 29,7 cm, 2021

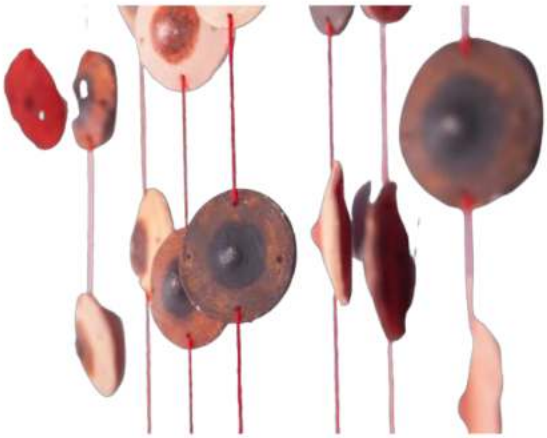
NzalaAkulo – A Praia (série Quem Matou Basquiat)
Pintura em técnica mista sobre tela, 90 x 60 cm, 2023

Desproporção Aurea (série Quem Matou Basquiat)
Pintura em técnica mista sobre papel, 42 x 29,7 cm, 2021

Diogo Nogue (SP)







Colcha de Retratos
Têxtil em técnica mista, 160 x 200 cm, 2023
Fiamma Viola (DF)

Partindo de um estudo autobiagráfico, construi uma colcha de retalhos composta de tecidos conectados. O verso é estruturado a partir de retalhos de camisas masculinas, colcha feita na década de 80 por minha avó Amélia. A frente revela um mural construído a partir de "retalhos retrato" que, um a um, conectam-se à memórias afetivas que entrelaçam gerações e significam uma trajetória e apontam futuros.
À memória matrilinear que me constitui.



Sarau Ocupação Afro-Poética
Performance literária afro-poética <ocupação>, 2024
Sol de Paula (RJ)



A Tempestade
Escultura em inox e técnica mista,
57 x 15 cm, 2023
Hilton Ferrer (RJ)



Guadalajara con A de artista

María de Luca González

Este grupo de artistas forma parte de un libro que es parte de un proyecto de investigación sobre el patrimonio artístico de Guadalajara realizado por mujeres. Está hecho con el apoyo del Instituto de la Mujer de Castilla la Mancha. Recoge los títulos de las obras que pertenecen a las colecciones públicas, los nombres de sus autoras, la técnica con la que trabajaron y el año en que entraron a la colección. Se centra en las obras de las artistas porque durante mucho tiempo han sido ignoradas y constituyen una pequeña parte de nuestro patrimonio cuantitativamente, pero no cualitativamente.

Destacan dos escultoras: Luisa Roldán y Teresa Eguibar, que merecen un capítulo aparte. La primera por ser la única mujer cuyas obras (concretamente dos) pueden verse en las salas del Museo. La segunda por ser la única mujer de la que hay obra en las calles y plazas de la ciudad, ya que es la autora de la escultura ubicada frente a la estación de trenes de Guadalajara (pertenece a la empresa ferroviaria ADIF).

Hay una parte más didáctica del libro que hace protagonista al lector/a ya que presenta 20 obras con propuestas para reflexionar en torno a los temas que representan y para crear obras plásticas a partir de ellas, tratando los mismos temas (ya que fueron importantes para las autoras de esas 20 obras y tienen que ver con la identidad, las relaciones sociales o la relación con el entorno).Otro capítulo del libro está dedicado al colectivo MUART.GU, de mujeres artistas de Guadalajara, por la importante labor que están haciendo por visibilizar el trabajo creativo de las mujeres, utilizando el poder del lenguaje plástico para mostrar aspectos a mejorar en nuestra sociedad en relación a la mujer. Además, acompaña a este material impreso una versión digital de las propuestas didácticas en formato blog (guadalajaraconadeartista.blogspot.es) que facilitará el uso de las mismas, especialmente en el contexto educativo, ya que permitirá el acceso a imágenes y textos para proyectar en el aula.

El proyecto se completa con la divulgación de la investigación con diferentes acciones, presentaciones y talleres. Porque si todas/os tenemos la oportunidad de aportar a la cultura de nuestra ciudad, esta será más rica. Porque si todos/as conocemos y valoramos las obras de mujeres tanto como las de hombres, las podremos apreciar y disfrutar. Y porque las artistas plásticas, al igual que sus compañeros varones, son profesionales; y su trabajo, cuando es bueno, tiene un valor y hay que dárselo para que puedan continuar trabajando.

María de Luca González
Guadalaja,Espanha



Brigit y los Buitres
Técnica mista sobre papel, 70 x 97 cm
Carmen Mansilla Martín (Guadalajara, ES)



Nenúfares
Óleo sobre lienzo, 76 x 111 cm
Cristina Moral Turiel (Guadalajara, ES)





¿Ruidos o sonidos?
Tecnica mista 70 x 50 cm
Antonia Del Olmo (Guadalajara, ES)

Caminos de Papel
Mista sobre tabla, 100 x 100 cm
Belén Morata Guillén (Guadalajara, ES)





Paisaje Castellano
Carboncillo sobre papel, 60 x 180 cm
Elsa González Zorn (Guadalajara, ES)

La casa vacia
Tecnica mixta, 122 x 94 cm
Irene Burgos (Guadalajara, ES)



Veraneantes 04
Grafito sobre papel, 100 x 70 cm
Laura Medina Solera (Guadalajara, ES)









Brigit y los Buitres
Técnica mista sobre papel, 70 x 97 cm
Carmen Mansilla Martín (Guadalajara, ES)

Nenúfares
Óleo sobre lienzo, 76 x 111 cm
Cristina Moral Turiel (Guadalajara, ES)

¿Ruidos o sonidos?
Tecnica mista 70 x 50 cm
Antonia Del Olmo (Guadalajara, ES)

Caminos de Papel
Mista sobre tabla, 100 x 100 cm
Belén Morata Guillén (Guadalajara, ES)







Nuestra Fauna
Óleo sobre lienzo, 100 x 80 cm
María Sánchez (Guadalajara, ES)

Nido
Lápiz y óleo sobre papel, 102 x 72 cm
Marta De La Sota Cores (Guadalajara, ES)

Amigos
Grafito sobre papel, 70 x 90 cm
Maria Manuela Díaz Orjales (Guadalajara, ES)



Benidorm sienta tan bien
Óleo sobre lienzo, 81.5 x 81.5 cm
Paula Cuesta Leal (Guadalajara, ES)





Pasa
Fotografía en papel, 24 x 18 cm
Marta Gil Estremiana (Guadalajara, ES)



Niño y niña sentados
Óleo sobre lienzo, 89 x 116 cm
Soledad Rojo Ruiz (Guadalajara, ES)

Danza 6
Bronce, 42 x 12 x 12 cm
Pilar V. de Foronda (Guadalajara, ES)



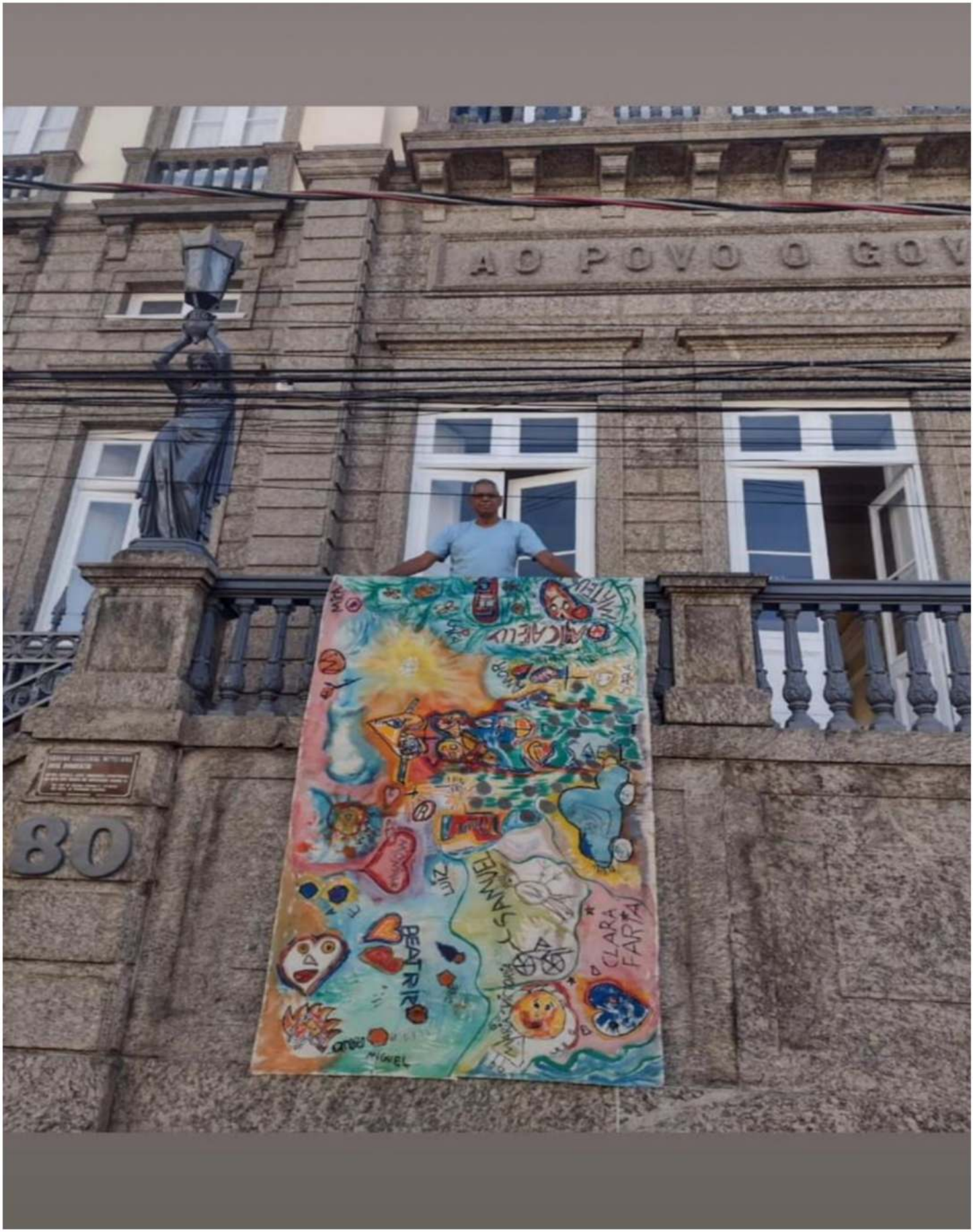
Breath in, Breath out
Acrílico y grafito sobre madera, 60 x 120 cm
Tania Castellano (Guadalajara, ES)



Ventana
Técnica mixta
Sonsolés Marín Lloris (Guadalajara, ES)



Eixo
(RE)imanginando
O Cubo Preto


AO POVO O GOV
80
BEATRIZ
CLARA FARIA
MIGUEL









Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos

(RE)imaginando o Cubo Preto

O eixo expositivo (Re)Imaginando o Cubo Preto da 3ª Bienal Black promove uma interrogação profunda e inovadora dos espaços convencionais de exibição artística. Subvertendo o tradicional "cubo branco" das galerias e museus, este segmento da Bienal propõe uma reconfiguração do ambiente expositivo, convidando o público a um novo tipo de interação com as obras de arte. Nesta reinvenção, o espaço se torna uma extensão da obra, um componente crítico que dialoga diretamente com os temas de transitoriedade, migração e memória que permeiam toda a Bienal.

Ao (re)imaginar este cubo preto, a Bienal desafia a neutralidade supostamente asséptica do cubo branco e suas implicações de limpeza, ordem e isolamento das obras no contexto cultural mais amplo. O cubo preto, ao contrário, é concebido como um espaço que reconhece e incorpora a pluralidade, a intersecção e a dinâmica da arte contemporânea. Este espaço pretende ser um lugar de encontro, onde as histórias e as vozes das diásporas podem coexistir com a expressão artística local, permitindo que esses diálogos influenciem a apresentação e a interpretação das obras.

A escolha do eixo (Re)imaginando o Cubo Preto da Bienal Black, especificamente no Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos (IPN), reforça a visão crítica e inovadora deste segmento. O IPN, local de significativa importância histórica e cultural, está intrinsecamente ligado ao "descarte de corpos", cuja história de migração forçada e às identidades que hoje moldam a cidade do Rio de Janeiro, resistem. Situado em uma parte da cidade marcada por intensos fluxos migratórios e uma relação com o passado colonial, o bairro da Gamboa onde está localizado o IPN após um processo de

207



Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos

higienização urbana, enfrentou também a degradação urbana para hoje se tornar um local de resistência cultural e social.

Neste contexto profundamente simbólico e histórico, o cubo preto é transformado em um laboratório vivo para a exploração de como as identidades são formadas, reformuladas e entendidas. As obras apresentadas no IPN não somente dialogam com o espaço expositivo reimaginado, mas também ressoam com a própria história do local, onde cada peça se torna uma extensão das narrativas de resistência e existência. Este espaço, portanto, não é apenas um local de exibição, mas um ponto de convergência onde o passado e o presente se encontram, oferecendo uma nova perspectiva sobre as dinâmicas complexas do mundo contemporâneo.

Neste eixo, a Bienal Black não apenas exibe arte; ela provoca, interroga e reimagina o papel do espaço expositivo na construção de narrativas culturais. É um convite para que todos os visitantes não apenas vejam, mas também participem e contribuam para uma conversa contínua sobre o que significa criar e experienciar arte em nossos tempos. Através deste diálogo constante e evolutivo, "(Re)Imaginando o Cubo Preto" busca oferecer um modelo alternativo para a compreensão e apreciação da arte, um que seja verdadeiramente inclusivo, representativo e reflexivo das dinâmicas complexas do mundo contemporâneo.

Curadoria Geral
Patrícia Brito

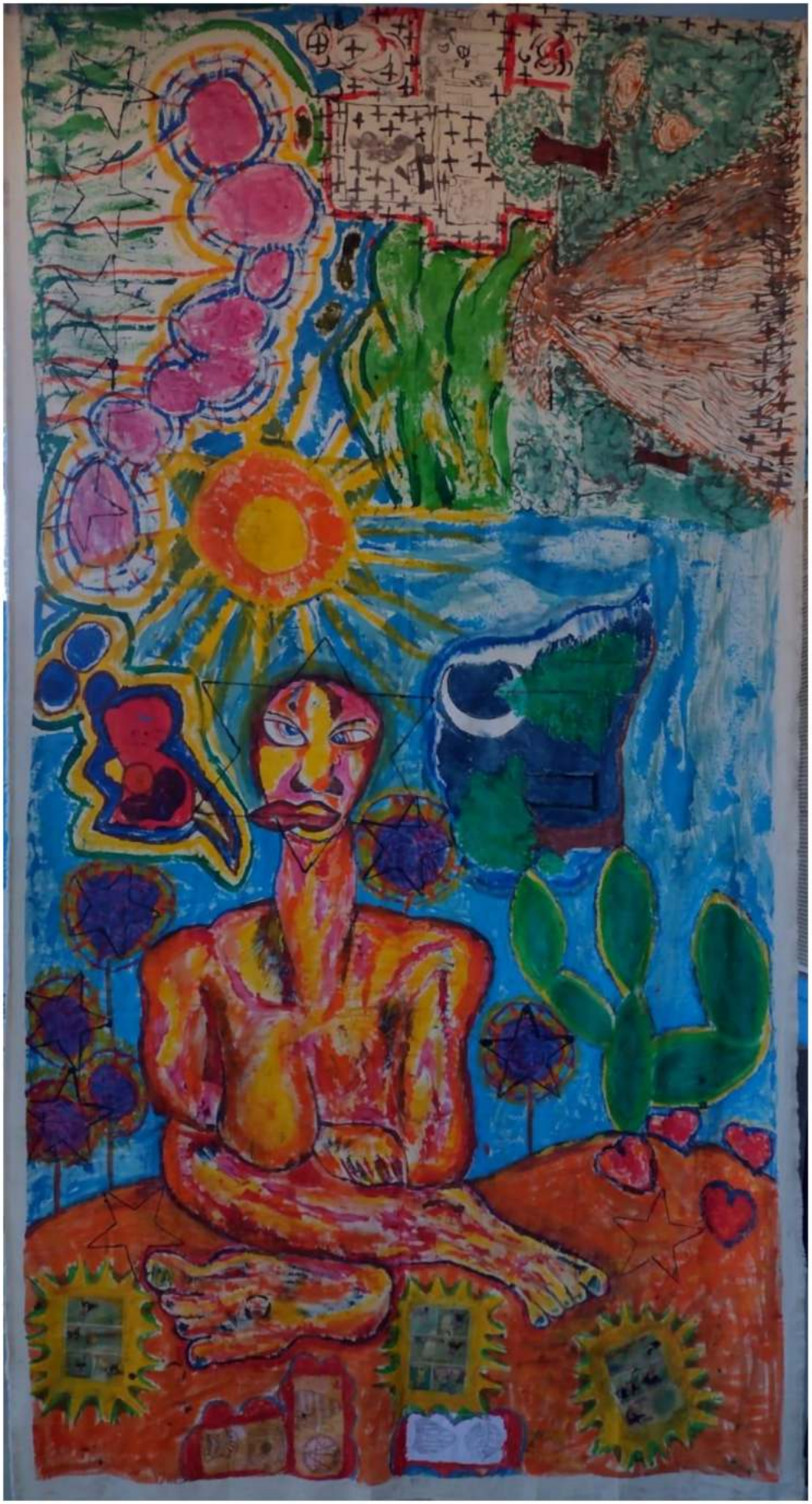


O contágio da Felicidade

Pintura em técnica mista sobre lona crua, 140 x 120 cm, 2023

Rodrigo Sini (RJ)





Empática
Pintura em técnica mista sobre lona crua,
150 x 150 cm, 2023 (página anterior)

Negritude
Pintura em técnica mista sobre lona crua,
150 x 300 cm, 2023
(Homenagem ao 100 anos do Modernismo)
*Fotografia Paula Solange

Coletivo Ponto de Fuga (MG)



Obra criada em oficina coletiva com alunos de escolas do entorno do Instituto de Pesquisa e Memória dos Pretos Novos, ofertada pelo artista Robson Ferreira do Coletivo Ponto de Fuga.

No topo, intervenção da obra na fachada do Museu da História e da Cultura Afro-Brasileira (MUHCAB).



A confluência do corpo na dança-teatro: uma performance artística

Vinicius

Fazer parte desta bienal de arte e reforçar a dança-teatro e sua importância singular como performance artística dentro da linguagem artística desta edição, refletiu os temas centrais de transitoriedade, migração e memória em muitos trabalhos. A dança-teatro se alinhou perfeitamente com a proposta da Bienal de explorar e celebrar a riqueza das narrativas afro-diaspóricas.

Nesse contexto, o corpo tornou-se um veículo poderoso de expressão, capaz de transcender palavras e criar um diálogo visceral e sensorial com o público. A dança-teatro emerge como uma forma híbrida de expressão artística, fundindo os elementos dinâmicos da dança com a narrativa dramática do teatro. Essa confluência transforma a fisicalidade em um meio de explorar e refletir sobre questões sociais, culturais e existenciais, trazendo uma profundidade singular à performance artística. O corpo por si só, é simultaneamente sujeito e objeto da arte. Os movimentos coreografados não apenas narram histórias, mas também expressam emoções e estados psicológicos de maneira visceral. A fisicalidade dos artistas, seus gestos e posturas, carregam significados múltiplos e ambíguos, permitindo interpretações diversas e um envolvimento profundo do espectador. A presença tanto de videoarte como vídeo performance, utilizaram-se do corporal, e ampliaram cada movimento intencional carregado de simbolismo. Esse gênero artístico também desafia as fronteiras tradicionais entre o palco e a plateia, promovendo interatividade e conectividade física e emocional. A proximidade entre o performer e o público cria uma conexão íntima, muitas vezes quebrando a quarta parede e envolvendo os espectadores em uma experiência imersiva. A dança-teatro, portanto, não é apenas um espetáculo para ser assistido, mas uma vivência a ser sentida e interpretada de maneira pessoal e única. Além disso, a confluência do corpo na dança-teatro abre espaço para a inclusão de diversas identidades e histórias, refletindo a pluralidade e complexidade do ser humano.

Performances podem abordar temas de gênero, raça, classe e outras dimensões da identidade, utilizando o corpo como uma ferramenta de resistência e empoderamento tornando-se um palco para a diversidade, promovendo a conscientização e a transformação social.

Vinicius
Coreógrafo e diretor artístico e gestor do Momentos World
Europa-Brasil

AGRADECIMENTOS

A Bienal Black gostaria de agradecer ao patrocínio recebido do **Grupo Carrefour Brasil** possível através de **Lei de Incentivo à Cultura – Lei Rouanet**, ao apoio da cidade do Rio de Janeiro pela Prefeitura do Rio através da Secretaria Municipal de Cultura e dos equipamentos culturais, Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica, Centro de Artes Calouste Gulbenkian, Cidade das Artes, Teatro Municipal Gonzaguinha e Centro Coreográfico da cidade do Rio de Janeiro, ao Centro Cultural Correios e ao Espaço Cultural Correios (esse na cidade de Niterói), ao Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos co-parceiro do Museu da História e da Cultura Afro-Brasileira, e ao Museu do Samba. A parceria e colaboração da Mawon e do Coletivo Arla. Ao apoio internacional recebido por artistas do exterior pela Fundação Calouste Gulbenkian, República Portuguesa Cultura, DG Artes Direção Geral das Artes, União Negra das Artes, Colectivo Mujeres Artistas Guadalajara, Colectivo de Estudios Afrolatinoamericanos da Udelar, Intendencia Montevideo através da Secretaria de Equidade Étnico Racial, Casa Silvana, de Porto Rico, Momentos World da Alemanha, Museo de las Mujeres de Costa Rica, International Association of Women's Museums da Itália. Com agradecimentos adicionais aos curadores convidados Julio Pereyra, Edwin Velázques, Vinicius e Claudia Mandel Katz, à equipe da Black Brazil Art <estagiário Guilherme Silva, o tradutor e articulador internacional Marcel Pierre, o design Alexandre Brito da Consultec, a Gabriela Cruz, nossa interprete de sinais da Interpretês, ao assessor de imprensa e amigo Isidoro Guggiana que já soma mais de 20 anos trabalhado junto, a produção competente do Rio de Janeiro da D23 na pessoa de Adriana Lemos e sua equipe, Marcio, Isabela, Dalis, ao assistente Alexandre Avelar e aos artistas que auxiliaram na montagem de seus projetos. Agradecimento especial à Curadora e Idealizadora Patrícia Brito, que sem seu atrevimento em discursar com os artistas uma contranarrativa artística forjando novos espaços, seria muito difícil chegar à essa terceira edição da Bienal Black. As muitas narrativas incorporadas na Bienal Black não existiriam sem seus esforços inestimáveis. Ao artista Luis Gustavo Guimarães por aceitar o desafio de criar nossa capa.

Patrocínio

Apoio

Apoio Internacional

Acessibilidade

Design

Colaboração

Produção

Assessoria de imprensa

Realização

Fluxos [in]Fluxo

Transitoriedade, Migração e Memória

